

REVISTA DA SEMANA

N.º 39

25-9-48

Cr\$ 3,00 em todo o Brasil





AÇUCAR PEROLA



PRODUTO ECONÔMICO,
DE GRANDE PUREZA,
SÊCO, DISSOLVENDO-SE
INTEIRAMENTE, DANDO
MAIOR RENDIMENTO
QUE QUALQUER OUTRO.



FÁBRICA
RUA PEDRO ALVES, 319
TEL. 43-4830
RIO DE JANEIRO
CAIXA POSTAL 1224

COMPANHIA USINAS NACIONAIS

Tema de todos

O primeiro fio de cabelo branco deu-lhe uma grande melancolia. Fê-la lembrar-se dos seus 30 anos já transpostos... Mirou-o longamente sobre a palma da mão. O fio sedoso não chegava a ser branco, era apenas claro. Por isso que no meio dos outros aparecia tão fugidio, misturava-se, emergia, tornava a confundir-se.

Só mesmo ela, com a sua mania de revistar-se, pôde descobri-lo. E ali estava, desbotado, como os outros ficariam... Essa evidência fazia-a pensar, intimidada, sucumbida, nos anos que nenhuma força humana deteria.

Quando ia esquecendo o maldito fio esbranquiçado, dois outros surgiram, brilhantes, talvez mais claros. Aí se alarmou. Inúmeros outros apareceriam, teria que tingir os cabelos, sim, ocultar de si própria aqueles acabrunhantes sinais...

De noite teve um sonho pavoroso. Via-se com tufo enormes de cabelos brancos, pintava-os com uma tinta que o marido lhe trazia, a tinta começava a largar nele, como tigna, e o branco voltava a aparecer. Então o marido lhe fugia e ela atirava-se no seu encolço, chorando, implorando que ele não tivesse medo, mas quando o alcançava já não era o marido, era um velho trôpego que lhe caía às mãos.

Durante dias e dias não conseguiu se desfazer de uma penosa impressão de desgosto. Por toda parte, a todas as horas, era aquilo — um pêso dentro de si, um apêto, um desalento, uma falta não sabia de quê.

Deu para reparar em pessoas das suas relações, rapazes e moças que vira crianças, cercadas de apaleios, fazendo manha numa língua truncada que fazia rir, enfatiotadas para a primeira comunhão, recitando nas festas escolares, correndo na rua, esbaforidas, ganhando ralhos... Agora eram homens, mulheres feitas, alguns casados, avançando na vida, galgando a vida. Milagre do tempo... E vinha-lhe, com a consciência de ter avançado também, um despeito irreprimível. Espantava-se de tudo isso, quisera, talvez, que os outros tivessem estacionado...

E pensar que houve tempo em que ambicionou ser "pessoa grande"! Como sonhou com as meias compridas, com os vestidos de moça! Quantas vezes mentiu aumentando a idade para se dar mais importância! A vaidade que tinha de ser admitida nas conversas, as paixões secretas que consagrou a moços namorados das amigas de sua mãe! Como se envergonhava de ser a mais jovem da classe!...

Então parecia-lhe desesperadoramente lenta a marcha do tempo. Desejaria alcançar em idade as alunas do último ano e julgava, não sabe como, que isso era possível. Seu grande orgulho daquele tempo era ser maior do que algumas colegas mais velhas.

Agora pesam-lhes todas essas coisas que tanto se impacientou por alcançar. Oh! A assustadora advertência dos primeiros cabelos brancos! Outros repontariam, saltadamente primeiro, depois mais assíduos e sempre mais numerosos.

Devia também espreitar as primeiras rugas. Começariam pelos cantos dos olhos, pela testa, pelo pescoço? Viriam desde logo, como vincos permanentes, ou se apresentariam, apenas quando risse, quando apurasse a atenção, quando contraísse a fisionomia?

E a frescura da pele quando começaria a fugir-lhe? Talvez quando começasse a engordar ou a murchar, pois um dos dois destinos os anos trazem.

Também devia cogitar da morte. Cada dia encurtava-se a distância até ela. Ainda teria certamente muitos anos a seu crédito, mas agora, pela primeira vez, considerava o prazo que lhe restaria... E, pensando bem, não seria muito mais feliz se a morte lhe tocasse antes de conhecer a decadência física, antes de experimentar a humilhação de viver à margem da vida?

REVISTA DA SEMANA

COLABORAÇÃO

Tema de todos (Umberto Peregrino) ..	3
O Colégio Pedro II nas "Memórias" de Taunay (José Teixeira de Oliveira) ..	24
Bilhetes do meio do mundo (D. G. Coimbra) ..	53

BIOGRAFIA

A vida de George Fox (Henry Thomas e Dana Lee Thomas) ..	14
--	----

REPORTAGENS

A vaca é honesta (Milton Pedrosa) ..	6/11
São Paulo escolheu "Miss Garoa" ..	12/13
Eleanor Parker no Rio ..	16/17
Paulo Gracindo volta ao teatro (Demóstenes Varela) ..	15
Manuel Faria, um pintor de merecimento ..	25
O cinema nacional em marcha ..	26/29
Já sabe qual é a sua vocação? (Zóia de Laet) ..	30/33
Senhora Gregorian versus Beatriz Costa (Nelson Vainer) ..	34/35

CONTOS

O sinal (Newton Freitas) ..	19
Desengano (Péricles Leal) ..	20/21
O telefone (Joel Silveira) ..	22

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista ..	4
O Mundo Marcha ..	5
Broadcast ..	15
Vida Literária ..	23
Livros Novos ..	24
Música ..	46
Cancioneiro Internacional ..	56

SUPLEMENTO DA MULHER

Nos bastidores femininos (Kitty) ..	37
Mães e filhos (Zóia de Laet) ..	38
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) ..	43
"Week-end" na cozinha (Marie Cook) ..	44
Muro das lamentações ..	45
A personalidade da semana (Sarah Marques) ..	47

ILUSTRADORES

Abelardo Zaluar,
Jerônimo Ribeiro
Ana Zagorska

REVISTA DA SEMANA



NOSSA CAPA

Apresentamos em nossa capa de hoje a jovem e linda artista inglesa Jean Simmons, intérprete do filme inglês "Narciso Negro", juntamente com Sabu e Deborah Kerr, e que acaba de ser considerada pelo júri do Festival Internacional de Cinema, em Veneza, a maior artista de 1948, pelo seu admirável desempenho em "Hamlet", no papel de Ofélia, ao lado de Sir Laurence Olivier.

a Semaninha EM REVISTA

IDÉIAS PARA UM CONGRESSO DE ACIDENTADOS



O número de acidentes de automóveis no Rio de Janeiro vem crescendo assustador. Diariamente ocorre um atropelamento por auto na cidade, ou melhor, uma meia dúzia deles, no centro, nos subúrbios, nos bairros. A Inspetoria não tem forças para coibir os tresloucados automobilistas, e o resultado é este que se vê. Ninguém mais tem segurança ao atravessar um logradouro, nem mesmo na calçada pode-se ficar descansado. São vários os fatores do problema, e nesta revista, em tópicos e reportagens, já abordamos diversos deles. Um dos mais graves, se não o maior, é a condescendência criminosa que alguns inspetores de tráfego têm para com os transgressores do regulamento. O carro passa em excesso de velocidade, ou em contra-mão, e eles apitam. O carro pára, dá meia-volta, o "chauffeur" mos-

tra a carteira e dentro dela vai a pelega salvadora de dez cruzeiros. Fica tudo por isso. Não se cria, dêste modo, uma mentalidade de obediência às regras do tráfego. E não havendo esse freio, lá vem o dia em que o carro em disparada põe fora da vida o cidadão que atravessa a rua pensando no aumento. Outra falha é a aprovação em massa dos candidatos a motorista. A não ser o inspetor Estréla, poucos são os examinadores que reprovam os alunos. Basta ter pistolão para que o "barbeiro" seja considerado profissional. Há ainda um terceiro ponto, esse referente à legislação em vigor, que precisa ser modificado. As penalidades criminais para o "chauffeur" que atropela e mata um transeunte são mínimas. As reincidências no atropelamento com ferimentos graves não são levadas em consideração como deviam. Há motoristas que têm no cadastro da Inspetoria uma folha pregressa de trabalho com tantos ferimentos como tem o "Zé da Ilha" a sua ficha na Polícia. Enquanto o "Zé da Ilha" fica conhecido como um elemento perigoso, sempre vigiado pela Polícia, o "chauffeur" relapso continua lampeiro com o seu carro fatídico, atropelando, ferindo, até que em um desastre maior

ele também bata as botas. Os nossos legisladores precisam quanto antes reformar as leis penais para dar maior punição aos motoristas culpados. O "O Jornal" já por várias vezes tem lembrado isso às autoridades e até agora nenhuma delas tratou do assunto. De nossa parte vamos sugerir um complemento às idéias do nosso confrade. Quando inspetores de tráfego e legisladores se reunirem para a reforma dessas leis caducas, não se esqueçam de reunir os maiores interessados, os atropelados, para que deem sua opinião. Aliás, se demorar a ação das autoridades os recém-atropelados podem mesmo organizar um Congresso de Acidentados destinado a estudar e pôr fim ao problema. Seria um quadro interessante ver-se centenas de aleijados, capengas, com braços enfaixados, cabeças enroladas em gaze, em passeata até a Câmara Municipal pedindo leis que livrem os outros cidadãos de acidentes semelhantes. O carioca anda cada vez mais sub-nutrido, com problemas de salário na cabeça e mil outras inquietações. Nesta emergência é preciso que os legisladores nos garantam a vida na rua, já que a de dentro de casa vai cada vez pior.

A AVENIDA DUQUE DE CAXIAS



Para junto do Ministério da Guerra foi transferida a estátua do patrono do Exército, o marechal Duque de Caxias. Embora nos pareça infeliz, no desenho e na execução, o novo pedestal, em desacordo com o monumento, não podemos deixar de reconhecer que os militares tinham suas razões para querer que ficasse localizado perto do Ministério da Guerra a estátua equestre do grande soldado. No largo do Machado, — que, a despeito da mudança do nome, continuou a ser conhecido pela denominação tradicional, — não havia espaço para formaturas militares, nas grandes datas do Exército, especialmente nas datas, bastante numerosas, que lembram feitos de armas ou atos

mudança da estátua, a grande avenida, que é conhecida pelo nome de avenida Presidente Vargas, ou avenida Getúlio Vargas, passará, por decisão do prefeito, general Mendes de Moraes, a se chamar avenida Duque de Caxias. Não sendo menos importante em nossa história do que Floriano Peixoto, que tem o seu nome numa das praças centrais, ou do que o general Osório, que batizou uma grande praça em Ipanema, o Duque de Caxias apenas crismou o largo do Machado, que continua persistentemente a ser conhecido pela antiga denominação. O prefeito do Distrito Federal já foi autorizado a trocar o nome daquela avenida, sendo-lhe sugerido o de Castro Alves. O que houve, de deplorável, na escolha do nome atual, é que esse nome obedeceu a um móvel único, o do engrossamento do ex-ditador, tendo sido dado àquela avenida por um dos seus prepostos, desejoso de manter-se no cargo. Dar-se o nome de pessoas vivas a ruas e praças públicas é coisa que, aliás, devia ser proibida pela nossa legislação, a fim de evitar-se o abuso de tais engrossamentos. Avenida Duque de Caxias ou avenida Castro Alves, — de um modo ou de outro estaria sendo homenageado um dos nossos grandes mortos. E só os mortos devem receber essa consagração, através dos juízos da posteridade.

ONDA DE CRIME



A ninguém deve estar passando despercebida a onda de crimes, os mais revoltantes e monstruosos, cometidos diariamente nas capitais e no interior do País. Aqui no Rio podemos contar várias vezes no mês seis a oito crimes noticiados em "manchetes" no mesmo dia na primeira página dos jornais. Do interior, os correspondentes estão anunciando cada vez com mais frequência assassinios horripilantes. O que mais assusta o espectador que estuda esses fatos é o seu índice cada vez maior. Sabe-se que o fim das grandes hecatombes, como foi a última guerra, traz uma insensibilidade, um desapêgo à vida do próximo, um incentivo ao trágico, fazendo aumentar por tudo isso o número de crimes, de suicídios, de pactos de morte. Haverá meios de pôr um paradeiro nessa

psicose coletiva? Os criminologistas devem opinar. A Polícia, que por obrigação legal deveria agir preventiva e repressivamente, atua somente neste último caso. Depois dos crimes e acidentes ocorridos descobre o criminoso e entrega-o à Justiça. Nesses tempos anormais, precisa-se, porém, mais de ação preventiva do que de qualquer outra. Com o policiamento atual é quase impossível fazer-se isso. A prevenção de crimes envolve primeiramente uma ação de saneamento moral e espiritual, não só das multidões como do indivíduo de per si. Esta ação estaria mais facilmente ligada às escolas, aos sindicatos, aos jornais, às igrejas — de qualquer culto sejam elas — e às autoridades patronais, cuja ação e modo de conduta servem muitas vezes de espelho aos seus subordinados, quando não cria recales que vão explodir em tempo e lugares diferentes. Outro fato que se nota na onda de crimes que avassala o País é que os assassinios são praticados por pessoas de baixa condição social e por pessoas de nível superior. Alguns observadores apressados vêem no cinema, nas histórias em quadrinhos e no noticiário cru dos jornais um excitamento aos desejos incubados de

prováveis criminosos. Mas se esquecem de procurar por que existe este incubamento, essa frustração que mais tarde vai degenerar em homicídio ou suicídio. Os sociólogos e os criminologistas devem descobri-las e receitar o remédio para essa grande doença. Deve haver válvulas de escape para outras que libertem operários, comerciários, intelectuais, ricos e pobres, negros e brancos, da atração do crime. A cadeia está se enchendo diariamente de criminosos, os hospícios de psicopatas e o problema continua se agravando, sem solução. Inicia-se o círculo vicioso com o noticiário abundante das tragédias chocando e desequilibrando espíritos ainda pacatos e de bom senso. O crime de hoje não é mais aquele tiro honesto na barriga do camarada que nos queria roubar. E' o envenenamento lucreciaborgiano, é o entêrrio do cadáver à Põe — com as mãos de fora da terra — e a tragi-comédia dos amantes envenenando-se com um bolo gostoso e fatal feito pela amada. E' o filho que mata a amante do pai e outras coisas novelescas. Quem sugerirá a solução para a tragédia desse problema?

ANO XLVII
N.º 39 — 25-9-48

REVISTA DA SEMANA

Diretor-Secretário:
R. MAGALHAES JUNIOR

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS
A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS
Porte simples: Um ano — Cr\$ 140,00; Seis meses Cr\$ 70,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 85,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO
Registrada: Um ano — Cr\$ 270,00; Seis meses — Cr\$ 140,00
O número avulso custa 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3,50
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro
Tels. — Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447; Publicidade: 22-9570;
Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Corres. na Bahia: J. Machado Cunha, Av. 7 de Setembro, 149, Cld. do Salvador, Bahia. EM SÃO PAULO — Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 67 — Tel. 4-1569 — Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro Tobias, 613 — 2.º andar, sala 217. Telefone 6-6718.

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguilar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34 dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituintes, 1746, Montevideu. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299. Tel. 32. Avenida 9109, Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO

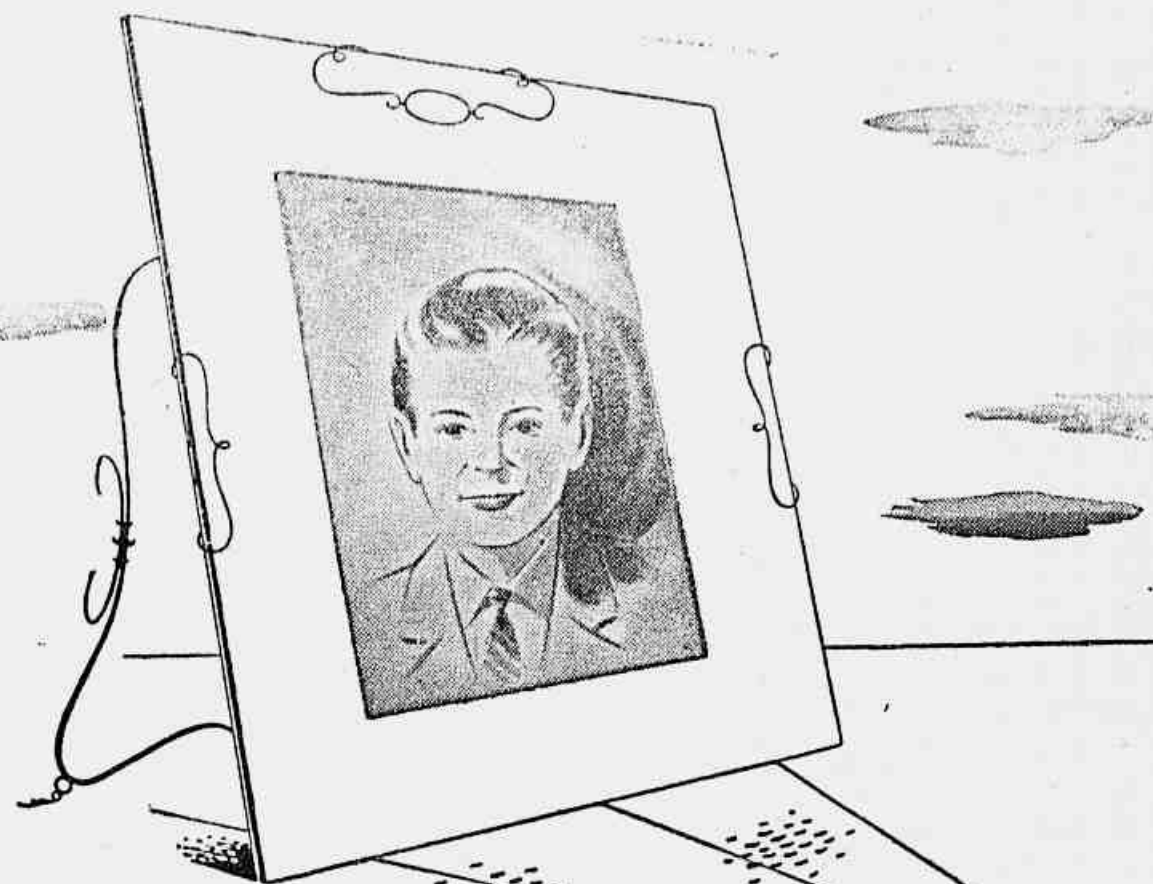
Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PÁGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.



Segundo acredita o correspondente Harry Frantz, da United Press, quando os Estados Unidos entrarem em guerra com a Rússia, o Brasil entrará também no brinquedo. Não porque nos interesse diretamente a luta entre os dois "bigs", mas porque teremos de seguir a "inelutável lógica dos assuntos mundiais"... Jorge VI pediu ao Parlamento britânico que reduza o poder da Câmara dos Lordes, acompanhando assim a petição do governo trabalhista que solicitou a redução de 2 para 1 ano da faculdade que cabe à Câmara dos Lordes de retardar a aprovação de uma lei... A agitação anti-comunista em Berlim agravou-se depois que as autoridades russas condenaram cinco estudantes alemães acusados de terem atacado soldados russos e arriado a bandeira comunista na Porta de Brandeburgo. Os estudantes foram condenados a vinte e cinco anos de trabalhos forçados e não tiveram, ao menos, possibilidade de defesa... Tito aprendeu os métodos de debelar a dissidência partidária com o seu chefe de Moscou, mandando fuzilar quarenta e três compatriotas, acusados de traição ao governo titolista... Parece que Thomas Dewey, favorito absoluto nas próximas eleições nos Estados Unidos, continuará a corrida armamentista norte-americana. Disse ele que os Estados Unidos deverão organizar um programa de defesa extremamente forte para que jamais alguma potência estrangeira caia no engano de atacá-los... O sr. João Câmara, do Rio Grande do Norte, tomou posse no Senado, investindo-se no exercício do mandato no último dia que lhe concedia o prazo regimental... No dia dezoito passado foi comemorado pelo povo e governo o segundo aniversário da Constituição. Apesar de os resíduos quemistas e ex-situcionistas não se habituarem às normas da constitucionalização, vamos marchando para a democracia... A pequena república de Cuba pensou que poderia gerir independentemente os seus negócios e planejou restrições de certos produtos importados. Imediatamente os Estados Unidos propuseram uma série de sanções econômicas se tal acontecesse. O governo cubano teve que revogar os seus propósitos... A Liga do Comércio do Rio de Janeiro denunciou que o projeto de lei sindical elaborado pelo deputado João Mangabeira elevaria essa taxa até dois mil por cento sobre a cobrança atual. Se é dessa maneira que o Legislativo pensa cobrir o "deficit" orçamentário, coitado dos contribuintes... O arroz tipo "amarelo" continua envenenando quem o come. Cuidado com ele... Não será aumentado o preço do cafézinho. Boa notícia para quem não tem dinheiro para almorçar e engana o estômago com a deliciosa rubiácea... O dr. Odilon Braga foi nomeado presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, substituindo o ex-presidente Pinto Lima, recentemente falecido... A Central do Brasil, que andava direitinha a respeito de acidentes ferroviários, desgringou-se novamente. Depois do desastre numa estação próxima de São Paulo, ocorreram dois outros: um na estação de Sampaio e outro entre as estações de Mário Belo e Serra. Por milagre, nestes dois últimos não houve vítimas... O ministro Bramuglia, chefe da delegação argentina que tomará parte na Assembleia Geral das Nações Unidas, disse, ao passar por Las Palmas, que a Argentina teria muito prazer em ver a Espanha na O.N.U. Julgando os crimes contra a democracia ou sendo julgada, sr. ministro?... José Maria da Conceição matou um seu ex-companheiro de trabalho a enxadadas, enterrando-o com as mãos de fora. Móvel do crime: roubar seiscentos cruzeiros da vítima. "Doceiro" assassinou Laurindo Gomes da Costa, no morro de Jacarezinho, por causa de um quilo de sabão. Em Niterói, "Zinho" baleou Eduardo Lúcio de Oliveira por causa de Raimunda. Dois amantes suicidaram-se comendo um bolo envenenado. Um soldado do 2º Batalhão de Infantaria Blindada atirou com um bofetão uma mulher debaixo de um ônibus, que a matou. Estes são crimes de um dia apenas no Rio e em Niterói, de acordo com o noticiário dos jornais... O general Leslie Groves, chefe militar das investigações atômicas norte-americanas, rebatendo as acusações de que teria divulgado segredos atômicos, declarou que seria impossível fazê-lo levando a fórmula debaixo do casaco. Para divulgar o segredo aos russos teriam que ser examinados cinquenta mil planos ou contrabandear para Moscou noventa toneladas de papel contendo fórmulas... Enquanto isso, quarenta por cento dos cientistas do Centro de Estudos Atômicos de Oak Ridge pediram demissão, declarando que não podem trabalhar sob a constante ameaça de se verem julgados, de um momento para outro, exercendo atividades anti-americanas. Com essa demissão em massa ficaram quase paralisadas as pesquisas... O coronel Augusto Imbassahy, enviado especial do presidente da República ao Piauí a fim de observar a crise por que atravessa aquele Estado nordestino, apresentou um relatório claro e honesto ao sr. ministro da Justiça expondo a situação. Diz, a certa altura, o observador presidencial: "O Piauí sofre presentemente as consequências de quatro grandes crises: a) crise de autoridade; b) crise de política; c) crise financeira; d) crise econômica". No relatório sugere várias medidas que poderiam debelar a crise. Protestamos, porém, contra o cercamento da liberdade de imprensa que invoca. Se o jornal "O Piauí" promove uma campanha violenta contra os poderes do Estado, isso se deve mais aos caos administrativos e à própria crise de autoridade citada pelo coronel Imbassahy. O fechamento dos jornais da oposição seria uma arbitrariedade que poderia dar ensejo a muitas outras... Um fato curioso ocorreu na Câmara dos Deputados. O parlamentar Vivaldo Lima protestou contra a concessão de 180 dias de licença para tratamento de saúde que a Casa lhe dera. Declarou que nada pediria. Trata-se, por certo, de uma pilhéria de mau gosto. Enquanto o sr. Vivaldo Lima recebe a licença e se nega a descansar, muitos outros deputados descansam sem pedir licença... Faleceu o sr. José Bertaso, fundador da Livraria Editora do Globo e ex-deputado da Assembleia do Rio Grande do Sul... O Passeio Público vai ganhar mais um busto. Será o do historiador Rocha Pombo. Estude-se bem o local da herma para evitar mudanças posteriores... O líder da minoria na Câmara, deputado Prado Kelly, declinou gentilmente da homenagem que amigos e correligionários iriam lhe prestar por motivo de sua eleição para presidente da U.D.N. Muito bem, sr. deputado! Vamos trabalhar mais e usar menos foguetórios e rapapés... O "Jornal da Associação Médica Americana", editado em Chicago, anuncia a descoberta de um rim artificial, fabricado de celulose e submetido a diversos processos químicos, que desempenha com perfeição as funções do rim natural. Não deve demorar a fabricação de outros órgãos artificiais, que substituirão os que tivermos no corpo, já cansados e doentes. Quanta gente ficará contente... Por hoje é só... Até a próxima...



Que será seu filho AMANHÃ?

advogado
engenheiro
médico ou...?

Seu futuro depende do presente — da sua capacidade para dedicar-se aos estudos. Depende das energias que o Tônico Infantil fornece ao organismo da criança. Contendo em sua fórmula fósforo, cálcio, arsênico, iodo, tanino e vitaminas — os elementos de que as crianças mais necessitam na idade escolar — Tônico Infantil permitirá a seu filho ser, hoje, um colegial exemplar... amanhã, homem de verdade.

TÔNICO INFANTIL



REVISTA DA SEMANA

Solicitado por outras inclinações do seu espírito e tendo projetado uma viagem de recreio a alguns países da Europa Ocidental, inclusive a França, acaba de exonerar-se das funções de diretor-secretário da Companhia Editora Americana o jornalista R. Magalhães Júnior, que há quase três anos emprestava à "REVISTA DA SEMANA" seus serviços profissionais, valiosos e brilhantes, dos quais nos privamos em razão daqueles motivos, apresentados de forma irrevogável. Escritor três vezes premiado pela Academia Brasileira de Letras, jornalista que manteve colunas assinadas na "A Noite", "Folha Carioca" e, agora, no "Diário de Notícias", continua R. Magalhães Júnior, entretanto, a manter as melhores relações com esta casa, a que está vinculado sentimentalmente, por ter sido em período anterior, um dos seus mais assíduos colaboradores e secretário, igualmente, de "A Cena".

Lamentando o seu afastamento, apresentamos-lhe os melhores votos de boa viagem e de breve regresso.



PARA MENINOS E MENINAS

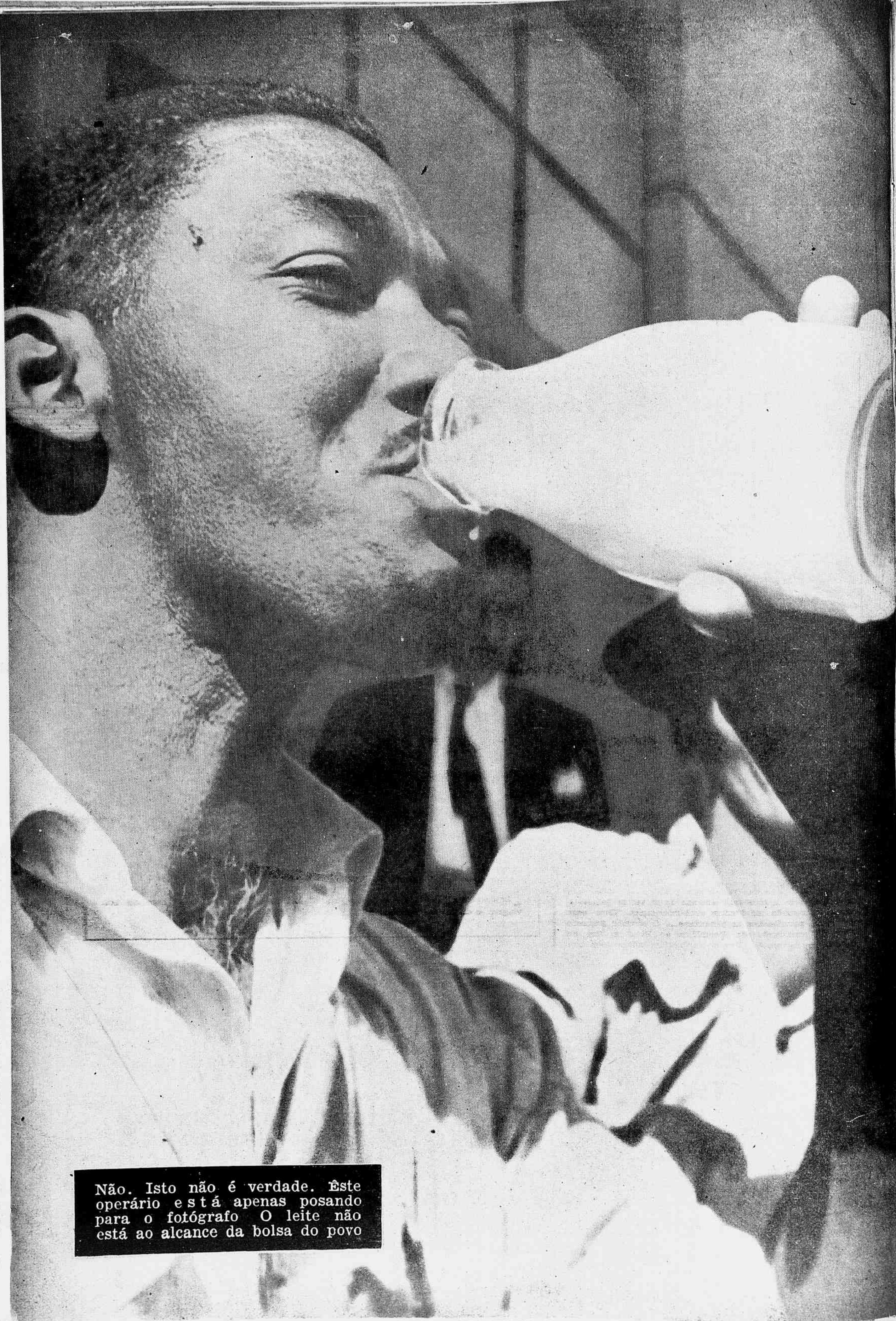
Venda a varejo por preço de atacado

Grande sortimento de roupas para crianças de 2 a 16 anos a preços realmente da fábrica. Peçam catálogos.

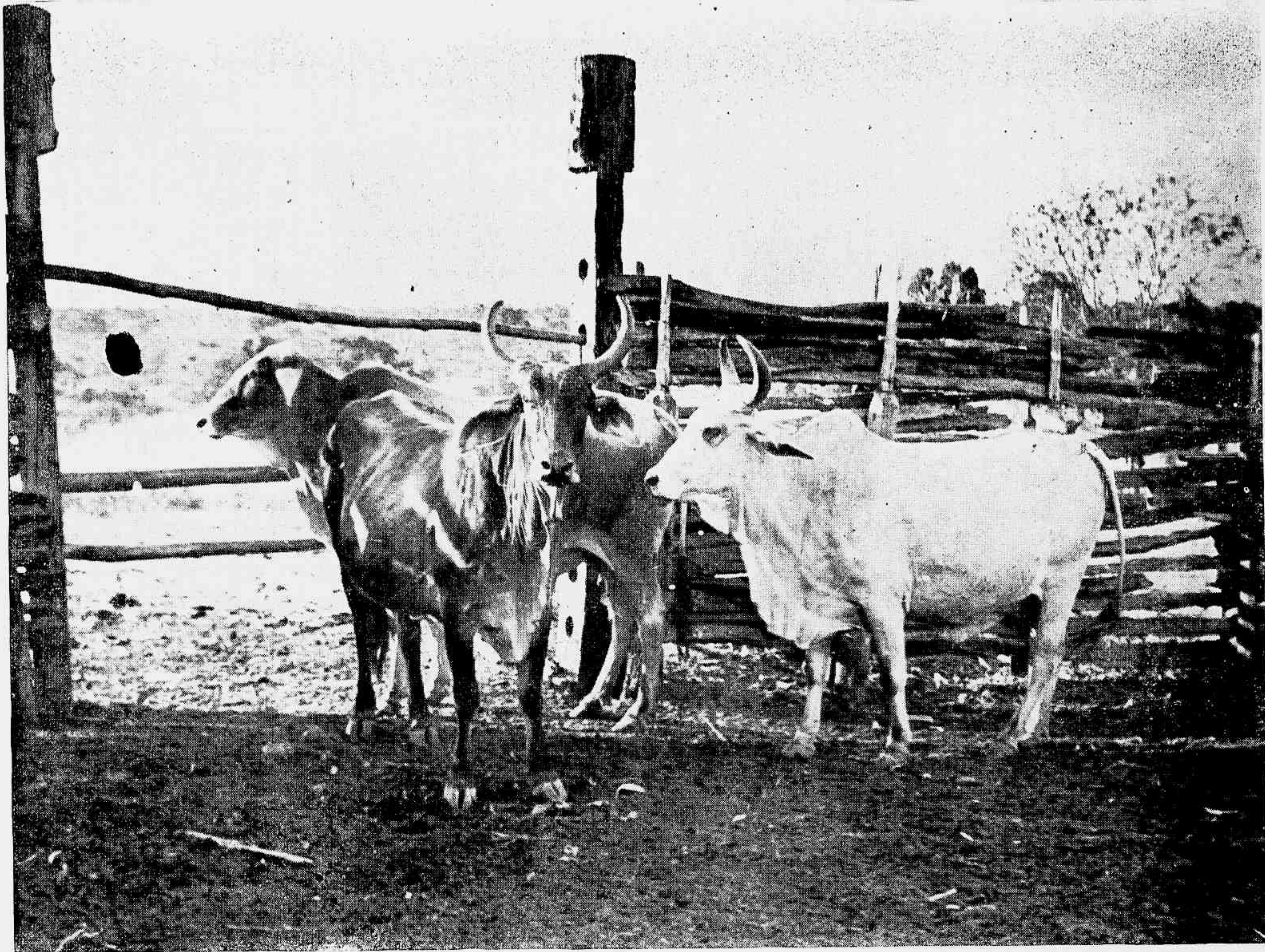
Atendemos pelo REEMBOLSO POSTAL

FÁBRICA - RUA HADDOCK LOBO, 54
(Estácio de Sá) - RIO DE JANEIRO - BRASIL





Não. Isto não é verdade. Este operário está apenas posando para o fotógrafo. O leite não está ao alcance da bolsa do povo



As vacas são honestas... e por azar ainda são magras. Por isso sua produção é escassa

A VACA É HONESTA...

O PREÇO NAS FAZENDAS E PARA O CONSUMIDOR ★ OS FAZENDEIROS QUEREM AUMENTO ★ OS INTERME-
DIÁRIOS TAMBÉM ★ SALVOS DE CIRROSE

Reportagem de MILTON PEDROSA

★

Fotos de AUGUSTO CARDOSO

Falemos do leite — "o mais legítimo produto da vaca", como me declarou um fazendeiro amigo. Não importa que um cientista norte-americano haja descoberto que é ele tão nocivo ao nosso fígado quanto as bebidas alcoólicas e que, mamado fora do peito materno, em nada contribui para o desenvolvimento do organismo.

No caso particular do Brasil, grandes males não terão advindo dessa nocividade e a revelação científica terá contribuído apenas para justificar a impossibilidade da aplicação prática por parte dos brasileiros do divertido conselho do SNES, no seu inesquecível e cotidiano "beba mais leite".

E o fígado nacional tem sido salvo desse velho, mas só agora revelado "perigo", por dois fatores fundamentais, os quais — justiça se faça — devemos aos homens que nos governaram e que ainda nos governam: o alto preço do leite e o abaixo poder aquisitivo do possível consumidor.

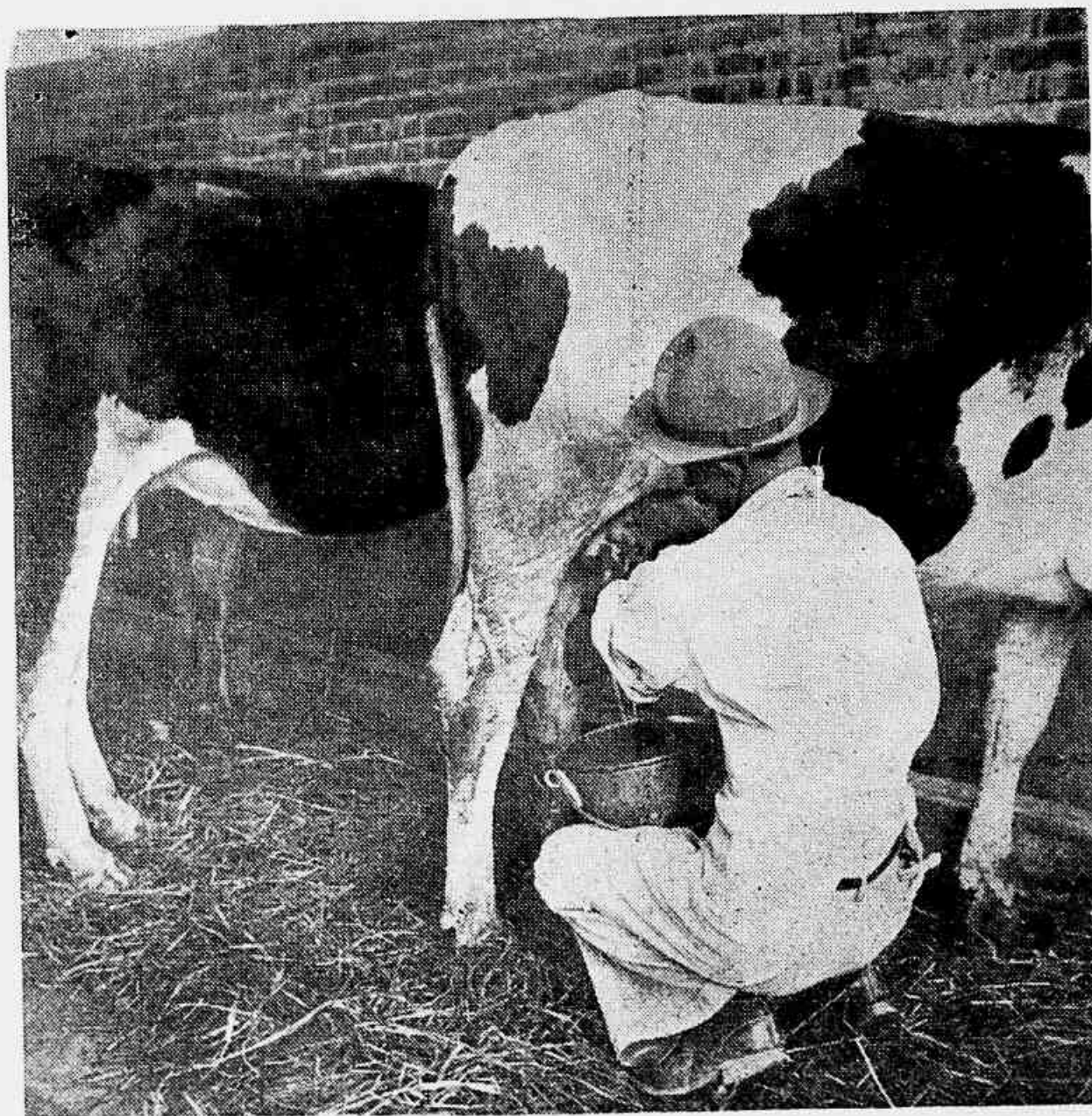
A consequência primeira é que temos bebido pouco leite e por isso o país encontra-se a salvo de uma crise de cirrose nacional.

Mas isso não é coisa que se diga sem aduzir fatos. Os fatos, porém, aí os tendes.

O EXCESSO DE PRODUÇÃO

Para começar, demos um pulo à capital mineira, capital de um estado produtor de leite e de onde a Capital da República importa grande parte do leite que consome. Aí poderemos encontrar um exemplo do que acontece de norte a sul do país. Pois bem: Belo Horizonte possui uma população de 303.000 almas e a ela se distribui arredondando as cifras para cima, 50.000 litros de leite diários, quando, admitindo-se um índice decente de um litro "per-capita" seriam necessários 300 mil litros. Por outras palavras: mais de cem milhões de litros por anos, em vez do 13 milhões do ano passado.

Na verdade, o índice atual do costume, tanto na capital das Alterosas como no Distrito Federal, nada tem a ver com a produção. Na zona da Mata, centro exportador para as duas capitais, a produção é tamanha que os fazendeiros são obrigados a inutilizá-la ou empregá-la como alimento para os animais, na engorda dos rebanhos suínos, sem falar no que se destina à fabricação da manteiga, do



Sim, a vaca é honesta. Mas daí até o consumidor muita água correrá...



AO ALTO — O preço do leite vem aumentando em progressão geométrica. A sua pureza não segue a mesma proporção. Cada vez é mais falsificado. EM BAIXO — Nas usinas o produto é medido antes de ser submetido ao processo de pasteurização



queijo e outros laticínios. Nisso, porém, não vai novidade, pois grande parte do leite importado pelas grandes capitais como Rio e São Paulo se destinam ao tratamento de cavalos de corrida, o que perdura mesmo quando as referidas populações se alindam em intermináveis filhas, as quais positivamente não são para cavalos...

E' preciso frisar que, no caso de Belo Horizonte nem sempre o produto recebido pela Usina Central de Leite é totalmente consumido pela população, pois, dos 13 milhões do ano passado, houve ainda uma sobra de quase quatro milhões de litros, que a Usina empregou no fabrico de manteiga. Entretanto, cogita-se, ali, da importação de leite em pó...

UM "FAZENDEIRO FANTASMA"

Este leite é distribuído à população bellarizontina a Cr\$ 2,00 e à carioca a Cr\$ 2,50 e mais. Recentemente, o preço para Belo Horizonte foi majorado para Cr\$ 2,25, mas o governo mineiro responsabilizou-se pelo aumento, pagando a diferença aos fazendeiros, para que o consumidor não a pagasse... esquecida talvez que essa diferença é paga dos cofres públicos e que os cofres públicos são cheios pelo consumidor. De qualquer forma o processo de majoração seguiu o mesmo caminho tomado no Rio, onde o governo, tendo se responsabilizado pelo aumento último de Cr\$ 0,50 jogou a responsabilidade mais uma vez nas costas do carioca, que passou a pagá-lo diretamente.

Entretanto, o produto que é vendido ao carioca a Cr\$ 2,50, não chega a custar sessenta centavos na Zona da Mata, embora o que vai para Belo Horizonte seja entregue por maior preço na própria fonte de produção.

O que encarece o produto para o consumidor é, principalmente, o intermediário, seja ele o Estado ou não. Eis aí por que, por mais incrível que pareça, é realmente verdade o fato de que um fazendeiro mineiro já se dirigiu às autoridades da capital do país, pedindo os seus bons ofícios no sentido de se conseguir uma redução no preço do leite vendido à população carioca, pois assim poderão os fazendeiros exportar maiores quantidades do produto, que nas suas fazendas sobra para os porcos e que nas grandes capitais está ao alcance apenas da bolsa dos que possuem cavalos de corrida ou cães e gatos de estimação.

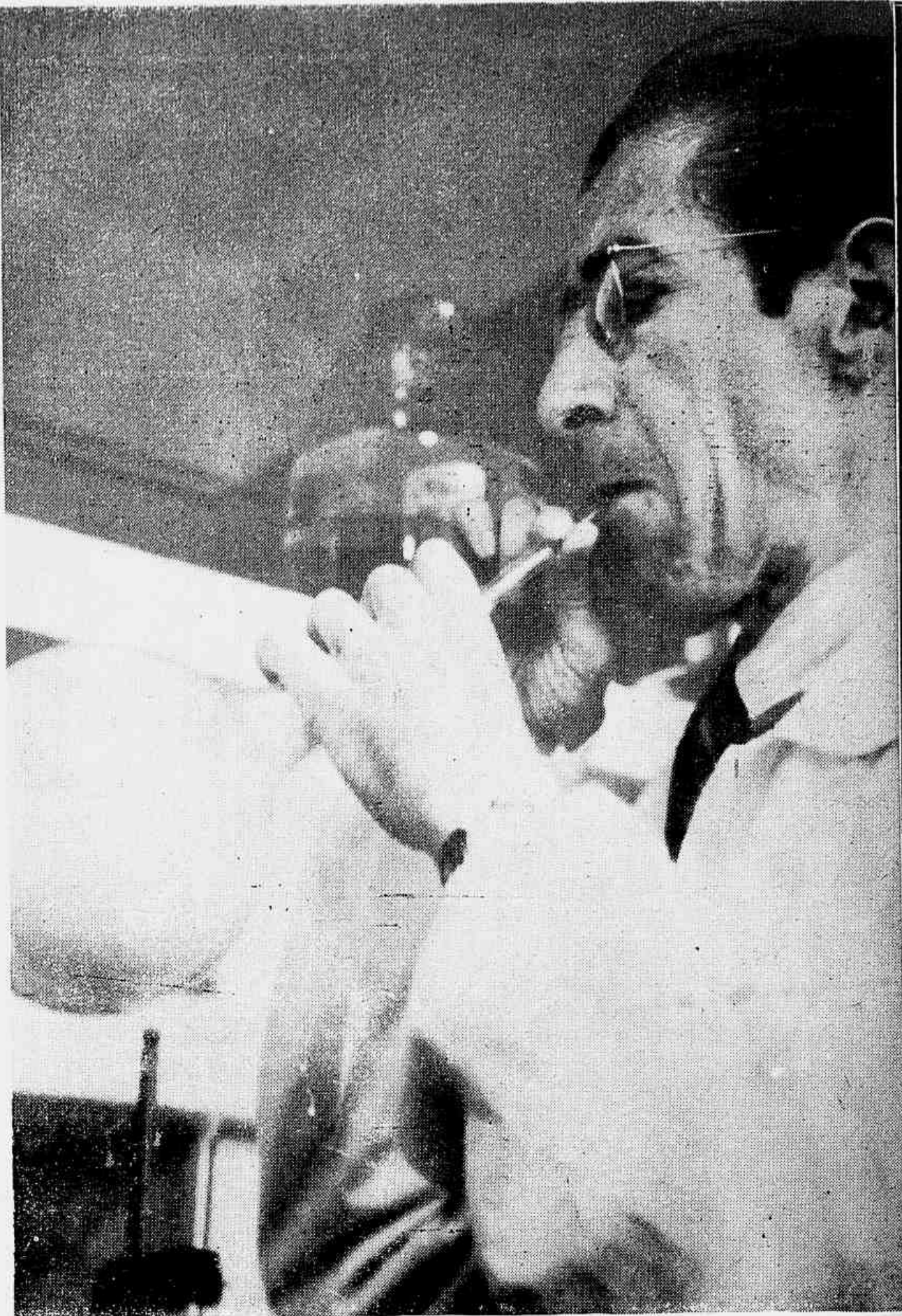
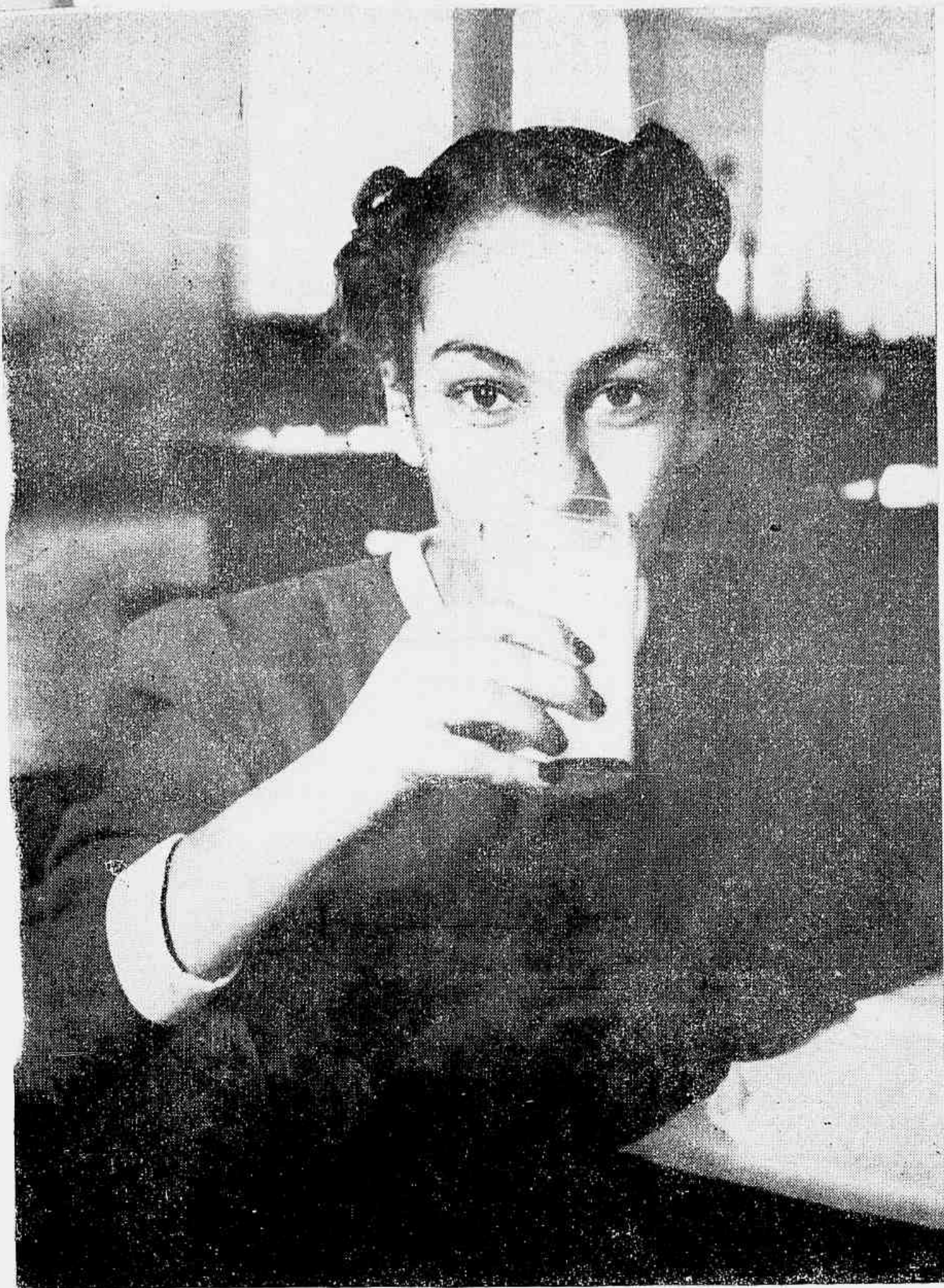
Mas, ninguém se iluda, pois tal objetivo não será alcançado pelo fazendeiro progressista. Na verdade, esse fazendeiro já foi denominado pelos demais, que com a sua proposta não concordam, de "fazendeiro fantasma".

E eles constituem a minoria dos fazendeiros. São cerca de duzentos, em Minas. São poucos como número em relação aos trezentos mil habitantes de Belo Horizonte e aos dois milhões da Capital Federal. Mas são eles que controlam os preços.

E Belo Horizonte é o exemplo típico de como essas coisas acontecem.

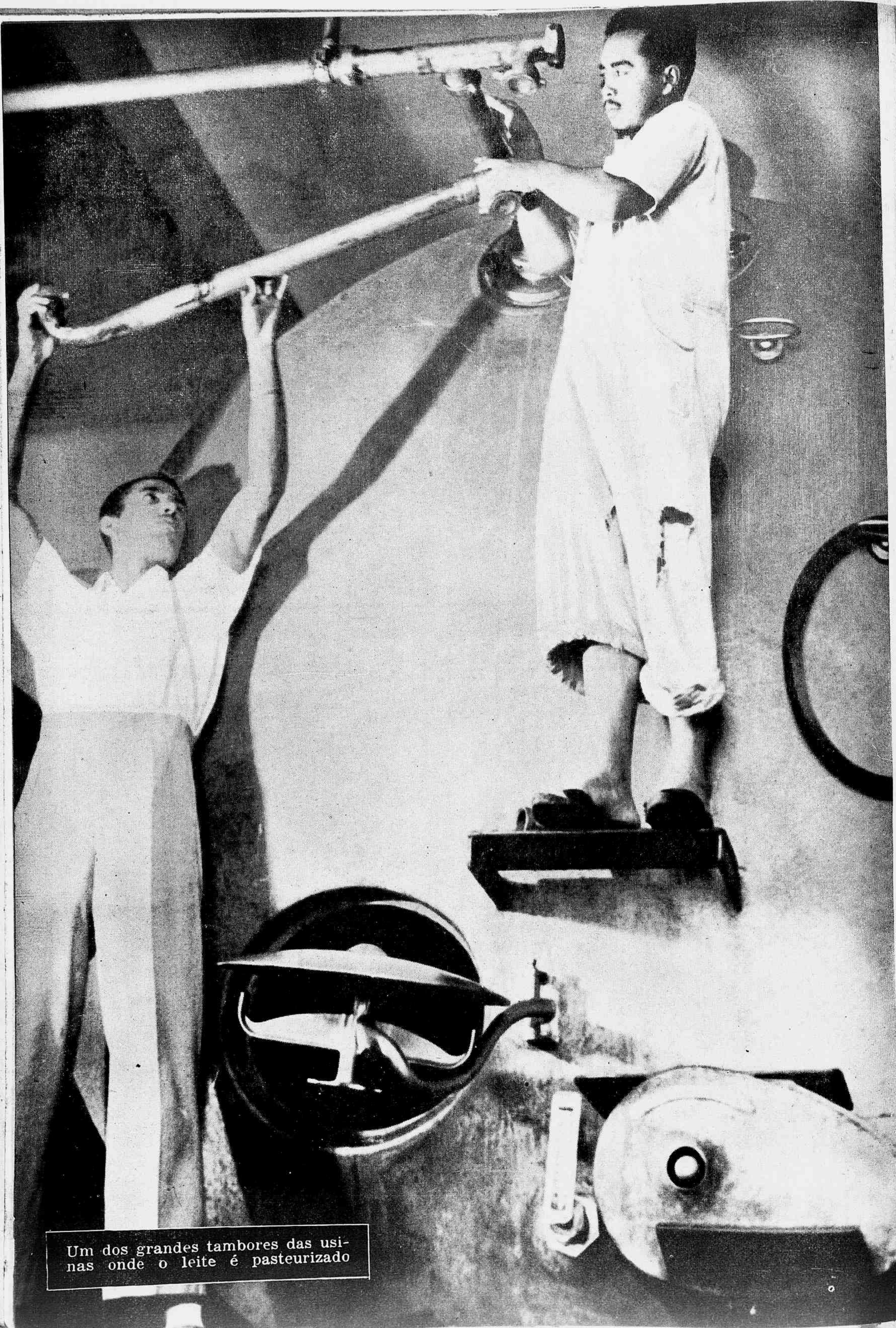
A CHORADEIRA DOS FAZENDEIROS

Os fazendeiros mineiros, principalmente os da Zona da Mata, estão lutando por novos aumentos...



AO ALTO, à esquerda, esta jovem saboreia com prazer o seu copo de leite. Jovens que tomam leite não constituem, porém, a regra geral. Milhões de crianças e adultos não tomam leite no Brasil. Alguns por falta de hábito, outros por falta do produto. À DIREITA — Nas modernas usinas o leite é submetido a exame por técnicos especializados. EM BAIXO — Leite natural nas leiteiras é hoje uma raridade encontrada apenas por meia dúzia de felizardos. O mais comum é encontrarmos o leiteiro: "Estamos servindo leite em pó"





Um dos grandes tambores das usinas onde o leite é pasteurizado

tos. Em parte já o obtiveram. Na sua primeira arrancada conseguiram que o consumidor pagasse indiretamente esse aumento através do governo em Minas Gerais e lograram apoderar-se da Usina Central de Leite, que lhes foi dada de mão beijada para uma cooperativa de produtores. Agora, esses poderosos senhores mineiros encontram-se em situação privilegiada, livres para qualquer arremetida e para usar, a qualquer hora, o "lock-out" como sua arma.

Ganham a primeira batalha e ganharão outras. O processo será sempre o mesmo. Em cada ano, na época em que faltam as chuvas, voltarão com os argumentos próprios e mais alguns.

Tive em mãos o processo, volumoso processo em que se historia a mais recente de suas batalhas. São de cortar o coração do mais sacrificado consumidor as suas alegações. Primeiro eles argumentam que estão fazendo enorme "sacrifício" para atender ao consumo. E culpam pelas suas dificuldades as "condições climáticas", a "pequena média da produtividade das vacas leiteiras", a alta de preço das utilidades gerais, o custeio da produção, os impostos, o transporte, a falta de crédito do produtor rural, etc., etc. E revelam que a classe agro-péculária está se endividando e empobrecendo, cada dia que passa. E dizem que o produto está sendo entregue por preço "irrisório". Em 1937 era vendido ao consumidor a Cr\$ 0,70; em 1943, a Cr\$ 1,00. Foi o produto que menos aumento sofreu.

O memorial que assim chora era assinado por duas centenas de grandes, médios e pequenos fazendeiros mineiros. É fato que muitas alegações são verdadeiras, inclusive a de que uma garrafa de cerveja custa Cr\$ 5,00...

O diabo, porém, é que eles falam em aumento de salários nos campos, e isso não tem havido. Além disso, o leite está sobrando nas fazendas e o consumidor não está podendo pagar.

De qualquer forma, não justificam elas qualquer aumento, diante da falta do poder aquisitivo da população do país.

PORQUE O PREÇO SOBE

Leio no processo citado uma informação da Secretaria da Agricultura de Minas Gerais, endereçada à Comissão de Abastecimento Estadual, dizendo, que o leite encarece por que a referida Secretaria não pode fornecer farelo ou torta, e não pode fazê-lo por que não consegue liberação da torta de São Paulo, e isso não é possível por que está prevista, pelas altas autoridades da República, uma exportação de alta quota de farelo e torta para o gado leiteiro de outros países...

Isso ajuda a aclarar ao problema, que não envolve apenas o produtor e o governo, mas ainda o intermediário, entre os quais os vendedores ambulantes, que também trazem razões para o debate. A sua reivindicação, no caso da capital mineira, que pode ser tomado como um exemplo, é o aumento na margem de lucro, que ali é de trinta centavos por litro de leite. São os aumentos verificados nos últimos anos nos preços das utilidades. Uma carroça custava há pouco tempo oitocentos cruzeiros. Hoje, uma roda ape-

(Continua na pág. 57)



AO ALTO — O leite entra em grande quantidade nas usinas, mas nem todo será consumido, pois o poder aquisitivo da classe média brasileira está baixando continuamente. Na foto, a descarga para a pasteurização. EM BAIXO — O leite chega às usinas em grandes latas de cinquenta litros, vindo dos pontos mais distantes



SÃO PAULO ESCOLHE "Miss Garôa"

**CARMEN JOYAS MORALES, A CIN-
DERELA QUE A SOCIEDADE PAULIS-
TANA DESCOBRIU ★ ENTUSIASMO
INDESCRITÍVEL NA CAPITAL
BANDEIRANTE**

Cada dia que passa maior é o entusiasmo despertado em todo o Brasil pelo concurso para eleger a mais linda jovem brasileira, que irá concorrer, por sua vez, à eleição de "Miss Universo" no Juri que se reunirá em Paris. Em nossa última reportagem focalizamos algumas das candidatas de vários Estados do Brasil. Em alguns deles e também no Distrito Federal já se realizaram as primeiras apurações. De acordo com as bases do concurso, os clubes e associações recreativas elegem a sua candidata que concorre depois às eleições da cidade ou do Estado. São Paulo elegeu, depois de um renhido pleito, uma das representantes da cidade. Tradicionalmente realiza-se na Paulicéia a "Festa da Garôa". O que há de mais elegante e representativo dos altos círculos paulistas compareceu à reunião deste ano, que tinha como atração principal a eleição de "Miss Garôa", uma jovem que representará o espírito da festa nos concursos das "misses". Concorreram, como era de se esperar, as mais graciosas jovens do "grand monde" paulistano. No fim do pleito, ao ser proclamada a vencedora, veio a grande surpresa da noite. Foi escolhida como "Miss Garôa" uma modesta jovem dos bairros da cidade, que ostentava, não obstante a graça e a fidalguia das famílias de alta estirpe. Chama-se a nova cinderela Carmen Joyas Morales, atualmente a beleza mais invejada e admirada daquela capital. Será esta a futura "Miss São Paulo" e, talvez, "Miss Brasil"? Prognóstico difícil, mas podemos adiantar que Carmen Joyas Morales tem todos os predicados para representar a mulher brasileira, inclusive beleza e inteligência e aprimorada educação. São Paulo será um dos Estados que apresentará um grande contingente de jovens ao título de "miss" estadual. O entusiasmo lá é enorme pelo concurso. Vários prêmios têm sido distribuídos às vencedoras dos concursos parciais. "Miss Garôa" recebeu lindos presentes e jóias de alto preço pela vitória alcançada na festa.

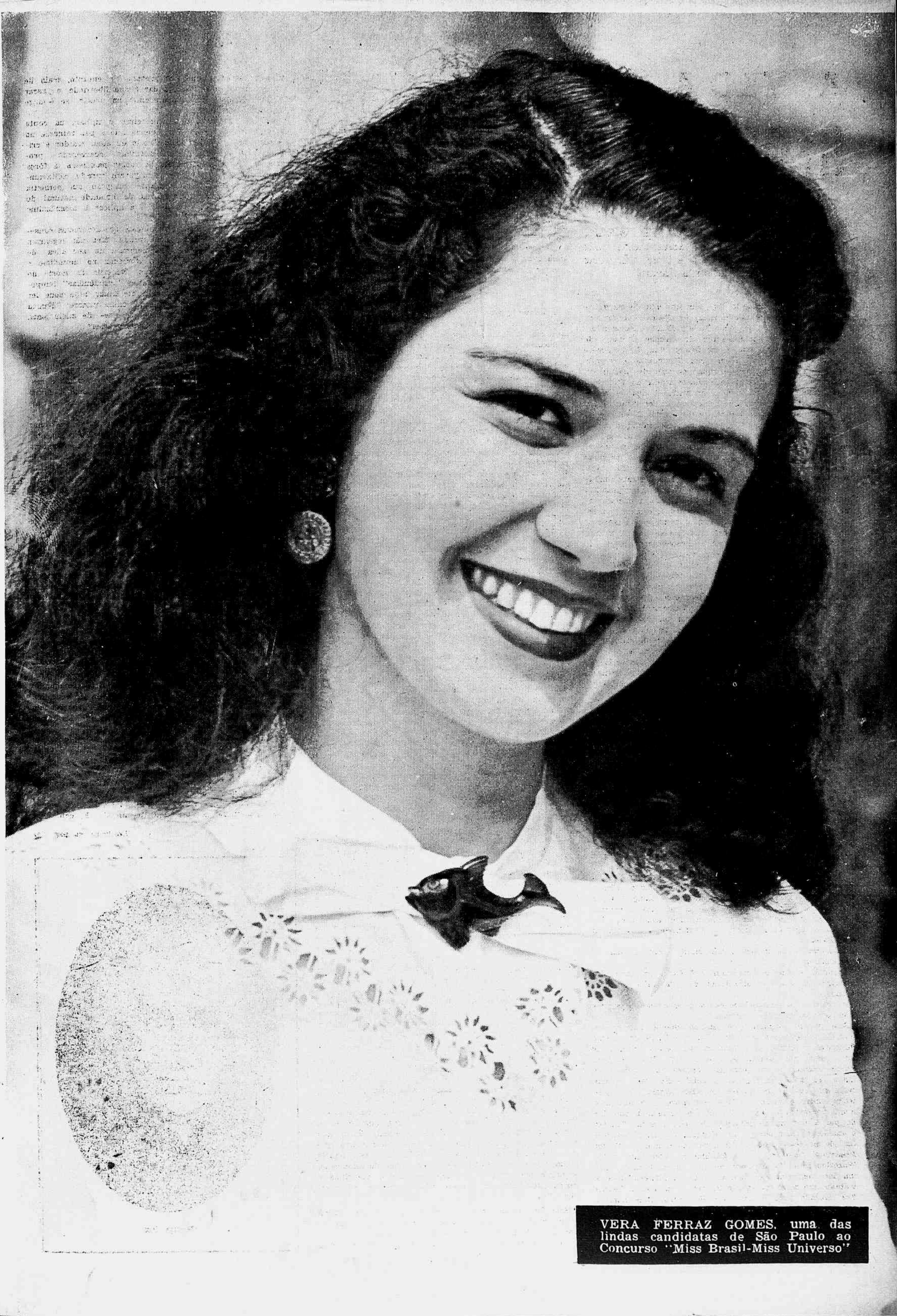
Brevemente apresentaremos fotografias de outras lindas candidatas da terra da garôa, candidatas temíveis ao título de "Miss Brasil".

Flagrante de Carmen Joyas Morales durante a festa na qual a encantadora paulista se sagrou "Miss Garôa".



Três expressões da maravilhosa beleza de Carmen Joyas Morales, revelada há pouco à sociedade paulistana na "Festa da Garôa", na qual arrebatou o título de rainha da festa. Beleza desconhecida na cidade até então, viu-se da noite para o dia a mulher mais admirada de São Paulo, graças aos seus dotes intelectuais e físicos. (Fotos Luxart)





VERA FERRAZ GOMES, uma das lindas candidatas de São Paulo ao Concurso 'Miss Brasil-Miss Universo'

A VIDA DE GEORGE FOX

(1624 - 1691)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS
(Direitos adquiridos com exclusividade pela
REVISTA DA SEMANA com a Livraria
do Globo, de Porto Alegre)

N O mês de julho de 1643, um aprendiz de sapateiro deixou a sua aldeia natal de Fenny Drayton, no Leicestershire, e, como Moisés, Buda e Jesus, afastou-se para o deserto em busca da verdade. O nome do jovem místico e aventureiro era George Fox. Desiludira-se da vida. Filho de um pai em quem "germinava a semente de Deus", e de uma mãe nascida "do cepto dos mártires", encontrou-se num mundo onde não se sentia a gosto. Não podia compreender-lhe nem a brutalidade, nem os sofrimentos. Na Europa continental a Guerra dos Trinta Anos ia ao apogeu. Na Inglaterra, o rei Carlos I estivera a divertir-se cravando as cabeças de seus inimigos numa estacada, até que o Parlamento, revoltado, começou a pedir a cabeça do próprio rei. Homens que não tomavam o menor interesse pela política eram separados de suas famílias e incorporados nas fileiras da Guerra Civil. Os que permaneciam em casa eram despojados de suas rendas pelos impostos excessivos. A menor dilatação no pagamento dos tributos, os coletores não alimentavam o menor escrúpulo em mandar para o cárcere os faltosos e confiscar-lhes o mobiliário. Certa ocasião, conta-se, os agentes do rei irromperam numa casa, esvaziaram a caneca que continha o alimento do nenê, e levaram-na consigo. A humanidade, oprimida "por seus mestres e reis", parecia um corpo doente a perecer em lenta decomposição.

Assim, aos vinte anos, o sensível sapateirinho abandonou a profissão e partiu à procura do remédio para os males do mundo. Recorreu aos sacerdotes, que pretendiam conhecer os caminhos de Deus e as necessidades do homem, e pediu-lhes que o ajudassem na pesquisa. Mas limitaram-se a zombar dele. Um o aconselhou a casar-se. Outro lhe recomendou que se alistasse como soldado e esquecesse a confusão do seu espírito na confusão geral da guerra. Ainda outro expressou a jocosa convicção de que o moço poderia curar-se do interesse pelo gênero humano "tomando um purgativo". Entre os "remédios" igualmente sugeridos, figurava o de fumar, e o de cantar salmos. Nenhum daqueles "mercadores da religião" se deu o incômodo de procurar compreender-lhe as perplexidades, ou as aflições dos seus semelhantes. Fox percebeu que todos eles não passavam de "tambores ociosos", que ressoavam com ruidosa insinceridade. "O espírito mundano dos sacerdotes feriu-me ao vivo; e quando eu ouvia os sinos tangerem chamando o povo à casa do campanário, perturbava-me; pois aquilo era tal qual uma sineta de mercado a convocar o povo para examinar as mercadorias exibidas à venda pelos sacerdotes".

Havia, ao parecer, algo errado na educação religiosa e secular da humanidade. Fox compreendeu que um homem instruído não era necessariamente um homem mediativo. Desde então, nunca sentiu senão desprezo pela estupidéz polissilábica dos mestres e pregadores do mundo.

Decidiu, pois, "por ordem de Deus", romper "todos os laços de intimidade ou amizade com moços e velhos". Foi para a solidão "a fim de comungar" consigo mesmo. E depois de quatro anos de solitária meditação encontrou a resposta aos problemas que lhe atormentavam o espírito. Os males do mundo, concluiu, deviam-se a três causas principais:

Primeira — as nações cristãs muito pouco sabiam do cristianismo.

Segunda — havia demasiada insolência da parte dos governantes, e demasiada humildade da parte dos governados.

Tercera — a humanidade estava a esvair-se em sangue com as suas guerras inumanas.

Mas embora o mundo se achasse doente, não estava perdida a esperança de cura. "Vi que havia um oceano de trevas e morte; mas também um oceano infinito de luz e amor, que fluía sobre o de trevas". E George Fox estava decidido a, se possível, conduzir o mundo "das águas da morte às águas da vida". Fez para si um traje de couro e um chapéu de abas largas, como proteção contra o vento, a chuva e a neve, e iniciou uma longa peregrinação com o intento de ensinar o caminho da paz a um mundo enlouquecido pela guerra. "Talvez o incidente mais notável da História Moderna", escreve Carlyle no mais notável dos livros modernos (o *Sartor Resartus*), "não seja... a Batalha de Austerlitz, a de Waterloo, a de Peterloo, ou qualquer outra batalha; mas um fato negligenciado pela maioria dos historiadores, e tratado com certo escárnio pelos restantes; isto é, George Fox fazendo para si um traje de couro. Este homem, o primeiro quacre, e sapateiro de profissão, foi um daqueles a quem, sob forma ora mais pura, ora mais tósca, a Divina Idéia do Universo houve por bem manifestar-se... e que, portanto, são justamente considerados profetas,

possuídos de Deus... Aquela sapataria do Leicester, embora o ignorassem os homens, era um lugar mais sagrado que qualquer Vaticano... Costura, nobre Fox; cada punção do teu pequeno instrumento é uma picada no coração da Escravidão, na adoração do mundo, e no deus Mammon... Completada a tua obra, existirá na Europa um Homem Livre, e esse homem és tu".

O profeta de calças de couro, que muitas vezes dormiu ao relento no solo úmido atrás de um monte de feno, e teve que deitar-se durante anos no chão igualmente úmido de uma cela de prisão, foi o fundador e comandante-chefe do mais interessante exército do mundo — o Exército da Paz.

No tempo de George Fox, os quacres, esses anarquistas religiosos e pacifistas militantes do século XVII, contavam-se entre os soldados mais valentes que já lutaram pela liberdade humana. Sustentaram longa luta, e conquistaram a vitória final, sem derramar uma gota do sangue dos seus inimigos.

II

Seis anos depois de começar a incruenta campanha para converter os cristãos ao cristianismo, George Fox reuniu, em torno de si, pequeno grupo de jovens dedicados conhecidos como os *Sessenta Braves*. Volvidos mais dois anos, o pacífico exército alcançou o número de cinquenta mil. Chamavam a si mesmos *Filhos da Luz*, ou a *Sociedade de Amigos*. Mais tarde foram apelidados de *quacres* (tremedores), porque, declarava um adversário deles, "Fox fazia os seus inimigos tremerem ante a palavra do Senhor".

Os quacres são geralmente postos em ridículo como uma raça de anacoretas enfadonhos e afeminados, que se recusavam a tomar parte ativa na vida por medo de lutar. Na realidade, porém, a história dos quacres é uma das narrativas mais excitantes da aventura humana. George Fox e seu bando de "proscritos" não fugiam do mundo. Ao contrário, faziam-lhe frente com a agressiva determinação de transformá-lo num lugar melhor e mais agradável para viver. Não acreditavam, como se pensa comumente, na resistência passiva ao mal. Ao invés, advogavam a espécie de resistência mais ativa — a resistência de uma língua destemida que não se deixava silenciar. Nem a irrisão, nem o encarceramento, nem a violência, nem a morte os amedrontavam. Patenteavam o seu desprezo pela pompa real recusando-se a tirar o chapéu na presença dos reis. "Há algo de Deus em cada homem; portanto, a nenhum homem fica bem humilhar-se diante de seu irmão". Intimavam os senhores do mundo a libertar os seus escravos. Censuravam os sacerdotes por sua arrogância e os juizes por sua iniquidade. E estavam sempre dispostos a perder a vida se com isso podiam reparar um agravo.

No entanto, eles tratavam os seus agravos pessoais "como as suas vestes, descuidadamente". Quando lhe batiam no rosto por admoestar alguém a ser mais humano, Fox enxugava o sangue e terminava o que tinha por dizer. Nunca devolvia os golpes. Dispunha de muito melhor arma para a sua luta — a arma da razão que defende a causa da justiça. Certa vez o derrubaram e espezinharam até perder os sentidos. Quando voltou a si, ergueu-se e, estendendo os braços, disse: "Batei novamente; aqui estão os meus braços, a minha cabeça, e as minhas faces". Então um pedreiro devoto, que estava presente, pegou-lhe pela palavra e pespugou-lhe mais uma cajadada com o seu pesado bastão. Aconselhado a proceder judicialmente contra os rufiões, Fox negou-se. Não tinha pendência pessoal com eles. Sua vida não tinha nenhuma importância na luta pela liberdade universal. "Se o Senhor perdoou os meus agressores", disse, "por que me preocupar com eles?".

Pouco depois de começar a disseminar sua mensagem de paz, foi lançado na prisão. O encarceramento, conta ele com placidez e graça características, teve por motivo o aconselhar um grupo de pessoas "a cessar de discutir a respeito de Jesus e começar a obedecer-Lhe".

Desde a primeira detenção até o fim da vida, o seu tempo dividiu-se entre a pregação e o cárcere. No *Diário* que escreveu, dá-nos a descrição de uma das celas em que esteve encerrado pelo crime de amar os seus semelhantes. "Era um lugar imundo e repelente, onde... tantos parasitas atormentavam os presos, que uma mulher foi quase comida pelos piolhos". Mas o pior não era isso. "A fumaça produzida pelos outros presos", continua, "subia tão densa que se depositava como orvalho nas paredes; e, estando eu fechado a três chaves, o subcárceiro, quando havia muita fumaça, não se resolvia a abrir uma das portas mais altas, de medo da fumaça, de modo que eu ficava quase asfixiado".

E aqui Fox acrescenta um toque de humorismo à sua simplicidade e franqueza. Um dia, conta-nos, o governador da prisão veio vê-lo. A cela estava "tão enfumacada que ele mal pôde encontrar a saída; e, como era um papista, eu lhe disse que era aquele o seu Purgatório, onde me haviam encerrado".

Um Purgatório de fumaça e lodo. Frequentemente, diz "chovia na minha cama, e muitas vezes, quando eu ia tapar as goteiras na fria estação hibernal, ficava com a camisa umedecida com excremento, pela chuva que caía em cima de mim... Dessa maneira passei aquele longo e frio inverno, durante o qual andei tão esfomeado, e gelado pelo frio, e molhado pela chuva, que tinha o corpo extremamente inchado e os membros entorpecidos...".

Esta foi apenas uma das muitas prisões — Fox sofreu nada menos de sessenta encarceramentos — em que ele foi obrigado a passar grande parte da vida.

Os piedosos ingleses do século XVII dedicavam mais

cuidado aos cães que aos presos. No entanto, mais de um quacre se prontificou a dar a sua liberdade, e passar o resto de seus dias apodrecendo na prisão, se George Fox fosse libertado.

Mas os magistrados e carcereiros o tinham na conta de indivíduo perigoso. Fox queria que a paz reinasse no mundo. Era, portanto, classificado de ateu, traidor e criminoso. De maneira que o mantinham encarcerado e procuravam tirar-lhe da cabeça as idéias pacifistas, à força de pancadas. Sempre que o julgavam curado, soltavam-no; mas descobrindo, com grande decepção, que persistia nas suas teimosas idéias acerca da bondade natural do homem, tornavam a prendê-lo e a aplicar o mesmíssimo tratamento.

Apesar da sua robusta compleição, os carcereiros conseguiram por fim arruinar-lhe a saúde. Mas não lograram quebrantar-lhe o espírito. A semente do seu ideal de liberdade humana germinou e floresceu na imundície e obscuridade das prisões inglesas. Na cela da morte do Cárcere de Launceston — uma das "residências" temporárias de George Fox — o visitante ainda hoje pode ler na parede a corajosa inscrição do chefe quacre: "Nunca estive na prisão sem que isso servisse de meio para libertar numerosas pessoas de suas prisões".

III

Que era o que lhe alimentava a coragem através de tantos sofrimentos? O próprio George Fox nos dá a resposta. "Foi-me dito (numa visão) que o Senhor ainda tinha muitos trabalhos para eu executar, antes de me chamar a Si".

Mas ao trabalhar pelo Senhor, foi acusado de trabalhar contra o seu país. Quando Oliver Cromwell era ditador da Inglaterra, incriminaram George Fox de fomentar uma revolução para destituí-lo do poder. Em resposta a essa imputação, Fox escreveu uma carta a Cromwell. "Declaro-lhe na carta", conta-nos Fox, "que negava ter usado ou empunhado qualquer arma carnal contra ele ou qualquer outro homem; que eu era enviado por Deus para dar testemunho contra toda violência, desviar pessoas da treva para a luz, e trazê-las das causas da guerra e da luta para o evangelho pacifista".

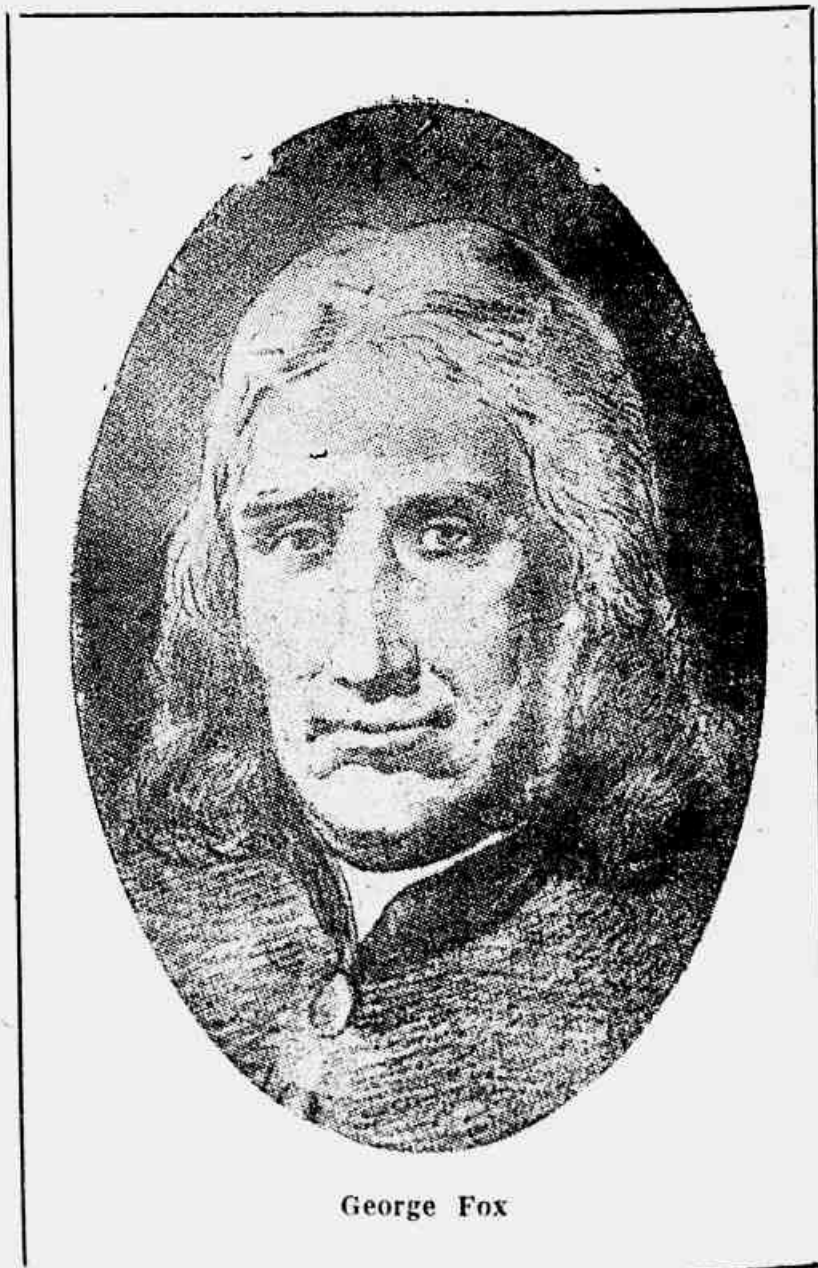
Cromwell interessou-se por aquele homem singular, e mandou que o trouxessem à sua presença. Fox foi introduzido no palácio às seis da manhã. Encontrou o ditador no quarto de dormir, meio vestido. "Paz a esta casa", cumprimentou o quacre como habitualmente; e Cromwell, o homem da espada, sorriu com alguma tristeza e retribuiu a saudação.

Conversaram sobre religião, política e guerra; e cada um ficou agradavelmente surpreendido com a compreensão e discernimento do outro. Eram ambos revolucionários. Desejavam a mesma coisa — maior liberdade, cordura e bondade nas relações entre homem e homem. Mas os seus métodos diferiam radicalmente. Cromwell procurava impor violentamente o senso da justiça ao mundo, ao passo que Fox se esforçava por imbuí-lo do senso da piedade. O chefe quacre era, sob muitos aspectos, um segundo Cromwell; mas um Cromwell "inocente do sangue dos seus compatriotas".

Quando Fox se ergueu para ir embora, Cromwell pegou-lhe a mão e, com lágrimas nos olhos, disse: "Volta à minha casa; se tu e eu passássemos juntos ao menos uma hora de cada dia, estaríamos mais próximos um do outro". E então acrescentou: "Não te desejo mais mal do que à minha própria alma".

Ao que Fox respondeu secamente: "Se o fizesses, cometerias uma injustiça para com tua alma". E, com uma

(Continua na pág. 54)



George Fox

PAULO GRACINDO

VOLTA AO TEATRO

UMA TEMPORADA DE COMÉDIA NO FENIX COM O GALÃ QUE VAI SE AFASTAR DO RÁDIO PARA RETORNAR AO PALCO ★ OLGA NAVARRO E MARIA DELLA COSTA, AS DUAS "ESTRÉLAS"

Por DEMÓSTENES VARELLA
(Especial para "REVISTA DA SEMANA")

Paulo Gracindo vai se afastar do rádio. Depois de dez anos de atividade no "broadcasting", o antigo galã da Companhia Dulcina-Odilon se ausentará dos estúdios, a fim de contribuir com o seu talento e sua popularidade para o desenvolvimento do nosso teatro, agora atravessando uma esplêndida fase de renovação. Paulo Gracindo será uma das figuras centrais da companhia que Sandro Polônio, o jovem e dinâmico empresário, vem mantendo no Teatro Fenix, desde o início do ano, e que, agora, reforçada por elementos novos, iniciará uma temporada de gênero leve, de comédias sentimentais ou divertidas, de peças de romantismo ou de emoção. Através de seus programas no rádio, Paulo Gracindo se tornou uma das atrações mais poderosas do nosso broadcasting, sendo disputado pelas estações de maior prestígio, como a Nacional, Tupi e outras. Agora, há pouco, Paulo Gracindo interrompeu sua atuação no rádio, por alguns dias, a fim de participar das filmagens exteriores de "Estrêla da manhã". Foi quando sentiu mais vivamente a nostalgia do palco. E, tendo sido, então, abordado pelo empresário Sandro Polônio, aceitou integrar a companhia deste, à qual vem de se reunir, também, a prestigiosa atriz Olga Navarro, que atuou nos melhores elencos italianos e, de regresso da Itália, viveu magistralmente a peça "Desejo", de Eugene O'Neill, na tradução de Miroel da Silveira e sob a direção de Zigmund Ziembski. Mudando de gênero de espetáculos, deixando o drama para passar a oferecer altas comédias ao público do Fenix, a com-

(continua na página 58)

Paulo Gracindo, uma das primeiras figuras do nosso rádio, antigo "galã" da Companhia Dulcina-Odilon e "astro" do filme nacional "Estrêla da manhã", vai regressar ao teatro, como protagonista de "Sonata a quatro mãos", no Fenix

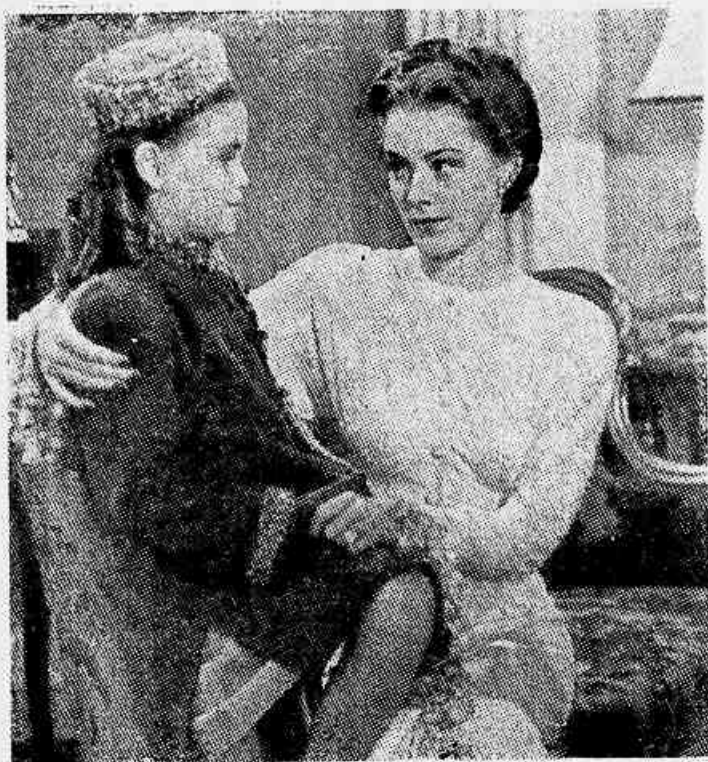


A ESQUERDA — Olga Navarro, ausente do teatro desde a apresentação de "Desejo", passará a fazer parte da companhia de Sandro Polônio, no Fenix, interpretando "Sonata a quatro mãos", com Paulo Gracindo. A direita — Maria Della Costa, a encantadora e jovem atriz que emoldurará o reaparecimento de Paulo Gracindo no teatro, em "Sonata a quatro mãos"

FILMES DE MISS PARKER



Eleanor Parker, em "Quero-te Junto a Mim" (com Errol Flynn)



Eleanor Parker, em "Nunca me Digas Adeus" (Never say good-bye)



Eleanor Parker, em "A Mulher de Branco", extraído da novela de Wilkie Collins



Eleanor Parker e Ronald Reagan, em "Centelha de Amor" (The voice of the turtle)



Eleanor Parker, na entrevista coletiva do Copacabana Palace Hotel, entre os jornalistas José Clemenceau Caô, de "A Manhã", e R. Magalhães Júnior, de "A Noite"

ELEANOR PARKER NO RIO

A ENCANTADORA ARTISTA VISITOU-NOS, EM CARÁTER PARTICULAR, EM COMPANHIA DE SEU MARIDO

ELEANOR PARKER é uma das figuras mais encantadoras do elenco da Warner Brothers. Nessa companhia, vem ela aparecendo em importantes películas, como "Um Passo Além da Vida" (Out ward Bound), "Escravo de uma Paixão" (Of Human Bondage), "Nunca me Digas Adeus!" (Never say good-bye) e, agora, "The voice of the turtle", em que aparece ao lado do ator Ronald Reagan. Aparecendo em filmes de Paul Henreid, Errol Flynn, Dane Clark e outros grandes nomes de Hollywood, Eleanor Parker rapidamente conquistou prestígio, incorporando-se à galeria das mais notáveis intérpretes dramáticas da tela. Na Warner, hoje em dia, seu prestígio não é menor que o de Bette Davis, que é a grande dama do estúdio de Burbank. Eleanor Parker veio ao Rio em caráter particular, acompanhando seu marido, que é empresário de "rings" de patinação e de artistas dessa

especialidade. Entretanto, a intérprete de "Uma Luz nas Trevas" recebeu, ainda, assim, várias homenagens da nossa sociedade e dos seus "fans". Eleanor Parker esteve no Municipal, onde assistiu à primeira representação do revista "Glamour", de Henrique Pongetti e Ary Barroso, e visitou Petrópolis e a Quitandinha, em companhia do sr. Ary Lima, gerente da Warner Brothers, e de sua família. Às vésperas do seu regresso aos Estados Unidos, Eleanor Parker presidiu um "cock-tail" aos cronistas cinematográficos, oferecido pela Warner, e concedeu-lhes uma entrevista coletiva, que os jornais divulgaram. Amabilíssima, Eleanor Parker encantou a todos os jornalistas com sua palestra cheia de vivacidade e de brilho, tendo também falado no rádio, ao microfone da Continental, cuja reportagem estava presente.

Em baixo: Eleanor Parker, quando concedia autógrafos aos jornalistas, e em uma pose especial para Arnaldo Vieira





Um "close-up" da encantadora
"estrela" da Warner Brothers



BROADCAST



AGNA CABANES, cuja voz pura e cheia de infinitas matisms, encanta e seduz, prepara-se para brindar seus numerosos "fans" brasileiros, com escolhido recital de músicas hispano-americanas. Sua atuação no rádio brasileiro se tem feito sentir através da Rádio Roquete Pinto e da PRA-2. Agora, porém, importante emissora carioca está interessada em seu concurso, tudo fazendo para que, dentro em breve, a tenhamos cantando para todo o Brasil.

MAIS UM ANO!

A Rádio Nacional completou doze anos. Emissora ligada à vida do país, não lhe foi muito fácil alcançar a liderança de nosso "broadcasting". Teve de lutar contra os falsos valores, enfrentando a imposição dos poderosos e a magnitude dos coronéis românticos. Firme e verdadeira desfraldada pelo professor Roquete Pinto, a PRE-8 tornou-se o orgulho da radiofonia brasileira, através de sua cuidada linha de programações. O propósito elevado de contribuir para a disseminação da cultura, foi a base fundamental de sua absoluta vitória. Seus programas, primando pela seleção criteriosa dos números apresentados, colocaram-na como emissora líder. A Nacional tornou-se, desse modo, o ponto culminante da carreira de quantos ingressam em seu "cast". Pertencer à PRE-8 é atingir o máximo ambicionado por um artista. Ela pode ser considerada com seara de valores, tal o capricho daqueles que a dirigem. Na vida de uma estação, doze anos significam uma existência. A Rádio Nacional, em seus doze anos de luta, engrateceu o meio artístico brasileiro, revelando valores, dando oportunidade aos novos e colocando em contacto com o público, elementos de projeção internacional. Por isso, a festa íntima com que a PRE-8 comemorou tão grata efeméride, não poderia passar despercebida a quantos, como nós, acompanham o movimento artístico e cultural do Rio. Essa data, não é somente dos que se empregam a fundo para dar ao grande público agradáveis passatempos. Ela é uma data festiva para todos que, trabalhando ou ouvindo, compartilham da vitória de suas felizes realizações.

A. MIGUEIS

RÁDIO-FLASHES

CONCURSO DE CONTOS NO RÁDIO

EM despertado grande interesse o Concurso de Contos organizado pelo programa "Lendo e Contando" de Alvaro Armando, na Rádio do Ministério da Educação, com prêmios de mil cruzeiros para o primeiro colocado, 500 para o segundo e várias "menções honrosas". As condições do concurso são irradiadas às terças, quintas e sábados, no horário do programa, às 20,30 horas.

Ari Barroso, com aquela autoridade que todos lhe reconhecemos em matéria de música popular, encaminhou à mesa da Câmara Municipal um projeto que, uma vez aprovado, premiará os esforços dispendidos pela cantora Carmen Miranda a favor de nossas melodias. O projeto sugere a instituição do prêmio "Embaixada Artística do Brasil", que consiste numa medalha de ouro a ser oferecida à vitoriosa artista, quando de sua prometida visita à nossa cidade.

Domingos Marques, jovem tenor português, que ora nos visita com a Companhia de Villaret, vem de assinar contrato com a PRE-3. Sua apresentação no microfone da Globo far-se-á juntamente com a de Maria Adelina, cantora da Emissora Nacional de Lisboa. Os acompanhamentos estão a cargo de grande orquestra, sob a regência do maestro Osvaldo Borba.

Alvarenga e Ranchinho, cuja ausência do microfone vem sendo sentida, estão realizando vitoriosa temporada numa das "boites" cariocas. A propósito da popular dupla, vamos adiantar que a mesma, tão logo permitam os compromissos, viajará para Portugal, a fim de realizar audições no "broadcasting" e nos teatros portugueses. É provável que, em companhia de Alvarenga e Ranchinho, viajem Lauro Borges e Castro Barbosa.

Cléa Barros está de malas prontas para saltar o Atlântico. A festejada estrela de cinema e rádio tem como ponto de destino a Espanha. É que, contratada por uma das mais importantes casas de espetáculos da terra de Cervantes, sua partida tornou-se necessária o quanto antes. Cléa Barros estreará no Casablanca, a mesma "boite" em que se exibiu Lili Moreno.

Benvindo Edinaldo está escrevendo para o microfone PRC-8. Além de programas, esse conhecido "radio-writer" responde pelas peças do "Tribunal do Ar", que a Guanabara transmite aos domingos. Ainda na

semana passada, ouvimos "Almas em desordem", original que confirma seus méritos de rádio-autor. A aquisição de Benvindo Edinaldo, foi uma das medidas acertadas de sua direção artística, ora entregue a Paulo Cabral.

Raul Sá já se encontra à testa dos destinos artísticos da Globo. Por sinal, que seu regresso foi dos mais auspiciosos, haja vista os novos elementos contratados para o "cast" da PRE-3. Mais ainda, Raul Sá ampliou o programa "Chá das Três", fazendo-o apresentar diretamente do palco do Carlos Gomes, com o concurso de todo o elenco da PRE-3.

Djalma Ferreira e seus "Milionários do Ritmo" preparam-se para demorada excursão aos países sul-americanos. Na companhia dos mesmos seguirá a cantora Luiza Ferreira, "lady crooner" do conjunto. Inicialmente, eles visitarão a Argentina, de onde atuar no microfone da Rádio Belgrano. É possível que a excursão tenha como ponto terminal os Estados Unidos.

A professora Magdala da Gama Oliveira é uma das grandes batalhadoras pelo melhor aproveitamento da música de classe em nosso rádio. Instituiu concursos através de "Artistas Novos do Brasil", programa sob sua direção, que a PRE-3 irradiava aos sábados, ela muito tem feito. Agora mesmo, acaba de lançar o "Prêmio Carlos Gomes", destinado a revelar os valores na arte do bel canto.



ANTÔNIO CABANES, acordeonista português é nosso velho conhecido. Suas gravações correm mundo, tamanho o agrado que despertam. Pois esse apreciado artista que a Companhia Portuguesa de Revistas e Operetas trouxe em seu elenco, acaba de ser contratado pela Globo, podendo ser ouvido todas as quartas-feiras, às 21 horas. Rivalizando com o que de melhor possuímos no gênero, suas audições conquistaram a simpatia do público ouvinte.

Ruas, estradas e veículos — eis a contribuição radiofônica ao serviço do tráfego. Programa apresentado pela Guanabara, destina-se a fazer chegar até o sr. Edgar Estrela, tudo quanto porventura esteja errado em matéria de tráfego e que redunde em prejuízo do público. Trata-se de louável iniciativa da PRC-8, há muito reclamada.

MOACYR BUENO ROCHA

FOI através de "Horas Lamartinescas", então irradiada pela Educadora, que Moacyr Bueno Rocha travou contacto com o microfone. Isso aconteceu em pleno mês de abril de 1931. Meses depois, levado pelo pianista Carlos Rodrigues, o intérprete de "Nancy" transferiu-se para a Phillips, onde o foi buscar Sílvio Salema, levando-o para a Rádio Sociedade. Nessa estação, nosso biografado experimentou a emoção de receber o primeiro "cachet" no valor de vinte cruzeiros. Em princípios de 1932, Adhemar Casé o convidou para tomar parte em seu programa, convite logo aceito pelo cantor. Oito anos mais tarde, Moacyr Bueno Rocha aliou a carreira de cantor à de rádio-ator, apresentando-se sob o pseudônimo de José Luís. Sua estréia em disco, deu-se por intermédio da Victor, com o samba "Chamego" que, por sinal, desagradou o intérprete. Passando para a Columbia, gravou o maior sucesso de sua carreira, a linda valsa "Nancy", utilizada por Heber de Bóscoli para prefixo do programa "Museu de Cera". Ao apagar das luzes de 1941, nosso biografado disse adeus ao microfone, reaparecendo agora, em 1948, ainda por intermédio do programa Casé. Moacyr Bueno Rocha é carioca, tendo nascido a 5 de junho de um ano não muito distante. Seus primeiros passos no canto deu-os no Clube Andaraí, interpretando trechos de ópera. Só ao ingressar no rádio é que preferiu a música popular. Fora da atividade radiofônica, dedica-se ao comércio. Torce pelo Fluminense e gosta de cinema. Aliás, ele era ardoroso "fan" de Greta Garbo.

Carmen Miranda, muito antes de ser a "Embaixatriz do samba" e talvez mesmo de pensar em Hollywood, trabalhou numa casa de modas da rua do Ouvidor. Naquela ocasião, ela "ensaiava" a tesoura...

Cesar Ladeira, quando ainda em atividade em São Paulo, foi cronista cinematográfico de um jornal bandeirante.

Nesse tempo, o "homem dos éres" não fazia, via, unicamente, fitas.

Francisco Alves foi "chauffeur" de praça. E de tanto ouvir a buzina, acabou também cantando.

Assim, ele fugiu de ser... "barbeiro".

Lola Silva foi uma das revelações do nosso "rádio-mirim". A interessante filha do saudoso Polar, chegou a ser a embaixatriz do Brasil no Campeonato Mundial de Football. E terminou "chutando" o rádio...

Celestino Silveira, nosso velho conhecido de "Cine-Rádio-Jornal" que a Globo apresenta diariamente, às 12,30 horas, já se viu em apuros com um desses "fans" intransigentes... O rapaz sonhou em ser "astro" da tela. Dai, importunar Celestino com uma infinidade de cartas, fotografias, telefonemas e até mesmo... ameaça de morte, caso ele não lhe



Você sabia que...

desse uma apresentação para Mr. Gold...

Sebastião Pinto foi um "astro" do passado. Sua voz romântica e melódica, bulliu com o coração de uma jovem residente em Minas Gerais, dando origem a um romance... Carta vai... carta vem... e o cantor resolveu conhecer a criatura amada... Tomou um trem na Central e lá se foi... Quinze dias depois estava rompido o namoro por incompatibilidade de gênios.

SINAL

Ilustração de A. ZALUAR

Os amores de Raul com Paula estavam num ponto estacionário: não caminhavam nem para diante nem para trás. Resumiam-se suas entrevistas em poucas palavras, muitos beijos e certa impressão desagradável que ia dele para ela e dela para ele sem que nenhum dos dois soubesse explicar donde partia o mal-estar. Há mais de quatro anos haviam-se visto pela primeira vez, numa festa familiar. Paula acompanhava ao piano uma cantora medíocre, e Raul encostado à porta da sala, observava a linha elegante do pescoço da pianista, de cabelos amarrados em cima, com um enorme interesse. Não escutava a cantora nem o que executava a pianista. Apenas a nuca, a linha dos ombros, a delicadeza do talhe apertado em seda verde lhes prendiam a atenção. Quando a música terminou, Raul encaminhou-se quase como um autômato para a pianista e ao dar com os olhos, um pouco pintados de mais, e sua linda boca um pouco carnuda demais, ficou parado, abobadado, sem saber o que dizer. Cortou-lhe o silêncio, a dona da casa que num gesto cordial perguntou-lhe:

— Não é mesmo bonita a nossa pianista? Paula, te apresento o Dr. Raul, médico e solteiro, coisa que a ti não interessa com o marido que tens, mas desperta a atenção de algumas jovens também bonitas...

Raul estava com as mãos de Paula entre as suas, não se esforçando muito por agradá-la, porque pressentiu que se tratava de uma mulher de indistigável coqueteria capaz de suportar os galanteios de todos, não se deixando influenciar por nenhum. São aparentemente fáceis, acessíveis, mas no íntimo zombam das frases que escutam, e estimulam os galanteadores, nada mais do que para abandoná-los. "Uma mulher perigosa", pensou, e sem lhe soltar a mão e sem lhe dizer palavra começou por dançar com ela uma música mal tocada que a vitrola rodava. Paula, quase insensivelmente, deixava levar-se, e apesar de Raul ser um péssimo dançarino, deu-lhe a impressão, acompanhando-lhe gentilmente os passos, de se tratar de um ótimo par. Isto lisongeou seu amor próprio, e ele começou a rebuscar a cabeça em busca de uma frase que marcasse a memória de Paula, uma frase que a fizesse recordar a dança, sua voz, seu gesto, a música, enfim — toda aquela noite familiar e ridícula, de repente transformada em prelúdio de amores românticos.

Pensou em versos e em frases célebres, mas tudo lhe pareceu superficial e falso. Enmudeceu, então, mais ainda, e seguiu apertando contra o peito a bela companheira que não dava sinal de desgosto. No fim da quarta contradança, estava quase enamorado do espesso perfume que subia do decote moreno da dama de verde. Também de quando em quando, procurava olhar seus olhos através da pintura que lhe bordeava as pestanas, revirando-lhe as pontas, mas os olhos permaneciam frios, irônicos. Apenas suas mãos se faziam mais doces à pressão e ao tacto, e

Raul em certo instante sentiu que ela intencionalmente se deixava roçar no ombro com uma displicência de mulher enamorada. Pareu bruscamente a vitrola, mas ele continuou agarrado à cintura da companheira rodeando-lhe a carne morena como uma ánfora de barro cozido, de curvas muito bem delineadas. Recomeçou a música e ele, já vagando num mar de sonhos, recomeçou o baile, misto estranho de desejos e de felina coqueteria.

Eram mais ou menos as duas da manhã quando terminou a festa. Paula partiu com o marido sem se despedir e Raul rondou a sua porta como um cão perdido, até o amanhecer.

Levou muitos meses sem divisar o rosto de Paula, embora mil vezes houvesse feito o trajeto de sua casa até o consultório. Obscado pela idéia de vê-la esteve dias e noites percorrendo as calçadas em busca de seus olhos pintados de negro-azul. E uma tarde ele resolveu pedir à amiga de Paula, a dona daquela festa, que lhe facilitasse uma entrevista, mas a amiga rindo lealmente lhe disse:

— Tem que esperar algum tempo mais, ainda não voltou de Córdoba.

Aquela resposta foi como uma chuva de verão: aplacou-lhe temporariamente a sede, mas despertou-lhe em seguida a imaginação: que faria em Córdoba? Estava sozinho? Fora com o marido? Quando voltava?

Evitou, porém, de fazer tais perguntas à amiga e esperou. Um dia ela estaria de volta, e então saberia descobrir um meio de entrar em sua intimidade, e de dizer-lhe porque dormia e sonhava noite após noite com ela, com seus olhos pintados de azul-negro...

E quando já declinava o seu entusiasmo, seu afã de vê-la e se dedicava pacatamente aos trabalhos do consultório, apareceu-lhe uma moçinha de avental, com uma carta que dizia:

"Estou gravemente enferma. Necessito seu auxílio. Venha ver-me esta tarde quando meu marido não estiver. Botarei na janela um sinal. Depois lhe explicarei tudo, Paula".

— Diga que não há resposta... murmurou, disposto a não se deixar levar por

uma aventura infantil, de folhetim: sinal na janela? E quando o marido estivesse ausente... Que mulher, santo Deus!

Mas quando a empregada partiu, agarrou o paletot, saiu pelos fundos para que os clientes não o vissem, e começou a rondar a casa de Paula. Somente muito tarde, quase às onze da noite, viu que se iluminava a janela da casa e uma pequena mão pendurava uma espécie de bandeira minúscula que começou então a acenar-lhe com o vento da rua: era o sinal.

Sem vacilar, Raul precipitou-se pela casa a dentro. Não encontrou criados para deter-lhe os passos e nem sequer estava fechada a porta do quarto. Com o coração já completamente agitado, bateu, e uma voz como saída de dentro de um rio, respondeu-lhe:

— Entre, por favor...

Raul, a princípio, não viu nada tal a agitação em que se achava. Aos poucos, porém, foi divisando, aqui e ali, os móveis, a lâmpada da mesa, a cama de casal e a esplêndida cabeleira de Paula, mais negra do que seus olhos, esparramada sobre o travesseiro. Quando se aproximou mais quase não a reconheceu, porque o esforço de imaginação daqueles meses acabara por construir-lhe uma imagem absurda e falsa da verdadeira Paula. Ali, era uma mulher quase bela, despida de pinturas e dos atrativos que a festa lhe emprestara. Seus olhos estavam sem pintura e cerrados, a boca também sem o rouge pesado era mais terna, quase infantil. Desesperado, e vendo que realmente ali estava uma paciente necessitada de seus auxílios, e não uma mulher que usava truques para atraí-lo na ausência do marido, Raul começou por perguntar-lhe o que passara e o que sentia, naqueles momentos:

— Falhei em meu intento: tomei uma dose de veneno, mas não morri e nem posso viver... Sou uma infeliz...

Tudo o mais foi uma questão de cuidados médicos, e Raul salvou a vida de Paula com uma atenção desvelada, cuidando-a na ausência do marido que passava muitas noites fora, e muitos dias, naturalmente... Bastava que a bandeira sur-

gisse na janela, Raul subia as escadas e penetrava no dormitório de Paula. Esta, aos poucos, vagarosamente, foi melhorando e uma tarde lhe disse:

— Creio que estou completamente boa... Meu marido vai para Córdoba e penso acompanhá-lo...

Então houve da parte de Raul um inquieto pedido, e uma recomendação exagerada de que ela não devia nem podia viajar... Paula acedeu.

Foi naquela mesma noite que Raul viu a bandeira minúscula, um delicado lenço de seda flutuante na janela. Entrou, como sempre, cautelosamente, como um ladrão. A porta do quarto estava aberta e a mesma voz familiar de sempre chamou-o. A cama de casal, os móveis antigos, a cabeleira negra esparsa pelo travesseiro, mas ao firmar os olhos em Paula, viu que não eram mais aqueles olhos doces sem pinturas e nem a boca respirava ofegante com o cansaço das vigílias: eram olhos atentos ao seu passo, cobertos de espessa camada azul-negra, e a boca então, era um verdadeiro poema vermelho de sensualidade insatisfeita. A linha da nuca mal se via nas dobras do travesseiro, mas os ombros estavam iluminados pela luz do candelabro rosado... Raul olhou ainda para a porta em busca de um refúgio porque pressentia que seus sonhos iam realizar-se de maneira tão formal e tão lógica que temia um completo desequilíbrio. Nada sucedeu, nenhum rumor veio de dentro da casa, nem a voz da criada ressoou no corredor.

Cauteloso como um ladrão que se roubasse a si mesmo na escuridão da noite, ele escutou seu próprio coração descompassadamente. Depois, sem um madrigal nem um beijo, apagou a luz.

Toda a vida dali por diante ficou pendente do sinal vermelho na janela, da bandeira pequena, cheia de sonhos. De tarde ou de noite, e mesmo em certas madrugadas, Raul esperou por aquele sinal. Perdeu às vezes horas sem fim, porém se recompensou plenamente das longas esperas, mergulhando o rosto nos enredados

(continua na página 32)



DESENGANO

Leonardo sentia uma imensa tristeza ao ver a noite descendo sobre o campo. O sol já morrera, desaparecendo por trás da serra grande. E os passarinhos já tinham se eninado nas árvores do pomar abandonado. Agora, só alguns raros urubús procuravam a copa dos coqueiros, as asas negras que pareciam desproporcionais.

Era naquela hora triste do dia que Leonardo se punha a pensar na vida, começava a arquitetar projetos que de véspera sabia não seriam postos em execução. O engenho há muito que estava de fogo morto, as máquinas se esfarinhando de ferrugem, o mato invadindo tudo. E Leonardo fazendo planos, pensando anoteecer e não amanhecer naquela cera de sempre.

A verdade é que se sentia incapaz para o trabalho. Há muito perdera aquela sua coragem, aquela força esquisita que todo mundo admirava no senhor de engenho de Desengano. Dizia-se que ele levantava muito antes do sol, e, enquanto o feitor ainda estava no primeiro sono, o Doutor já montava o cavalo malhado, metido nas botas de couro marrom, parabelo na cintura, o olhar medindo os lugares onde deveriam ser feitas novas plantações. E quando os homens passavam para o

eito já encontravam o Doutor que vinha de volta.

O Doutor era duro, ninguém coçilava com ele. No entanto, morador de Desengano sabia que tinha as costas quentes. Podia abrir estuagem na feira da vila que não seria preso. Autoridade era para os cabras de Salão, de Araticuns, de Tabatinga. Para homem de Desengano autoridade de nada valia.

Por isso, os moradores do Doutor Leonardo aguentavam o diabo do patrão, recebiam ordem de dobrar o dia no engenho e não faziam cara feia. Era um gosto trabalhar para um homem que nem o Doutor Leonardo.

E corriam histórias. Pai Simão dizia que o senhor de engenho tinha o corpo fechado e que ainda não nascera homem para botá-lo abaixo. Muitas toaias haviam sido preparadas para dar-lhe fim, mas nenhuma lograra êxito. O Doutor Leonardo era ligeiro no gatilho e o seu cavalo era mesmo que um pé de vento.

Por isso, a decadência vertiginosa de Desengano fôra uma surpresa para todos, deixando meio mundo de boca aberta. A causa da derrocada, contudo, ninguém jamais o soubera. Apenas murmurava-se que havia uma mulher metida no meio da história. O senhor de engenho

enrabiara-se por ela e se arruinara da maneira mais estúpida deste mundo. Gastara tudo que tinha acumulado pelo trabalho de tantos anos, pedira dinheiro emprestado a todos os agiotas do Recife e, por fim, deixara o engenho no abandono. As murmurações, entretanto, eram muito vagas e ninguém sabia nada de objetivo.

★

Balançando-se na rede, gozando o vai-e-vem, Leonardo recorda toda uma história que, naquele instante, ali, apreciando o morrer do dia, lhe parecia algo fantástica, coisa inventada por aquela gente tão poderosa de imaginação.

Mas, o cair da noite era muito bonito. E Leonardo não queria pensar na miséria em que estava atolado até ao gogó. Nem ao menos desejava lembrar que a cêrca do Coronel Maranhão estava entrando pe-

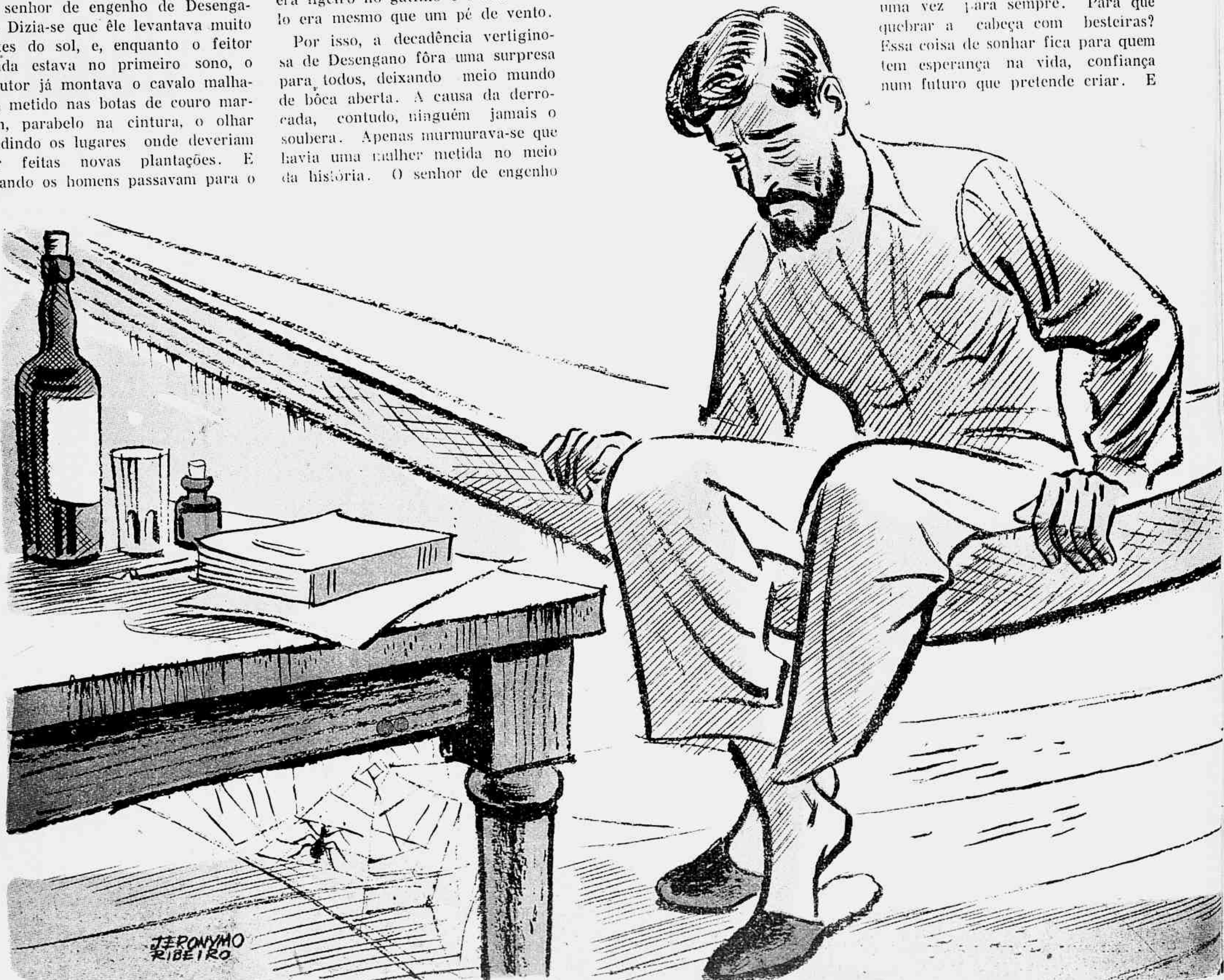
las suas terras, comendo tudo como se fosse empinge. E que em breve teria de deixar tudo aquilo e sair pelo mundo, vagabundando, se não conseguisse a colocação que lhe prometera um tio, sujeito influente na política.

Leonardo recorda que, quando menino de colégio, fizera uns versos sobre «o luar de prata se aninhando na bagaceira adormecida». Pobre passado! A bagaceira já não mais existia. A fava crescia no lugar onde o bagaço secara durante tantos anos. A bagaceira ninguém sabia nem bem onde ficara. E houvera mesmo uma bagaceira naquele lugar morto?

Uma pessoa que passasse por ali pela primeira vez jamais poderia imaginar que aquele casarão abandonado, com o mato invadindo tudo, fôra um engenho dos maiores do interior de Pernambuco, com cabras no eito, gritos de cambiteiros no ar, um moendeiro cantando toadas melosas, o tchan-tchan-tchan da máquina esmigalhando a cana recém-cortada, o cheiro de mel cosido entrando pelas narinas da gente, de provocar enjôos...

Aquilo estava de fazer pena.

Porisso, Leonardo não queria se deter a examinar todas aquelas coisas. Às vezes ainda se dava ao esporte de fazer planos. Mas logo esquecia tudo, consolado que já se encontrava de haver perdido tudo de uma vez para sempre. Para que quebrar a cabeça com besteiras? Essa coisa de sonhar fica para quem tem esperança na vida, confiança num futuro que pretende criar. E



Conto de **PÉRICLES LEAL** ★ Especial para **REVISTA DA SEMANA** ★ Ilustração de **JERÔNIMO RIBEIRO**



Leonardo nem esperava, nem se abalava para fazer um futuro. Porque, pensava, o futuro era aquele mesmo.

Em outros tempos, lutara como um danado para enriquecer, ter tudo à mão, rodar de auto pelo Derby, chispar pela estrada de Boa-Viagem, satisfeito da vida, sabendo que ninguém ia ter a ousadia de multá-lo por excesso de velocidade ou coisa semelhante. Era o Doutor Leonardo de Andrade Ramos, banguzeiro dos mais abastados de Pernambuco, amigo do Governo, manda-chuva de meio mundo... Nas pensões de mulheres, era supremo, D. Chiquinho reservava-lhe sempre a última novidade, a champanha mais gelada...

Nas eleições, dera uma bruta trombada no Coronel Maranhão, homem que andava de chapéu de chile na cabeça, montando uma burra ruda, para cima e para baixo, cuidando das necessidades da gente daquelas redondezas. O Coronel liderava o lugar haviam muitos anos e já considerava aquilo como feudo seu. A derrota que lhe inflingira Leonardo, deixara-o de cama. E, depois, comentava pelos engenhos, tristemente:

— Houve safadeza. O Governo jamais ganhou p'ra mim aqui. Houve safadeza. Só com violência o Leonardo me levava essa...

Leonardo gozava o morrer do dia. Chupou o cachimbo e teve um sor-

riso de satisfação pela vitória sobre aquele todo-poderoso. E' verdade que fôra necessário usar de violência para derrubar o Coronel Maranhão. Mas, política é isto mesmo. Quem é podre que se quebre.

Sebastiana chegou dizendo que o jantar estava esperando pelo Doutor.



A lua muito grande brilhava lá em cima. No tempo em que havia a bagaceira, ficava bonito que era mesmo um gôsto a gente ver. De uma brancura que até parecia sobrenatural, como uma imensa cabeleira de mulher loura estirada assim ao longo.

Tupi tentou lamber a mão do dono que saía fora da rede. Recebeu uma tapa no focinho e foi se enrodilhar a um canto da varanda, ganhando de dor.

Alguns matutos passaram tangendo uma tropa de burros carregados. De certo eram contrabandistas, vinham trazendo açúcar e aguardente sem selo do engenho vizinho. As brasas dos seus cigarros brilhavam, iluminando as caras barbudas. Deram boa noite quase a uma só voz.

A porteira gemeu e logo o som dos cascos dos cavalos se perdeu na noite.

A calmaria brincava na casa-grande. A princípio, Leonardo sentia-se

nervoso com aquilo. Para o seu espírito abalado, aquilo era terrivelmente tedioso, bolia com os seus nervos já em pandarecos. Porém, logo se habituou àquilo. Não sentia mais qualquer emoção ao recordar o passado. Examinava tudo como se não houvesse sido o protagonista do drama. Tinha olhares de espectador para a sua própria história. Ademais, de que serviria se abalar com coisas mortas? O passado nada mais era que o passado...

E o futuro? Pela segunda vez aquilo vinha martelar-lhe a cabeça. Logo afastou tal preocupação. E chupou o cachimbo demoradamente.

Vez por outra uma nuvem maior cobria a lua. Mas era somente por um instante. E cada vez que a lua reaparecia, vinha ainda mais bela.

Regina gostava da lua...

Leonardo remexeu-se na rede, violentamente. Quisera evitar aquele pensamento, a recordação daquela mulher, todavia parecia isto huma-

namente impossível. Regina era realidade, desempenhara o papel mais importante de toda a sua vida. Cavara a sua ruína, transformando um homem de ação, poderoso entre os poderosos, naquele pedaço de gente desconsolado e miserável que se balançava numa rede suja a fazer filosofia barata e a olhar a lua com ar idiota.

Regina gostava da lua e faltava horas inteiras sobre a sua beleza, como se a estivesse vendo pela primeira vez. E o corpo de Regina era branco como a lua.

Leonardo pulou fora da rede e saiu a andar sem destino. Uma vontade louca de botar um ponto final na vida, de meter uma bala no quarto e acabar com toda aquela história de uma vez por todas. Estava arruinado. Sim, isto era verdade. Mas, mesmo arruinado, a vida não lhe parecia de todo perdida. Não sentia nenhuma saudade dos seus tempos de todo-poderoso. Não. Isto nem ao menos o preocupava. O que o fazia ficar doido, de vez em quando, era a lembrança da traição de Regina, de sua traição sordida.

O homem que nunca amou, que jamais pensou ser o amor possível, que de forma alguma pudera imaginar que aquilo passasse de tolice de garotos de buço recente — vê-se, de repente, apaixonado por alguém. Esse alguém lhe parece diferente, algo como pessoa alguma terá encontrado em todo o mundo. E se entrega de corpo e alma ao seu amor, faz as maiores besteiras deste mundo, abandona o engenho, contrai dívidas e, no final, vê o seu amor fugir como ave de arribação.

A experiência foi dolorosa demais para Leonardo.

Porisso, ele não queria pensar em Regina, nos seus cabelos louros, nos seus peitinhos pequeninos e duros, na sua voz acariciante que falava da lua como se a estivesse vendo pela primeira vez na vida.

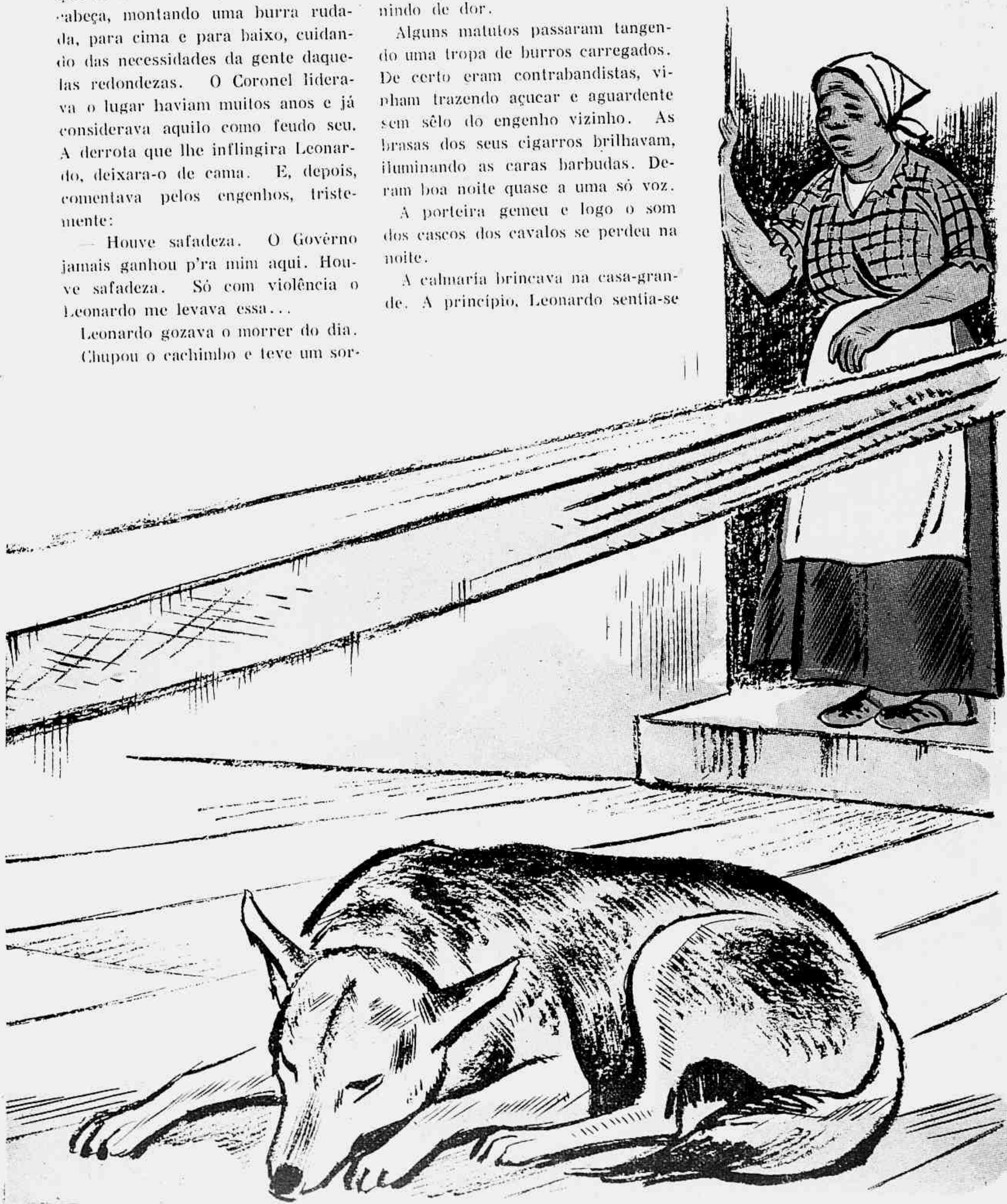
Leonardo vai dar fé de si já nas terras do Coronel Maranhão. E tem vergonha de sua fraqueza. Ora, Regina não passava de uma mulher vulgar. Apenas tinha um marido para satisfazer à sociedade, estudava pintura para enganar os bestas como ele Leonardo, e usava uma linguagem bonita com o mesmo fim. E ele se preocupando com uma si-rigaita daquela!

Teve vergonha de sua fraqueza e voltou quase correndo para Desengano.

Havia um silêncio de cemitério na casa-grande. Tupi cochilava enrodilhado num canto. Uma lamparina impregnava a sala-de-jantar com uma fedentina intolerável. Uma imagem do Coração de Jesus, o vidro lascado de cima abaixo, esquecido na penumbra.

Leonardo fechou a casa botando as trancas protetoras nas portas e janelas. Achou graça em si mesmo, naquele zelo desnecessário. Mas é que fazia aquilo todas as noites, era quase um tribunal.

Quando se estendeu na larga cama de jacarandá, sentia o corpo moído como se a caminhada lhe houvesse requerido um esforço tremendo. Era o sono. Não, não sofreria de insônia. E amanhã pensaria no futuro... o futuro...



O TELEFONE

Conto de JOEL SILVEIRA

★

(Especial para "REVISTA DA SEMANA")

Não me recordo de um outro agosto tão agreste e cinzento. À noite, um vento frio geme suas flautas nas frinchas, desnuda as árvores, atapeta o chão de um marrom velho e morto, encrespando as ondas do mar que até ontem era azul e quase manso. Nuvens aveludadas envolvem os muros, encobrem os cabôcos, e dificilmente a luz segura do farol, desoladamente vigilante na ilha longínqua, consegue abrir caminho por entre a névoa espessa.

Tenho ficado longas horas na janela do apartamento, de cigarro acêso, sozinho com a noite que se estira, uniforme e calada, numa sucessão de trevas e frios. Uma vez por outra, apêlos estranhos parecem vir do mar, vezes roucas que bem podem ser, apenas, despedidas ou anúncios de navios, mas também, — quem sabe? — queixas de antigos naufragos, arrancados dos seus tumulos abissais, que o mar enfurecido tangeu na orla da praia. Não é possível, em noites assim, levar o pensamento até lembranças felizes e amigas; pelo contrário, como que atraído pela cinza e pela desolação, o espírito acaba por se fazer igualmente frio e escuro, se tornando um complemento do que de triste e fechado vai lá por fóra, dentro da noite.

Falei de possíveis lamentos vindos com o barulho das águas, e fico a imaginar se não será de Maria uma daquelas vozes súptiles. Há instantes, até, quando o silêncio é maior e a treva mais densa, em que pareço sentir a sua presença próxima, talvez defronte de minha janela, gritando por socorro entre um e outro rebarbar das ondas. Ou então, quando o sono começa a me endurecer os olhos, o tilintar súbito e difuso de um telefone escondido me põe um calafrio no corpo inteiro, enchendo-me do medo de que o homem do necrotério, como naquela madrugada, venha a me repetir o aviso terrível: "Ua moça,

Matou-se no apartamento. Só encontramos o endereço do senhor".

Passo as mãos pelos cabelos, balanço a cabeça com força, a querer mandar embora as lembranças dolorosas. Mas a noite não ajuda, a cercar tudo com os seus transidos duendes de cinza. Até dias atrás eu ainda podia distrair os olhos no caminho luminoso e reto que o farol estende sobre o mar, e muitas vezes só me recolhava ao quarto quando o primeiro sol fechava, até a noite seguinte, a grande pupila incansável. Mas numa noite, quando a reta clara encompridou-se sobre as águas, então mansas, vi distintamente o cadáver de Maria, quase desnudo, passar lentamente, de mãos cruzadas sobre o peito, levado pelas vagas sem pressa. Fora visão rápida e que não se repetiu mais até a madrugada, embora eu tivesse passado o resto da noite a esquadrihar a superfície calma e rouca das águas.

Mas a aparição voltou em todas as outras noites, como uma constante fúnebre. Descobri depois, surpreendido, que o espectro sempre surgia, boiando sobre as ondas, logo após eu ter apurado no ar o estridular do telefone anunciador. Mandara desligar o meu próprio aparelho, na crença de que alguém, conhecedor da minha história com Maria, estivesse a se divertir com a minha inquietação. Debalde, porém. Certa madrugada despertei com a campainha tilintando estridentemente aos meus ouvidos. Acordei como um autômato, e imediatamente o tilintar se tornou difuso, como se uma redoma misteriosa tivesse abafado a campainha. Um suor frio começou a umedecer a minha fronte, e eu sentia dentro do peito o coração se esvaindo, medroso e pequeno. Abri atônito a janela do apartamento, passei para a varanda. Meus olhos, como dois viciados, procuraram a superfície do

mar — e precisamente naquele instante, banhado pelo traço firme do farol, o corpo de Maria passava, silente, as mãos cruzadas sobre o peito nu, exatamente como a vi, pela última vez, estirada sobre o mármore sujo do necrotério.

★

Tenho procurado evitar as noites, chegando muito tarde em casa, andando sem rumo, pelas ruas, até que a aurora vença as derradeiras sombras noturnas. Crio distrações e passatempos, com o fito de tornar as horas menos longas, mas logo elas me cansam, e já não sei mais onde encontrar um apoio que me sustente noite a dentro, até um novo dia. Vejo chegar às bancas as edições dos matutinos; estou presente, no pequeno pórtico, quando os pescadores arribam do mar alto; ou quando os carros da prefeitura alisam o asfalto com a primeira ducha do dia. Fico também, muitas vezes, sentado no banco do jardim, a capa de gabardine me protegendo do vento frio, a seguir com os olhos a uniforme fauna humana que costuma se movimentar, sonolenta e amarfanhada, pelas ruas do centro, quando a madrugada já vai alta; mulheres pintadas que vêm dos "dancings", músicos com seus instrumentos debaixo do braço, miseráveis embrulhados nos seus andrajos, que revolvem os cestos de lixo e as sarjetas úmidas. Ou então me deixo levar por qualquer bonde deserto, até o fim da linha, os olhos se cansando nas portas e janelas fechadas dos bangalôs, nos bairros e subúrbios distantes.

Uma vez por outra, quando os recursos de vencer a noite se vão exgotando, e o sono acumulado começa a anular as minhas últimas resistências, fico a me dizer que talvez a minha longa ausência do

apartamento tenha acabado por expulsar do meu cérebro todas as alucinações, e que já posso voltar para casa de coração tranquilo. Então, passo o dia, no emprego, numa expectativa dolorosa, os nervos tensos, a vista presa nos ponteiros do grande relógio da repartição. A mão me treme quando abro a porta do apartamento. Há uma sensação de febre pelo meu corpo inteiro e a água que bebo na torneira, não me tira a morna ardência da garganta. Sacudo o palitô e a gravata sobre uma cadeira, acendo todas as luzes. Estirado na cama, as temporadas latejando, sinto a noite avançar. Vão se espaçando, gradativamente, todos os ruídos urbanos, e pouco a pouco o ruído marulhar das ondas, como um motor poderoso, fica arfando sozinho dentro do silêncio.

★

A campainha do telefone grita nos meus ouvidos. Acordo, e o quarto, agora, está imerso em trevas, como se alguém tivesse apagado as lâmpadas. Seguro o telefone e pergunto, covo: "Quem é?" Do outro lado, uma voz de homem, tranqüila, me avisa, como se estivesse a me transmitir uma informação banal: "Uma moça. Matou-se no apartamento. Só encontramos o endereço do senhor". "Onde está o corpo?". "Aqui no necrotério. Acho bom o senhor vir".

Visto a capa sobre a camisa, apanho um táxi na esquina. Notei que os faróis do carro, quando se acendem, são de um suave tom róxo, o que faz com que, adiante de nós, pelas ruas fechadas e silenciosas, sempre se estendam duas retas violáceas, que se perdem no nevoeiro, estranhamento compacto: nada vejo através dos vidros do automóvel, mas o chauffeur corre seguro por entre as sombras, como se tivesse o seu veículo sobre trilhos. Quando faço menção, adiante, de lhe dizer para onde quero ir, ele se volta e diz: "Temos que chegar a tempo". E instantes depois estaca o carro defronte de uma massa escura, que enxergo ser um prédio velho, de platibanda desbotada. "E' aqui".

Atravessamos uma primeira sala, deserta, muitas outras, seguimos por um corredor úmido e estreito. Também aqui a nevoa lá de fóra conseguiu penetrar, e sobe do chão ladrilhado como uma esbranquiçada nuvem de vapor. Sinto, de repente, que estou só, defronte de uma porta larga e escura, sobre a qual bato com os punhos. Alguém faz os gonzos ranger e ouço uma voz que me convida: "Ela está ali. Olhe". No centro da sala, que está fortemente iluminada, o cadáver de Maria, nu, as mãos escondendo os seios flácidos, repousa duro sobre uma mesa de mármore amarelado. O homem que abriu a porta me leva até o corpo. Maria tem os olhos muito abertos, os lábios ligeiramente afastados e as faces encovadas. Sinto, atrás de mim, um bafo morno do homem, que não sei quem seja. E em seguida sua voz abafada me sussurrando aos ouvidos: "Ácido prússico. E o culpado foi o senhor". Volto-me com violência: "Como?" O homem faz intenção de responder, mas naquele instante um telefone começa a tilintar perto. Repito, quase gritando: "Como?" Vejo o homem mover os lábios, mas a campainha agora é mais forte, e não escuto nada. Quando o silêncio volta, o homem prossegue: "O culpado foi o senhor. Pense no que o senhor fez da vida dela. Tenho aqui as fotografias". E me entrega um volume pesado, talvez um álbum, de capa de veludo azul, com ângulos de metal. "Veja". Apoio o livro sobre o corpo inanimado de Maria e o vou folheando, sem gastar mais de um segundo na contemplação de cada instantâneo. Não há dúvida que é toda a nossa vida passada em comum, uma existência sem equilíbrio que acabou por ser cortada ao meio: a última vez que vi Maria estava ela como aparece aqui numa das fotografias — o rosto banhado de lágrimas, os cabelos desalinados, um roupão frouxo caindo pelo corpo magro, tentando me segurar na porta do apartamento. "De quem é isto?" O homem me arranca o álbum das mãos, responde: "E' da casa". Em seguida, segura-me pelo braço e me deixa na rua, dentro do ne-

(Continua na pág. 72)

Ilust. de A. ZAGORSKA



VIDA LITERÁRIA

DON QUIXOTE

Depois de Hollis & Carter publicarem em Londres "On Hamlet", o estudo de Salvador de Madariaga sobre a complexa personagem shakespeariana, livro esse admiravelmente analisado há duas semanas pelo agudo senso crítico de Eugênio Gomes, erudito como sempre em matéria de literatura da Grã-Bretanha, a Oxford University Press lança a edição inglesa doutro ensaio de Madariaga, sobre o "Don Quixote", que aparecerá em edição limitada em 1934. Nesse livro, sob o título "Don Quixote-An introductory essay in psychology", o autor traça, evidentemente com a mão muito mais firme do que ao tratar de Hamlet, um verdadeiro retrato da personagem cervantina, a par da significação que esse prodigioso símbolo tem no quadro espanhol. Sancho e Quixote, irmanados nos seus destinos, ressurgem aos nossos olhos através da crítica segura do conhecido pensador espanhol, que hoje reside, definitivamente, na Inglaterra, como se sabe.

O BELO BRUMELL

Na história política e elegante da Inglaterra há certa figura das mais curiosas e fascinantes, não por uma crônica de feitos notáveis, mas pela estranha sedução pessoal que exerceu sobre os seus contemporâneos e ainda hoje exerce sobre a nossa imaginação: o Belo Brummell. Agora mesmo, num livro interessantíssimo, publicado em Londres pela editora Hammond, Mammond & Co., a escritora inglesa Kathleen Campbell revive de maneira admirável essa amável personalidade. Em "Beau Brummell — A biography study", com várias e preciosas ilustrações, a autora traça com segurança a história de George Brummell na sociedade do seu tempo, explicando como esse homem, "sem nascimento nem fortuna", pôde ascender às mais altas distinções no "grand monde" da Grã-Bretanha, convivendo com reis, príncipes, aristocratas e políticos, intelectuais e artistas de relevo, a dominar com a sua "finesse" e a sua elegância o mundo feminino e masculino de então. Nem o "Beau Nash", nem o cavalheiro d'Orsay exerceram tamanha influência na sua época, como George Brummell, que passou à história, como um rei da antiguidade, com o seu cognome de "o Belo". A sociedade da Regência é admiravelmente estudada nessa obra que nos oferece um excelente panorama das letras e das artes do tempo além dum esforço muito expressivo da vida social e política da Londres daquele período. Cabe

ainda assinalar a atenção que Kathleen Campbell dispensou à análise comparativa das influências sociais no domínio da produção intelectual da época, com reflexos na política. "Beau Brummell" é, assim, um esplêndido livro.

"PELO SERTÃO", EM EDIÇÃO DE LUXO

O último volume a ser editado para gozo e glória dos cem bibliófilos do Brasil é o "Pelo Sertão", de Affonso Arinos. Como se sabe, os livros lançados por aquele grupo não ultrapassam o número de 110, destinados aos cem sócios, à Biblioteca Nacional, ao Ministério da Educação e outras restritas entidades do mesmo porte. Desta vez, o maravilhoso volume, que sempre resulta desses lançamentos, será ilustrado por Lívio Abramo. Os desenhos, que se acham expostos há dias na Escola de Belas Artes, constituem uma das mais notáveis contribuições já apresentadas entre nós para a ilustração de texto pela magistral interpretação da temática sertaneja na linguagem plástica abstracionista, de que a arte de Lívio Abramo consegue retirar o máximo de emoção e de beleza, na suntuosidade das suas linhas retas, ângulos, triângulos e curvas da mais sugestiva geometria.

GAUCHOS E BEDUINOS

Manoelito de Ornellas estreou há vinte anos com um livro de poemas modernistas, "Rodeio de Estrelas", seguido logo depois, em 1930, por outro também de versos, "Arco Iris". Ao poeta sucedeu o crítico, lúcido e muito bem informado, estudando em "Vozes da Ariel" as principais figuras da nossa literatura contemporânea, firmando-se definitivamente como um dos nossos mais seguros analistas de idéias e de conceitos. Do mesmo gênero são os magníficos ensaios de "Símbolos Bárbaros" e as conferências "Tradições e Símbolos" e "Caminhos originais do Brasil". Em 1945, Manoelito de Ornellas publicou ainda "Tiarajú", epopeia do índio missionário de que diz Alvaro Moreira ser "desde logo um livro clássico. Livro para os pequenos e para os grandes. Livro puro".

Deixando a literatura propriamente dita, o brilhante escritor do extremo sul lança-se agora a um gênero diverso, publicando uma obra excelente de erudição e de análise, "Gauchos e beduínos", (Livaria José Olympio editora), no qual defende a tese da influência árabe sobre a formação étnica e social do gaúcho, através dos usos e costumes, da linguagem e da psicologia,

quando não pelo próprio tipo físico do homem da fronteira. O autor baseia-se em sólida documentação e obedece aos métodos mais rigorosos da investigação sociológica, com o que pode debater, perfeitamente senhor de sua tese, um assunto riquíssimo em sugestões sobre o nosso passado histórico e social, pelo brilho e originalidade das conclusões a que chegou.

TRINTA MIL EXEMPLARES

A Editora Saraiva S. A. de São Paulo, que iniciou há tempos a reedição de livros de autores brasileiros de sucesso, em volumes de 200 páginas e ao preço de Cr\$ 7,50, o exemplar, tendo publicado já, entre outros, "Pussanga", de Peregrino Júnior e "O professor Jeremias", de Leo Vaz, anuncia para breve "O rei Cavaleiro", de Pedro Calmon, "O morro dos ventos uivantes", de E. Bronte (em dois volumes) e "O amanuense Belmiro", de Ciro dos Anjos, que obteve, quando do seu aparecimento uma verdadeira consagração da crítica nacional.

OUTRO LIVRO DE KOSTLER EM PORTUGUÊS

Arthur Kostler continua no cartaz. Depois de "O Iogue e o Comissário", a editora Ipê publica na sua coleção Oceano, a tradução de "Cruzada sem cruz", romance passado numa cidade neutra da Europa, onde se movimenta um grupo de refugiados de vários países. Um deles, jovem de ardente ideologia, luta violentamente pelos seus princípios, sendo por isso torturado como um herói.

O livro encerra uma crítica evidente ao fanatismo ideológico, no que Arthur Kostler se tem revelado o mais hábil dialético destes tempos.

DUAS NOTÍCIAS DE S. PAULO

José Geraldo Vieira, o grande romancista de "A túnica e os dados" foi eleito para a Academia Paulista de Letras, na vaga de Monteiro Lobato. A mesma Academia concedeu o prêmio "Alcântara Machado", de 20 mil cruzeiros, à escritora Helena Silveira, autora do livro de contos "A esmo".



Desde a publicação de "Sparkenbroke", de Charles Morgan, a Livraria do Globo abriu à inteligência do leitor brasileiro um generoso crédito de confiança, pela apresentação de obras sem qualquer chamariz de "best sellers", que é mesmo uma das suas mais altas características de casa editora. Tal iniciativa, no entanto, se muito lhe honra, não lhe terá sido com certeza de mau augúrio, desde que já hoje sua prestigiosa Coleção Nobel constitui uma das mais procuradas do Brasil, permitindo-lhe assim, incorporar a maior parte dos autores de classe da atualidade, como sejam Theodore Dreiser, Roger Martin du Gard, James Joyce, Aldous Huxley, Thomas Mann, Romain Rolland, William Faulkner. Um dos últimos integrantes da ilustre galeria foi o de Virginia Woolf, com "Mrs. Dalloway" e já sabemos que não tardará também a aparecer nela Marcel Proust, em sua obra integral. Este é, sem dúvida, um glorioso "ativo" a que não podemos deixar de render justo preito, mormente quando no momento acaba de ser lançada a tradução doutra obra de Virginia Woolf, o discutido "Orlando", numa tradução realmente admirável de Cecília Meirelles, talvez mesmo o mais indicado de nossos escritores para semelhante tarefa. Efetivamente, muito embora "Orlando" seja, como disse o crítico inglês Frank Swinnerton, "excessivamente interessante como narrativa" é certo que foge ao padrão habitual do romance, para ser antes uma perturbadora sucessão de imagens poéticas. Não se trata de enredo, caracterização de tipos ou conflito de paixões. Tudo é representação duma poderosa sensibilidade, através da qual o mundo aparece intensificado com todos os seus componentes isolados e nítidos. Numa atmosfera de generalizações e ilimitações que somente obedecem ao arbítrio de criação e sugestão da autora, o personagem principal, às vezes homem, às vezes mulher, tem uma existência livre, ora alheia, ora submetida ao tempo, sucedendo-se à sua volta, como outras tantas personagens de primeiro plano, cidades e ruas, campos e montanhas, épocas e fatos, desde a era elisabetana até os nossos dias. Não é assim uma criatura humana, isolada e caracterizada, mas sim a criatura humana, tratada como tema de transcendente poesia, o que fez outro crítico, Hugh Walpole dizer que a obra de Virginia Woolf acresce uma beleza perene às letras inglesas.

A EVOLUÇÃO DAS OBRAS PRIMAS

A editora Phenix House, de Londres, publica um livro do conferencista oficial da National Gallery, Charles Johnson, M. A., que é um dos mais interessantes e sugestivos no gênero. "The Growth of Twelve Masterpieces" ("A evolução de doze obras primas"), que tal é o título da obra, mostra pela primeira vez, ao que me parece, de forma admiravelmente metodizada e com uma penetração que somente o longo e erudito conhecimento do assunto poderia permitir, como se processou a gênese e o desenvolvimento de doze obras primas da pintura universal: "A descida da cruz", de Ugo da Siena; "A agonia do Jardim das Oliveiras", de Giovanni Bellini; "A crucificação", de Antonello da Messina; "A Virgem dos Rochedos", de Leonardo da Vinci; "Cristo e Maria Madalena", de Ticiano; "A purificação do Templo", de El Greco; "Pôr de sol", de Rubens; "Bacanal", de Poussin; "A reunião musical", de Watteau; "Madame Moitessier", de Ingres; "O cavalo saltando", de Constable e "A montanha Santa Vitória", de Cézanne. As obras consideradas constituem, portanto, um grupo dos mais ricos pela diversidade de assunto, além de reunir artistas das escolas das épocas e dos temperamentos mais variados, desde os primitivos, da escola de Siena do Século XIII, ao nosso contemporâneo, mestre da escola de Barbizon. Pintura religiosa, paisagem, quadros de gênero, mitologia, retrato, esses os temas considerados, através do penetrante estudo de Mr. Johnson e das magníficas ilustrações que nos apresenta o livro, que é, como

sempre acontece com os livros ingleses, um verdadeiro primor de arte gráfica. A sequência cronológica das obras primas revela, logo de início, a dolorosa incerteza, a pobre ciência dos mestres dos primórdios da pintura, face aos terribles problemas da criação, não somente no que diz respeito à técnica propriamente dita, como principalmente às regras de concepção e da composição. Há uma comovente ligação de tenacidade no sobrehumano esforço desse remoto antepassado de Rafael, como é por exemplo, masser Ugolino da Siena (1290-1339), a extrair da tolhida indigência da sua arte incipiente alguma coisa de novo e de grande ao mesmo tempo, com que renovar o tema da Deposição da Cruz, um dos mais antigos talvez da história das artes plásticas da nossa era. A predominância do estilo bizantino, com a disposição das suas figuras hieráticas e a riqueza do seu colorido, tão bem expressos em iluminuras dos séculos de dois séculos antes, baixos relevos como o da catedral de Parma, o primeiro gigantesco impulso das massas dinâmicas, já empreendido por Duccio, tudo isso, através do seu temperamento pessoal, faz da admirável composição do pintor sienês um dos mais puros momentos da arte cristã de todos os tempos. Em nenhum dos casos citados no livro, se trata de plágio de qualquer espécie, mas de irremediáveis limitações de desenho e de cor que o próprio tema, rigidamente restrito à interpretação da Bíblia, trazia aos primeiros mestres, ainda assim, mestres. Com a Renascença, co-

como no caso de Leonardo, cativa a obra de arte do próprio espírito do criador. O demônio da sutileza e do ceticismo, que haveria de culminar no enigma da "Gioconda" lutava ainda, consigo mesmo, nos eternos desdobramentos da idéia e da especulação. Sua "Virgem dos Rochedos", que se acha no Louvre e na Galeria Nacional de Londres, mostra-lhe as duas faces desse terrível dualismo, entre a realidade observada e a sonhada idealização. Muitas vezes é um traço apenas, e enevoados de um ricto que transfigura uma boca e é todo um mundo novo de amplos horizontes estéticos. Os que se seguem vão em geral no mesmo caminho de Da Vinci, empenhando-se encarnadamente na sua luta com o anjo. Os esboços, os estudos, os apontamentos, as diversas versões da mesma obra se sucedem, até a coroação do luminoso labor, para que, afastados os andaimes, como nos versos do nosso poeta máximo, fique, para nossa admiração e nosso êxtase, a força e a graça na simplicidade adquirida a custa de tanto suado e esforço. Assim é, entre todos, ilustrativo o caso da paisagem "Pôr de sol", de Rubens, o da "Bacanal", de Poussin e, principalmente, o "Cavalo saltando", de Constable, desdobrados e renovados sempre, com um novo sentido de beleza, através de três e quatro versões, com que se conclui que a obra prima tanto pode surgir, de golpe, como resultar de longa e trabalhosa elaboração, através de anos de estudos e de pesquisas, de que seria Cézanne o mais alto exemplo na história da pintura.

H. L.



Chegou na semana passada ao Rio, sem qualquer notícia prévia, John dos Passos, o famoso romancista de "Paralelo 42", que vem ao Brasil para escrever uma série de artigos para a revista "Life". Falando ao repórter, o escritor fugiu prudentemente a qualquer declaração não somente sobre política em geral como ate mesmo sobre o programa das suas reportagens, tendo seguido logo para Minas, onde irá a São Paulo, para uma nova estadia na capital da República.

LIVROS NOVOS

JOÃO LUSO

É a história de um jovem castelhano, D. Fernando de Moura, que, numa sortida de caça, foi aprisionado pelos indígenas ainda bastante selvagens da tribo dos Aimarás.

Dá-se o caso em princípios do Século XX e em certo ponto da cordilheira dos Andes, sobre a planície dos Llanos. Os Aimarás tinham já, com efeito, saído do estado primitivo. Possuíam e destramente manejavam armas de fogo; haviam aprendido as manobras de guerra e outras artes dos civilizados; o seu ódio aos espanhóis exacerbava-se ao extremo, com as derrotas por estes infligidas aos rebeldes das terras conquistadas; e qualquer castelhano por eles feito prisioneiro era "sacrificado aos deuses" com os excessos de ferocidade que só a superstição inspira. Felizmente para D. Fernando, estava entre os selvícolas outro branco, capturado em criança e guardado para quando se considerasse oportuna a sua morte. Chamava-se Felpo; e, sem ter deixado de saber falar o castelhano nem de amar a sua raça, foi se familiarizando com o linguajar dos Aimarás e tudo quanto eles praticavam na paz como na guerra. Felpo afeiçoou-se imediatamente a D. Fernando e resolveu ajudá-lo a fugir, a si próprio se salvando do cativeiro e do sacrifício. É uma longa aventura, com situações e lances sensacionais, até chegarem à planície da libertação. Não finda, porém, aí o romance. É apenas uma espécie de prólogo. E o moço que foi criado entre os selvagens, Felpo, se torna, com outro nome, um herói das lutas que, vencendo a tirania dos colonizadores, conduziu os nativos à fundação da República da Colômbia.

O livro, com o seu fundo histórico, e mais ou menos imaginação no desenvolver dos episódios, prende realmente a atenção, de princípio ao fim.

A sra. Chiquinha Neves Lobo prossegue ardorosamente na missão que se impôs, de exaltar as grandes figuras das letras e das artes.

Depois de um volume de feição didática: **Lições úteis**, aprovado pela Diretoria do Ensino do Estado de São Paulo e que já vai na terceira edição, todas as suas obras se consagram àquele objetivo generoso: retribuir homenagem à inteligência e ao saber alheios, tanto quanto possível divulgando as obras que deixaram. E realmente esse "tanto quanto possível" é considerável. Todos os livros da sra. Neves Lobo se têm esgotado. Assim sucedeu com **Glórias Brasileiras**, 1.^a e 2.^a séries; **Vida dos Grandes Músicos**, 1.^a série; **Vultos Célebres**; **Poetas da Minha Terra**; e estão prontos para o prelo: **Glórias Brasileiras**, 3.^a série; **Mestres da Pintura**, em duas séries; **Vultos Célebres**, 2.^a série; e **Músicos Brasileiros**.

O presente volume, 2.^a série da **Vida dos Grandes Músicos**, compreende quinze celebridades. Pela ordem cronológica deveria principiar em Haydn e findar como finda em Franz Lehar. Mas a autora não obedeceu a essa ordem nem, que se note, a qualquer outra. É de supor que tenha composto o livro à maneira que, em relação a cada biografado, foi obtendo dados considerados completos ou, pelo menos suficientes para dar bem idéia da individualidade. Assim se sucedem: Bellini, Haydn, Mendelssohn, Grieg, Weber, Puccini, Meyerbeer, Debussy, Paderewsky, Saint Saens, Gounod, Donizetti, Bizet, Massenet, Lehar. A exposição é singela e correntia, como convém às obras que se destinam, não a uma classe especialmente culta e entendida, mas a todos os curiosos do assunto e, a bem dizer, a toda a gente. A revisão é que bastante deixou a desejar. Numa só página, a de número 188, se encontravam as incorreções: **Grand Faute**,

O prisioneiro dos Aimarás

Romance de FRANZ TELLER

Edições Melhoramentos — São Paulo 1948

em vez de **Grande faute**; **Air de ballet**, em vez de **Air de ballet**; **Roi de Lahore**, em vez de **Roi de Lahore**, além de aspas de mais ou de menos e outras insignificâncias. Mas a obra terá certamente nova edição; e então, entre que a melhor revisor, tudo se deverá remediar.

O sr. Manoel Cerqueira Leite mantém o gosto, veemente, entusiástico da poesia regional, vitoriosamente assinalado no seu primeiro livro do gênero: **Terra Verde**. No presente volume ainda esse amor ou culto se acentua pela adoção exclusiva do metro a que melhor se acomoda a inspiração dos trovadores e "emboladores do sertão". Apenas, por questão de capricho técnico, todas estas composições observam, mais ou menos, a forma de soneto. São, como dantes se dizia, sonetinhos. E "mais ou menos" escrevemos, porque, não raro, o poeta foge à condição das mesmas rimas nos quartetos, abandonando, assim, o modelo puramente clássico. As redondilhas do sr. Cerqueira Leite geralmente se caracterizam por certa feição de espontaneidade graciosa — obtida sem esforço ou com algum trabalho, pouco importa. Em todo caso, e por mais trivial que, à primeira vista, pareça, não pode ser imitada por toda a gente. Abrindo o livro ao acaso, depois de o havermos lido, encontramos o sonetinho intitulado **Sertanejo**:

Morre o sol ensangüentado.
Ao longe estala um portão;
surge um tropeiro montado
num garboso redomão.

Na palhoça, fatigado,
mas alegre, ceia o peão.
E tira, agora, um ponteadão
de viola, à luz do lampeão.

E canta! E o canto estridente
ecoa longe, fremente,
num torturado baixão,

enquanto a lua se evolva,
cirandando ao som da viola,
caçando o verde sertão.

Ilustram o volume interessantes desenhos à pena, da sra. Celisa Leite Medeiros.

Distribuídas pelas trezentas páginas deste volume, se encontram, por assim dizer, todas as modalidades do folclore. Aqui temos, com efeito, o conto de estrada ou de lareira; a lenda pitoresca; a crença e a superstição; a poesia de recitar, de cantar e para dançar; a anedota ora simplória ora maliciosa, em todo caso ingênua. Tanto quanto possível, nas suas reconstituições como nas narrativas ou considerações próprias, o autor se aproxima do pensar, sentir e falar da gente do sertão. Trata-se de um homem de letras — pelo menos no presente livro — que principalmente teve por escola a roça e por mestre o tabaréu. Assim, a obra se nos oferece sem artifícios nem afetações, natural, espontânea e extremamente simpática. Se as tarefas obrigatórias do ofício nos não interrompessem, te-la-íamos lido de uma assentada. Mas de certo foi melhor assim, porque a gozamos aos poucos e, portanto, melhor.

Na parte consagrada aos cantores e emboladas, vem um desafio entre os caboclos Quelemente e Zé do Norte, no qual nos surpreenderam estrofes de imaginação e graça deliciosas. Diz, por exemplo o primeiro desses cantores:

ÁGUA NA CUIA

Versos de MANOEL CERQUEIRA LEITE

Editora Brasileira Ltda. — São Paulo 1948

Quando faltá minha lira,
Quando eu não soubé glosá,
Quando o condô não voá,
Quando o ferro dé embira,
Quando Deus pregá mentira,
Quando o gelo dé esalô,
Quando o escravo fô senhô,
Quando na face da terra
Não houvé monte nem serra,
Você é bom cantadô.

Ao que responde Zé do Norte:

E se acaso o má secá
E a muié não dé mais fruto;
Quando houvé rezão nos bruto,
Quando peixe não nadá,
Quando defunto falá
E no céu houvé horrô,
Quando a terra imove fô,
Quando o burro fô profeta,
Quando eu não fô mais poeta,
Você é bom cantadô.

O único senão do livro está justamente na parte que deveria ser de erudição e ensinamento, quer dizer: no glossário intitulado **Dialeto sertanejo**. Muitos dos termos ali reunidos não pertencem a tal dialeto nem a qualquer outro; são muito bom português e estão, com idêntico significado, no dicionário do mestre purista dr. Fr. Domingos Vieira. Assim, por exemplo, acoitar, esconder; agoitar, bater; agude, represa de água; aderente, pessoa que adere; adjutório, auxílio; afoito, corajoso; agoniado, ansioso; amancebado, amasiado; anca, quadril do animal; anágua, peça do vestuário feminino... E note-se: isto só na letra "a".

In illo tempore, o famoso livro de Trindade Coelho, está na quinta edição, tendo sido as últimas de grande tiragem. Publicado em 1902, desta obra se pode dizer que ficou. Tornou-se clássica e incomparável como história jovial da Lusa Atenas de fins do século passado, com os seus "Lentes, estudantes e fútricas". (Esta terceira designação significa, no dicionário acadêmico, todo homem que não estuda para fazer exames no Liceu ou ato na Universidade). Trindade Coelho passou ali uma época sobremaneira brilhante e alegre, cheia ainda de recordações da boémia a que pertenceram Antero, Teófilo, Eça, João de Deus, Junqueiro, Gonçalves Crespo, João Penha e a que outra sucedia, se não propriamente genial, pelo menos fulgurante de espírito, entusiasmo, vivacidade e brio — o brio da autêntica "briosa" coimbrã. Assim, as páginas de **In illo tempore** registam uma fase das "repúblicas" em que se mantinha quanto possível a tradição.

Vem agora a **Coimbra de capa e batina**, do sr. Carminé Nobre. Como o autor lamentosamente declara no prefácio, não se trata da mesma Coimbra de Trindade nem da que conheceu poetas e cantadores como Antônio Nobre, Alberto d'Oliveira, Teixeira de Pascoaes, Afonso Lopes Vieira e, com a sua guitarra e os seus fados, o Hilário. Muita coisa se perdeu, outros casos e aspectos, com a ânsia modernista, se modificaram. O próprio uniforme da capa e batina parece em via de desaparecer. Mas o sr. Carminé Nobre encontrou ainda curiosas e engraçadas histórias para nos contar. Fá-lo, como também, é próprio diz, sem "qualquer pretensão de ordem literária", mas usando de uma sinceridade de testemunho e uma clara singeleza de exposição a que nenhum leitor ficará indiferente. A obra consta hoje de dois volumes, o primeiro dos quais em segunda edição. E já o autor promete o terceiro tomo que sem dúvida será, como os outros, bem-vindo.

Coimbra de capa e batina

Reminiscências de CARMINÉ NOBRE

Atlântida Editora — Coimbra 1948



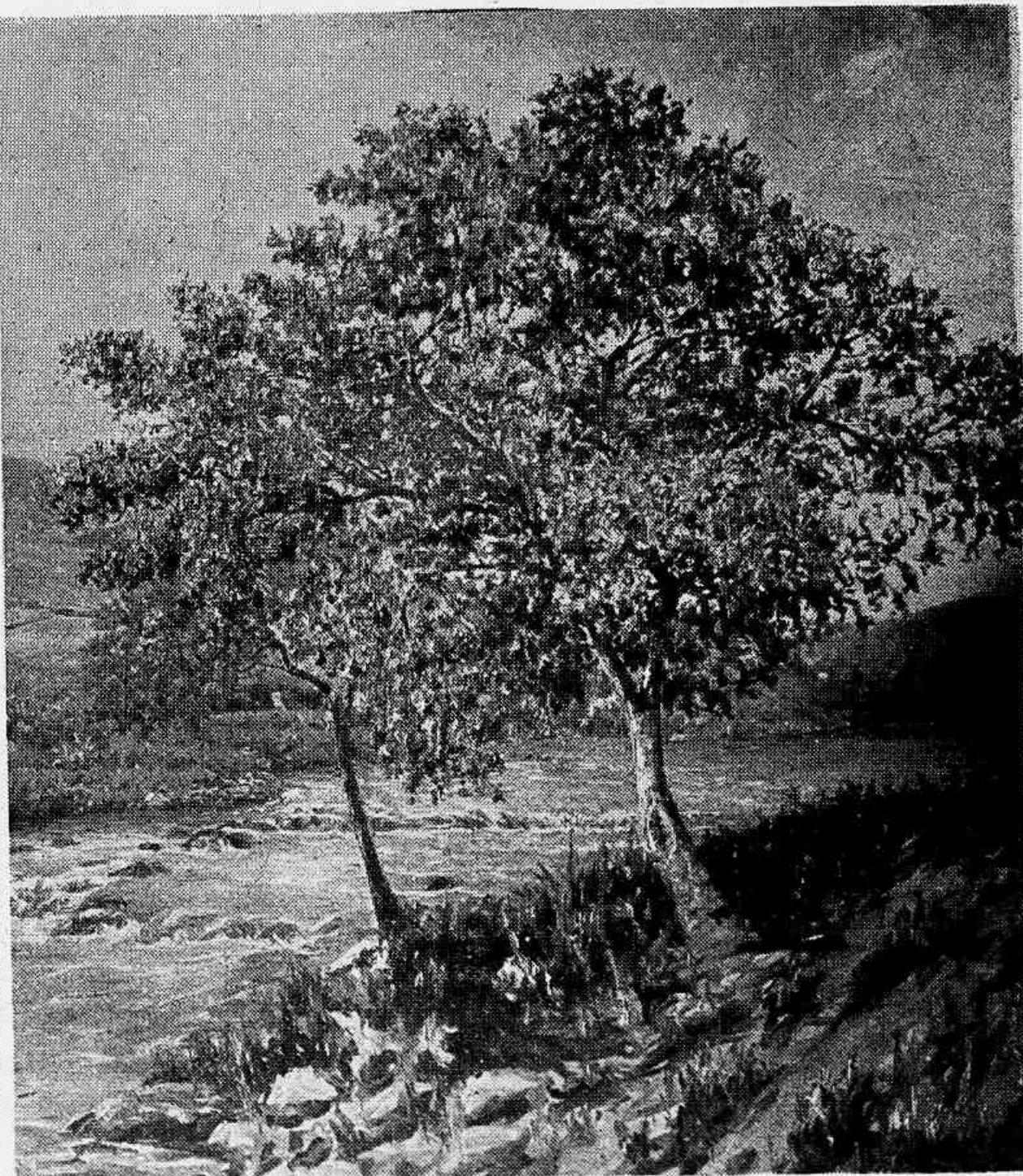
"Igreja da Glória", quadro de Manuel Faria

Manuel Faria é um dos grandes valores da nossa pintura acadêmica. Tradicionalista nos seus processos, tem uma sensibilidade privilegiada e uma técnica segura. Por isso mesmo, sua pintura, impregnada de um sentido nativista e de um colorido exuberante, muito brasileiro, tem admiradores fervorosos. Premiado várias vezes no Salão Oficial de Belas Artes, tendo quadros em vários museus e instituições culturais, o pintor Manuel Faria permanece fiel à sua vocação, sem inquietações e sem

procuras de efeitos bizarros, sem cair na banalidade ou na excentricidade. Em sua nova exposição, inaugurada recentemente no Museu de Belas Artes, Manuel Faria foge, pela primeira vez, às paisagens selváticas, à apresentação de montanhas, rios e florestas, para nos dar também alguns aspectos urbanos, reproduzindo trechos pitorescos do Rio de Janeiro. Nesta página, reproduzimos alguns desses trabalhos do festejado pintor.

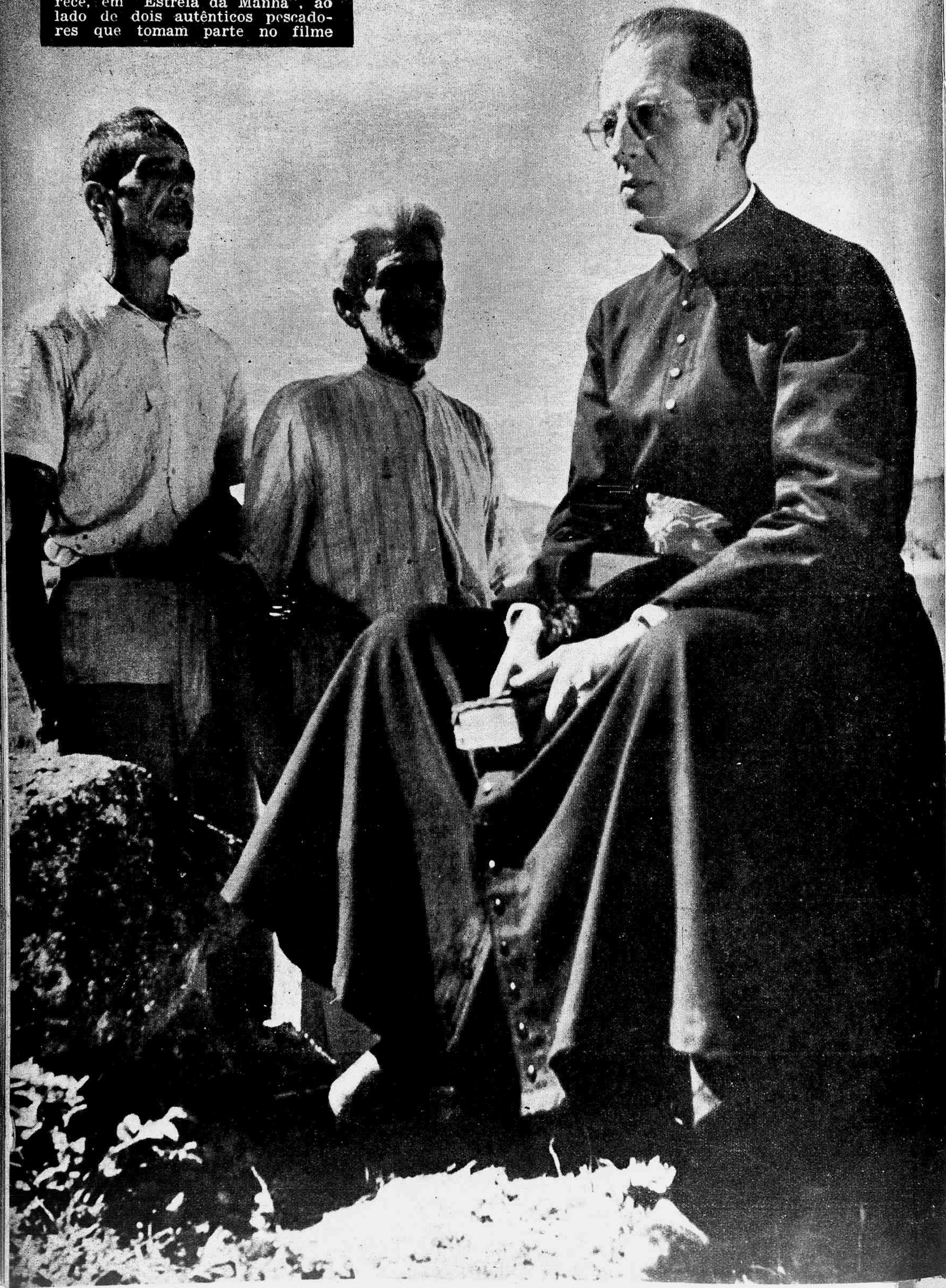
MANUEL FARIA

UM PINTOR DE MERECIMENTO



A ESQUERDA — "Missa de Santo Antônio", quadro de Manuel Faria. A DIREITA — "Quaresma em flôr" (Arredores de Petrópolis), quadro de Manuel Faria

Nelson Vaz, um autor de grandes possibilidades cinematográficas, faz o papel de um padre e aqui aparece, em "Estrêla da Manhã", ao lado de dois autênticos pescadores que tomam parte no filme



O CINEMA NACIONAL EM MARCHA

"ESTRÊLA DA MANHÃ", UM ARGUMENTO ESCRITO POR JORGE AMADO ESPECIALMENTE PARA O CINEMA, EM REALIZAÇÃO PELA PRO-ARTE, SOB A DIREÇÃO DE OSWALDO OLIVEIRA



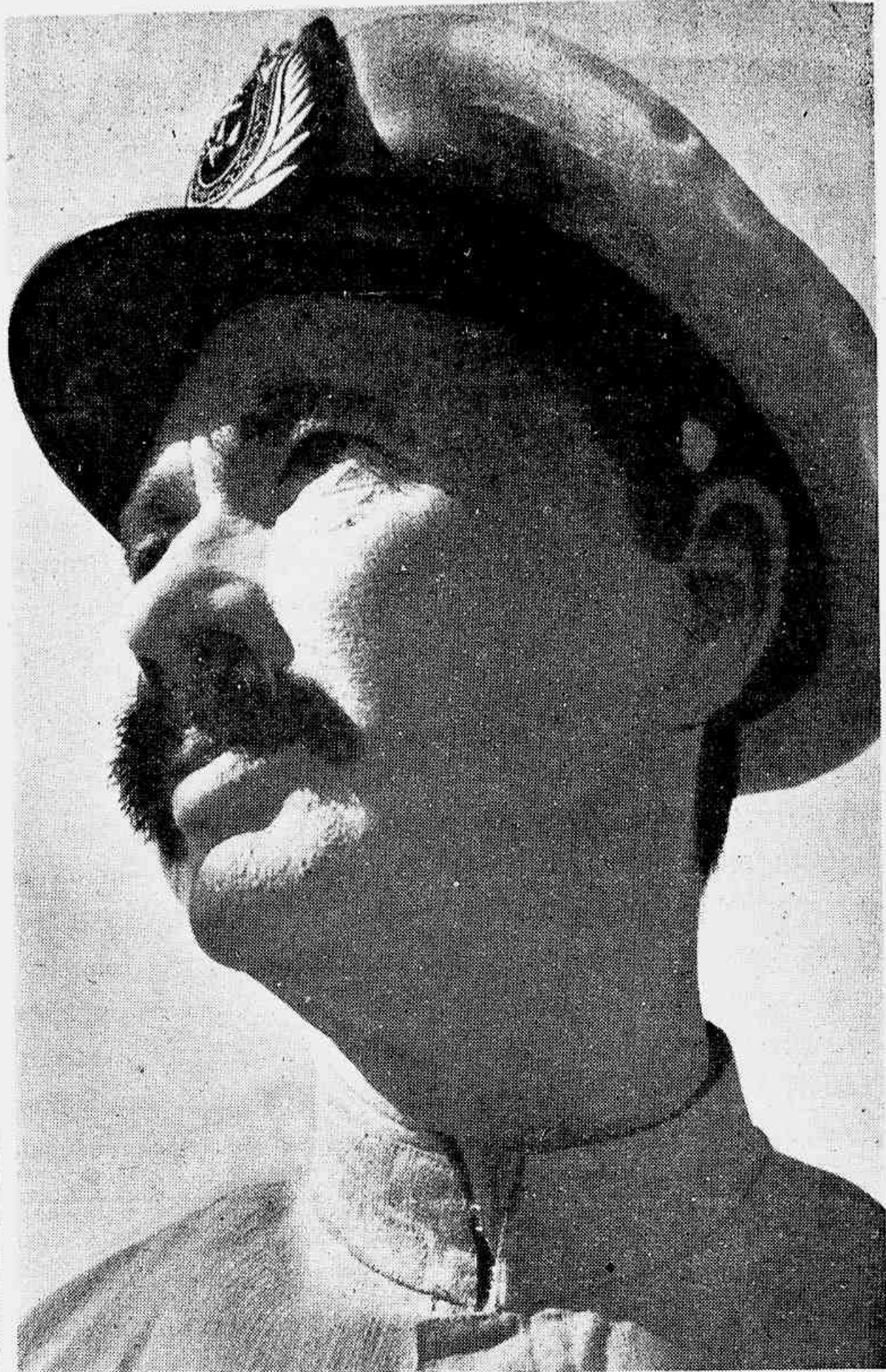
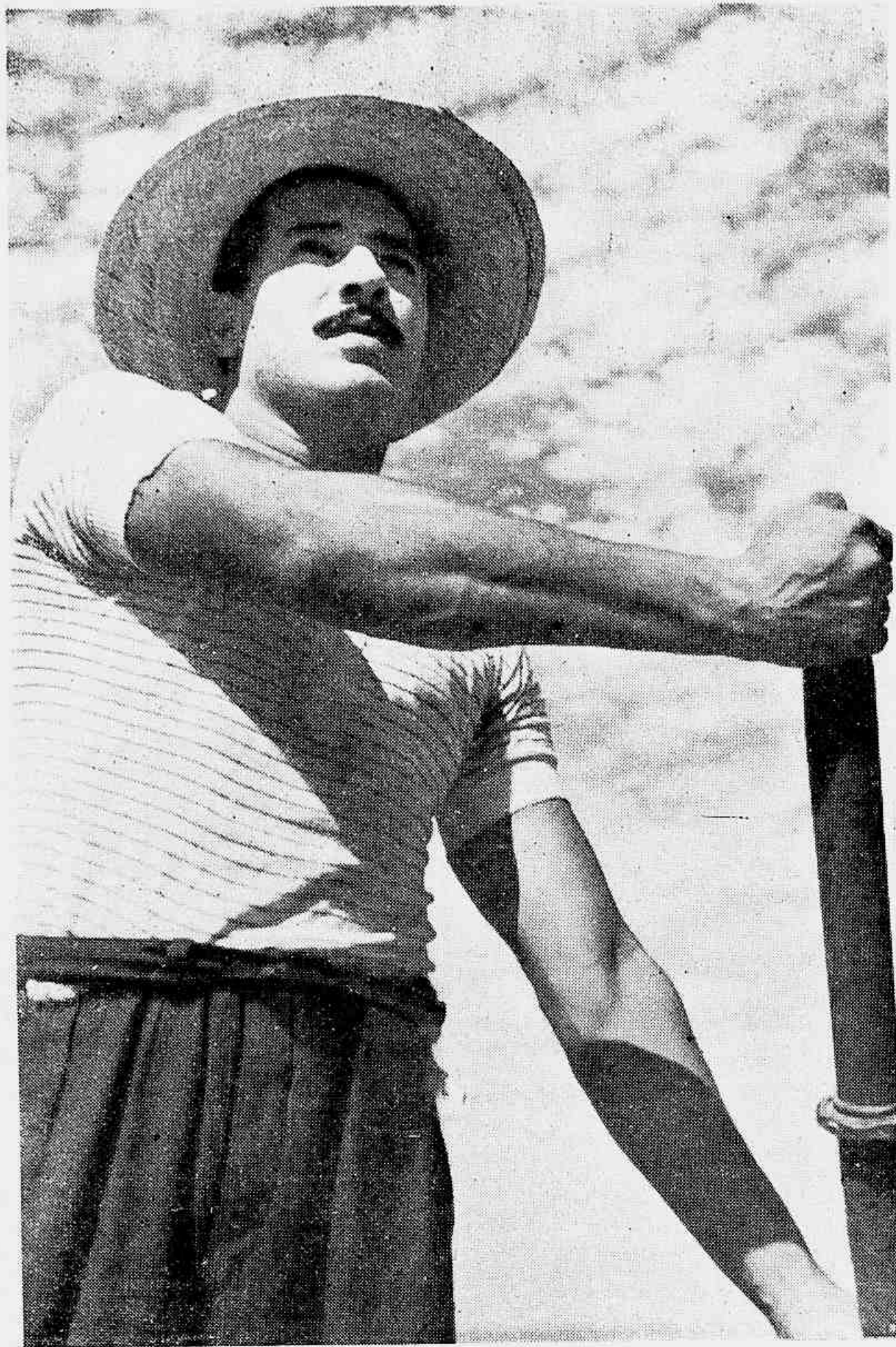
O cinema brasileiro continua em marcha. Sucedem-se as iniciativas. Surgem novas firmas e novos estúdios. Uma das mais novas organizações é a da Pro-Arte, dirigida por A. Campiglia. Tendo lançado há pouco, em S. Paulo, com grande sucesso, seu primeiro filme, "Mãe", extraído de uma novela radiofônica de Giuseppe Ghiaroni, essa empresa tem agora em produção uma película ainda mais ambiciosa, "Estrêla da Manhã", cuja intérprete principal é a atriz italiana Doris Duranti, de fama internacional e intérprete de "Rigoletto" (O rei se diverte), com Michel Simon. Ao lado de Doris Duranti,

aparece um dos nossos artistas de maior talento, Paulo Gracindo, com um belo nome e uma firme popularidade adquirida sobretudo no teatro e no rádio. E ainda surgem, nessa película, Nelson Vaz, que atuou em "Querida Susana" e "Terra Violenta"; Ferreira Leite, que filmou um dos papéis de "O cavalo 13"; Dorival Caymmi, um grande compositor e cantor de canções regionais; Dulce Bressane, uma estreante encantadora, que é uma legítima descoberta. Cenarizado cuidadosamente, "Estrêla da manhã" está sendo dirigido pelo nosso confrade de imprensa Osvaldo de Oliveira (Jonald), tendo como



AO ALTO — Doris Duranti, a "estrêla" italiana, que faz o papel de Tiú, a "dama da ilha", no novo filme da Pro-Arte, escrito por Jorge Amado. EM BAIXO — Cena de "Estrêla da manhã", com Paulo Gracindo — que interpreta um médico — e Dulce Brassane, que é uma nova descoberta destinada a causar sensação





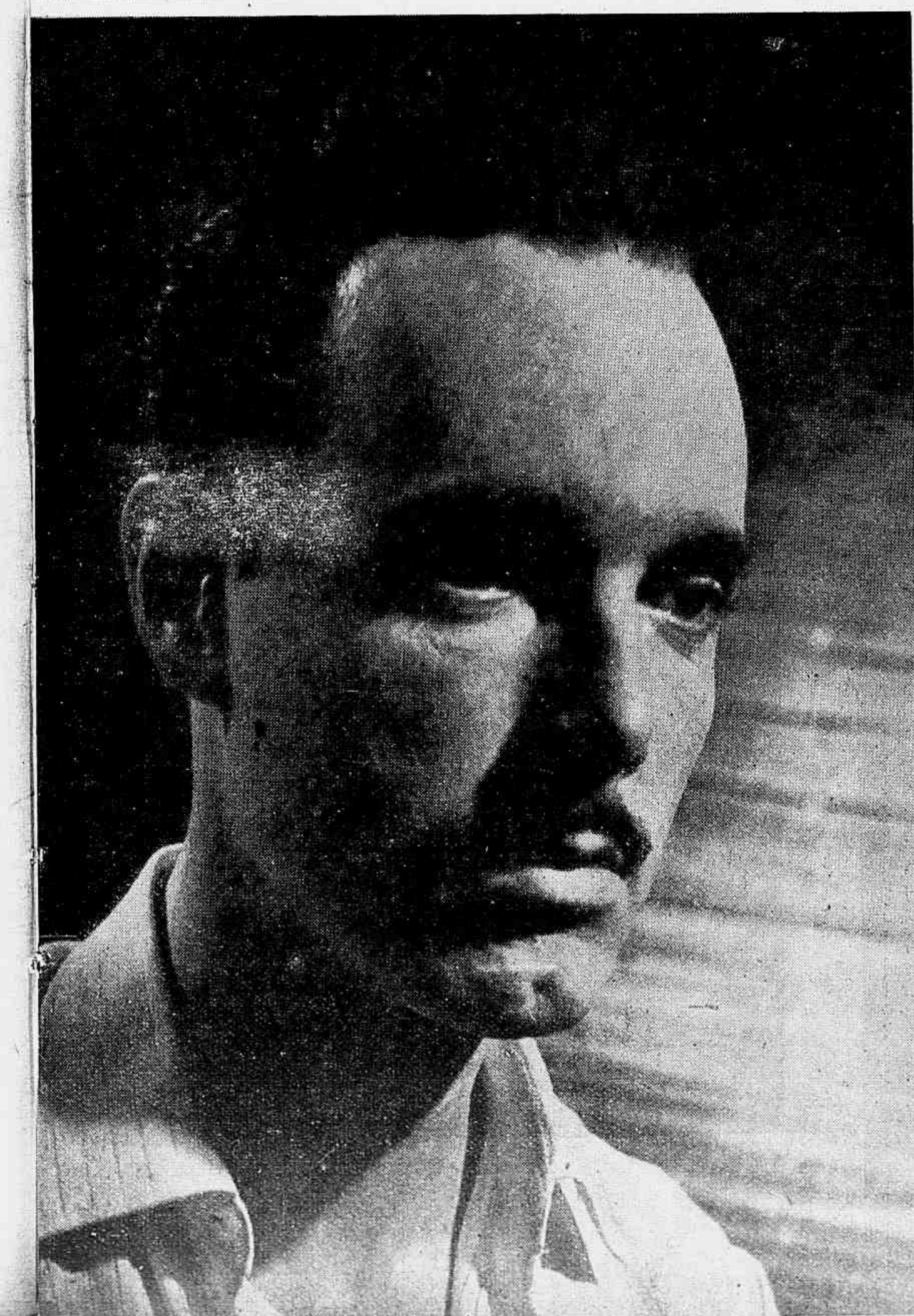
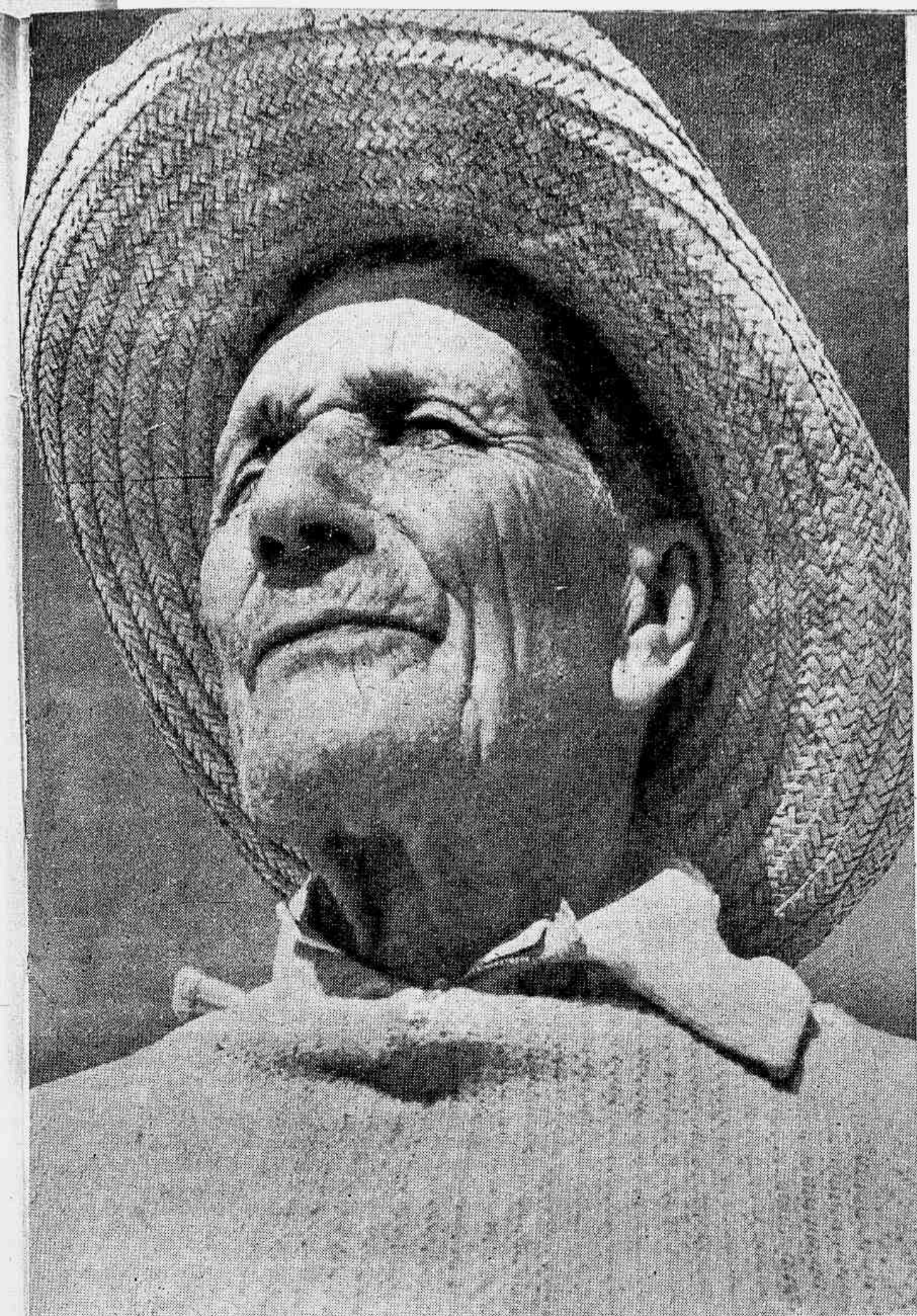
A ESQUERDA — Dorival Caymmi, um dos intérpretes de "Estrêla da manhã", faz o papel de um pescador. À DIREITA — Ferreira Leite, que faz o papel de um faroleiro, em "Estrêla da manhã"



operador Ruy Santos, que foi o responsável pela fotografia de "O malandro e a granfina". Os exteriores foram filmados em Paraty e Itacurussá, através de vários dias de intenso e exaustivo labor, durante os quais não faltou cordialidade, disciplina e empenho comum, dos artistas e dos técnicos, em prol do melhor resultado possível das filmagens. Os interiores estão sendo feitos, presentemente, no estúdio da Brasil Vita Filme, gentilmente cedido pela produtora Carmen Santos aos seus colegas da ProArte. O filme "Estrêla da manhã" está sendo aguardado com grande interesse e promete ser um dos lançamentos mais sensacionais de 1949.



Cena do filme "Estrêla da manhã", em que aparecem o ator Ferreira Leite e a atriz italiana Doris Duranti



Quatro figuras de "Estrêla da Manhã": em cima, o pescador José Biá, que atua no filme, e Nelly Brasil, que faz o papel de Tônia; em baixo, João Péricles e a nova "star" nacional, Dulce Bressane

A black and white photograph showing a man and a woman in a laboratory or workshop setting. The man, on the left, is seated and looking intently at a small object on a table. The woman, on the right, is leaning over him, also looking at the object. She is wearing glasses and a dark top. The table has several small, round objects on it. The background is dark and indistinct.

Nos Estados Unidos da América do Norte e na Europa a orientação profissional e educacional tem sido largamente estudada; basta dizer que nos Estados Unidos há perto de 6.000 psicoterapeutas em ação, número julgado ainda insuficiente por eles, e que, em nosso país, estes profissionais se contam pelos dedos, apesar de os nossos problemas educacionais exigirem muito de assistência e orientação.

Reportagem de ZÓIA DE LAM

**UMA PARCELA DO FUTURO A DOIS
PASSOS DA AVENIDA RIO BRANCO**

Procuramos o Instituto de Seleção e Orientação Profissional do Rio de Janeiro, para familiarizarmos o leitor com esta assombrosa ciência -- a psicologia, que se propõe nada mais, nada menos a resolver todos os problemas humanos, e, quando não, ao menos a ensinar os homens a encarar suas dificuldades e a escolher a solução mais razoável conforme as circunstâncias.

O ISOP possui um corpo selecionado de técnicos, alguns vindos diretamente de centros culturais europeus, outros formados aqui mesmo pelo professor Miro Y Lopes num curso dado anteriormente. Funciona o Instituto em três andares de um edifício da rua da Candelária, em salas singelas e mobiladas com o estritamente indispensável; no segundo andar está instalado o serviço de seleção e orientação profissional, propriamente dito, com vários gabinetes de provas; no terceiro, num vasto salão, com capacidade para cem alunos e em outras salas

A black and white photograph of a man and a woman in a classroom. The man, in the foreground, is wearing a suit and tie, looking down at a book or paper he is holding. The woman, in the background, is wearing a light-colored sweater and is also looking down at her work. The scene is dimly lit, with strong shadows.



Um grupo de estudantes de práticas numa das

A SUA VOCAÇÃO?

UMA PÉ ENTRE AS DEMAIS
A DO FUTURO A DOIS PASSOS
★ QUE É O I.S.O.P. ★ MIRA
A PERSONALIDADE ★ COMO
PROFISSIONAL ★ MOÇOS E
SU NORTE ★ FUTURA MECA
LEGADORES ★ PROVAS PSICO-
DESASTRES NA CIDADE DO
JANEIRO

ET ★ Fotos de A. VIEIRA

menores, são administradas aulas para a formação de futuros técnicos; finalmente no quarto andar realizam-se pesquisas de desenvolvimento mais lento, mas que interessam de perto às condições de trabalho e à personalidade humana.

MOÇOS E VELHOS PROCURAM O SEU NORTE

No momento em que nós lá estávamos, prestava provas uma jovem americana do norte, que, vindo a passeio ao Rio de Janeiro, preferiu receber a sua orientação profissional no ISOP, a fazê-lo em sua terra, que possui institutos desta natureza em grande número, porque, diz a jovem, encontrou aqui um ambiente de mais compreensão e interesse pelo consulente.

Pouco depois, um senhor de cabelos brancos, bem disposto e energético, interrompia a nossa entrevista com a secretária do Instituto, para requisitar uma orientação; motivo: aposentou-se há alguns meses e não se conforma com a inatividade forçada; busca, por isso,

um tipo de trabalho que se coadune com as suas condições atuais, físicas e psíquicas. O ISOP atende a todos estes casos, embora seu principal objetivo seja o de orientar os mais jovens que, não tendo ainda a personalidade completamente formada, têm mais possibilidade de acertar o caminho e corrigir os seus erros.

QUE É O ISOP

Para que o leitor tenha uma idéia aproximada do que seja o ISOP, tomaremos uma das suas atividades, a que interessa a maior número de pessoas, qual seja a orientação profissional. Suponhamos que você hesite entre dois tipos de trabalho: mecânico e chofer. Os técnicos chamam a isto de orientação disjuntiva; o nome não nos importa, mas sim o que é feito; mede-se comparativamente a média de aptidões que o candidato apresenta para cada um dos trabalhos e você terá finalmente liberdade de escolher entre as duas atividades, sendo-lhe apontado a que lhe dará maior satisfação com menor esforço.

Admitamos que chegue um rapaz ao ISOP e diga que quer ser militar, mas não sabe a que atividade de caserna deve se dedicar; o que lhe interessa é a carreira de armas, mas não um tipo determinado de trabalho; poderá tanto treinar tropas, como dirigir aviões; estudar estratégia ou ensinar as artes bélicas; também isto lhe será respondido pelo ISOP, por meio de provas diferenciais das diversas atividades, medindo-se a capacidade do candidato em todas elas. Encaremos, finalmente, a última das hipóteses: um tipo que não saiba absolutamente o que deseja, o que é frequente entre adolescentes. Será feita neste caso a orientação total. O candidato é subme-



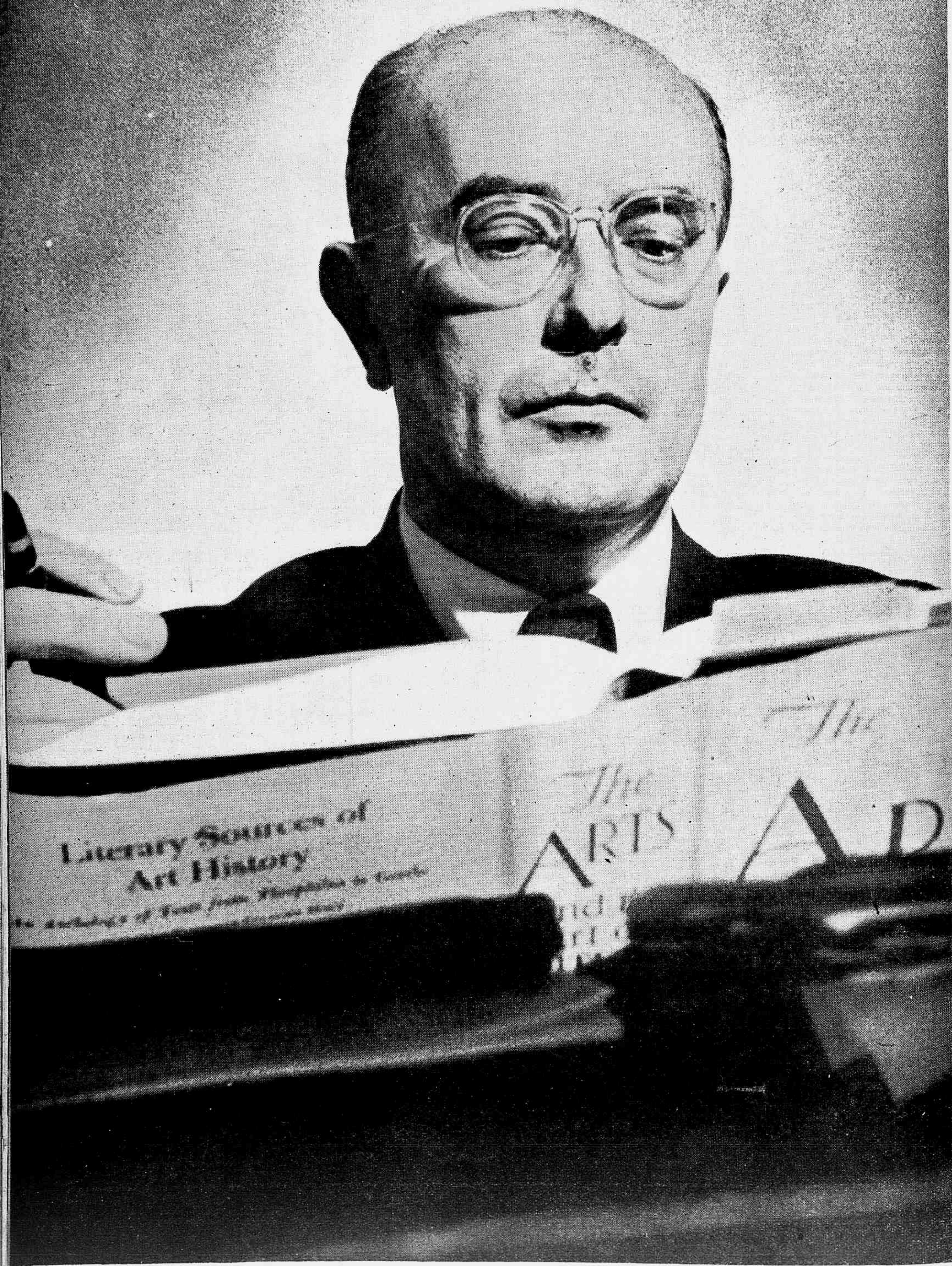
AO ALTO — Diante do toca-disco e ouvindo uma melodia, esta jovem realiza uma prova auditiva para determinar o grau da sua capacidade musical. EM BAIXO — Demonstração da prova Psicodiagnóstico Mioelástico, criação do psicólogo Mira Y Lopes, feita por duas técnicas de psicologia do ISOP, gentilmente para a nossa revista. A prova é feita de olhos fechados até à metade



de psicotécnica realizam provas das salas do Instituto



O professor Mira Y Lopes diz decisi-
vamente: "O psicólogo moderno não
deve se enclausurar num gabinete,
mas observar muito da vida lá fora"





Futuros psicotécnicos assistem a uma aula de biologia. Aos candidatos a técnicos é exigido uma boa formação cultural e o curso consome várias horas por dia

tido a várias e repetidas provas, durante alguns dias, num ambiente de perfeita cordialidade, sem que o examinador assumia aquele aspecto temível, que tanto apavora os estudantes; por meio de múltiplas provas, de inteligência, aptidão, personalidade, interesses e exames psíquicos e somáticos, chega-se a determinar exatamente como o indivíduo é e como varia com o meio; é então, estabelecido o plano vital do indivíduo e solta-se o consulente para a vida, mas armado desta vez por uma hábil bússola que é o conhecimento de si mesmo.

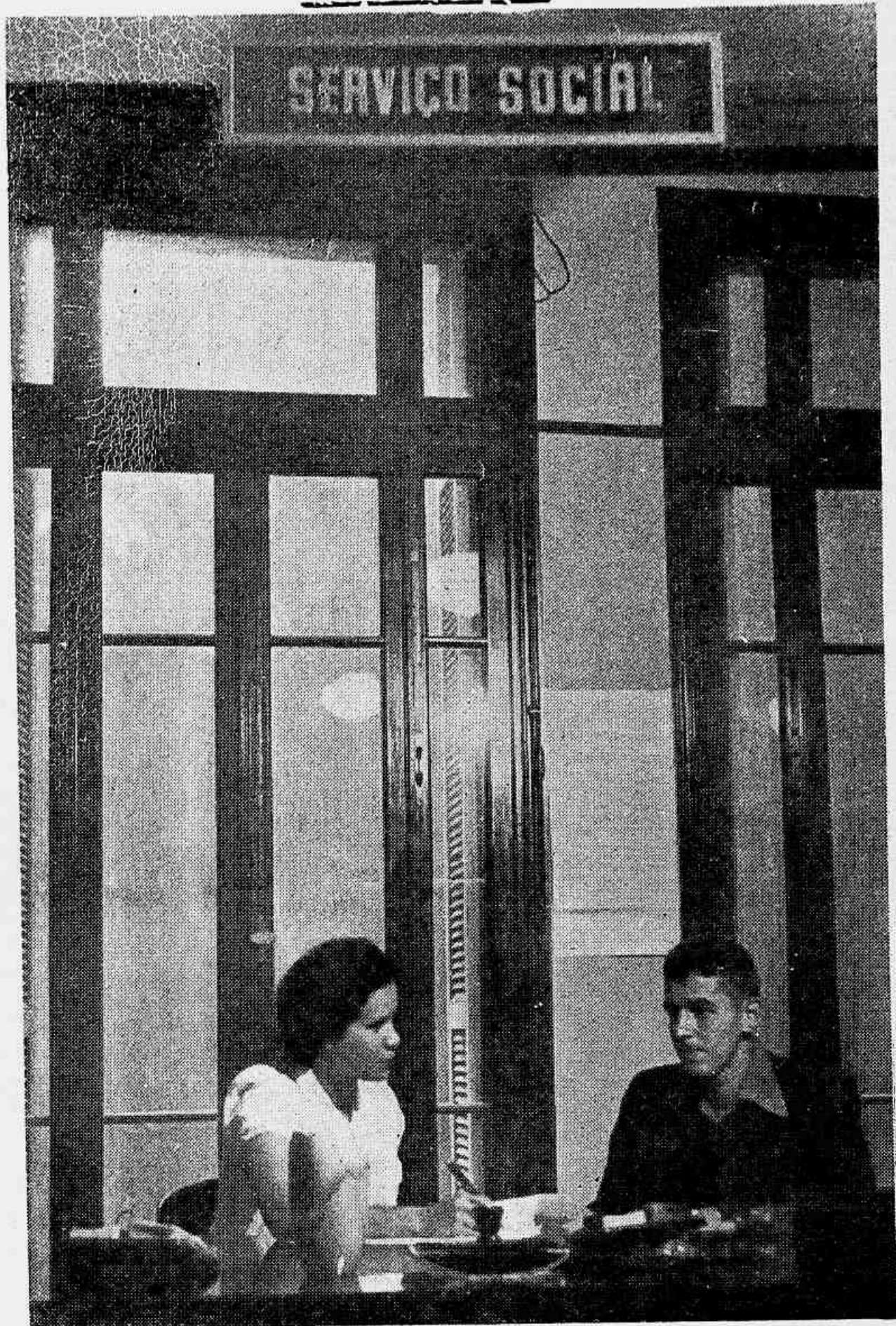
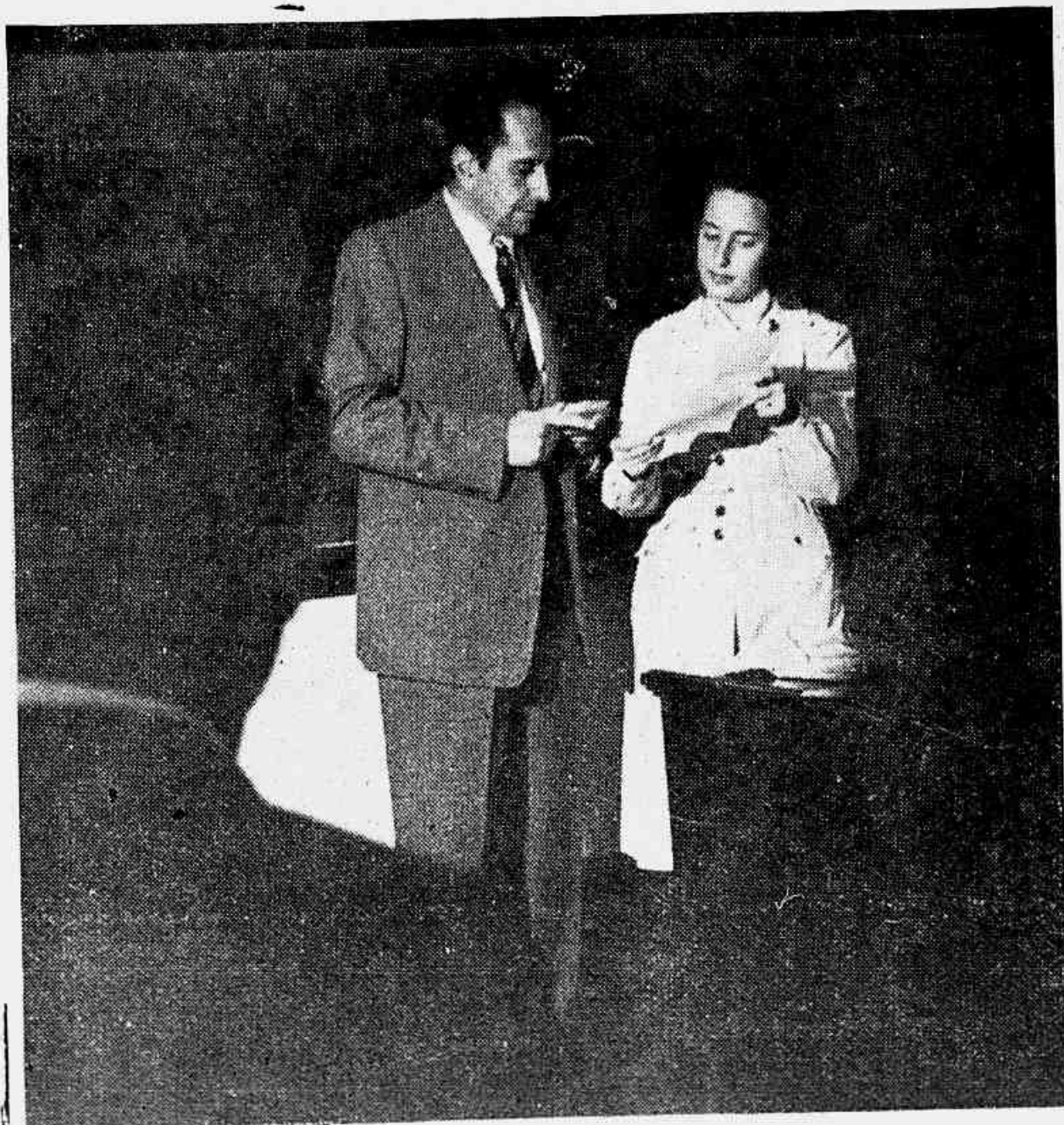
MIRA Y LOPES E SUA DINÂMICA PERSONALIDADE

O animador de todo este complexo organismo é o professor Mira Y Lopes, psicólogo espanhol e personalidade das mais completas como cientista. Discípulo dileto de Myers, grande psicólogo europeu, há muito vem atuando no desenvolvimento da ciência psicológica.

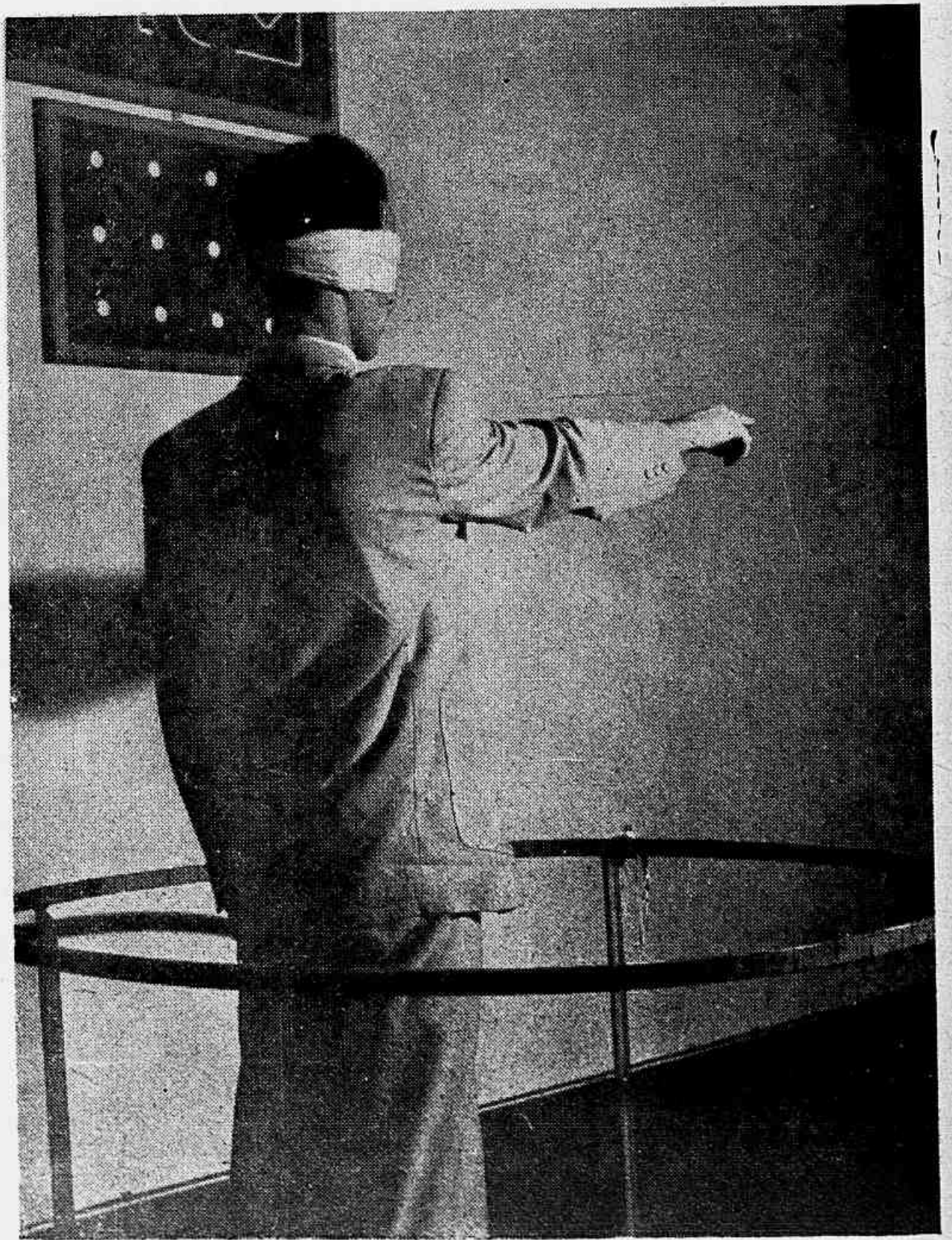
quer contribuindo com provas, como o seu original Psicodiagnóstico Miokinético, prova aplicada com grande êxito em aviadores e depois estendida a todos indivíduos, quer pelos seus livros, onde ensina vários aspectos da psicologia e se filia às correntes da psicoterapia integral, isto é, aquela que estuda o indivíduo sob o aspecto histórico social, biológico e projeta-se ainda nas possibilidades futuras. Não tem sido menor a sua atuação na clínica psiquiátrica; estudou com Freud em Viena e foi um dos primeiros a estabelecer uma crítica construtiva à teoria psicanalítica; membro de vários congressos mundiais de psicologia, presidente, mais de uma vez, da Liga Internacional de Higiene Mental e Psicologia, criador de um Instituto de Orientação Profissional na Espanha, realizou trabalhos de seleção de condutores e choferes, cujos moldes foram aproveitados nos serviços similares de trânsito em Londres; trabalhou ainda como psiquiatra durante

(continua na página 57)

O dr. Pontual, um dos professores do curso de psicotécnica, explica a uma de suas alunas uma questão difícil da aula. Todos os mestres de psicotécnica são figuras de projeção em nosso meio científico



AO ALTO — A assistente do serviço social indaga hábilmente do candidato seus antecedentes familiares e culturais. O indivíduo é visto e analisado através de várias opiniões, para eliminar o erro de apreciação pessoal. EM BAIXO — Este jovem de olhos vendados não está brincando de cabra-cega, mas prestando uma prova de orientação no espaço, indispensável na avaliação de profissões, como aviadores e choferes





Beatriz Costa, que adora as crianças, conversa com um grupo delas, que brincam até ao anoitecer no Jardim das Tulherias

SENHORA GREGORIAN VERSUS BEATRIZ COSTA



Beatriz Costa, desertora do rádio, do teatro e do cinema na praça da Ópera, em Paris

ENCONTRO COM A EX-ATRIZ LUSITANA EM PARIS ★ SUA VIAGEM ATRAVÉS DO MUNDO ★ CONCEITOS SOBRE O TEATRO INGLÊS, ITALIANO, FRANCÊS E GREGO ★ JAMAIS VOLTARÁ AO TEATRO, MAS TALVEZ FAÇA CINEMA ★ A SAIA COMPRIDA É MODA PORTUGUESA...

Reportagem de NELSON VAINER
(Enviado especial de "REVISTA DA SEMANA" à Europa) — Fotos de KATHLEEN GREY

PARIS, Setembro (Pelo "Eanderrante", da Panair do Brasil) — Antes de se tornar Beatriz Costa e anos depois sra. Gregorian, a grande atriz lusitana alimentava dois grandes sonhos: o primeiro, trabalhar no teatro, e o último, o que todas as mulheres sensatas almejam — casar-se, ter um esposo, um lar, filhos...

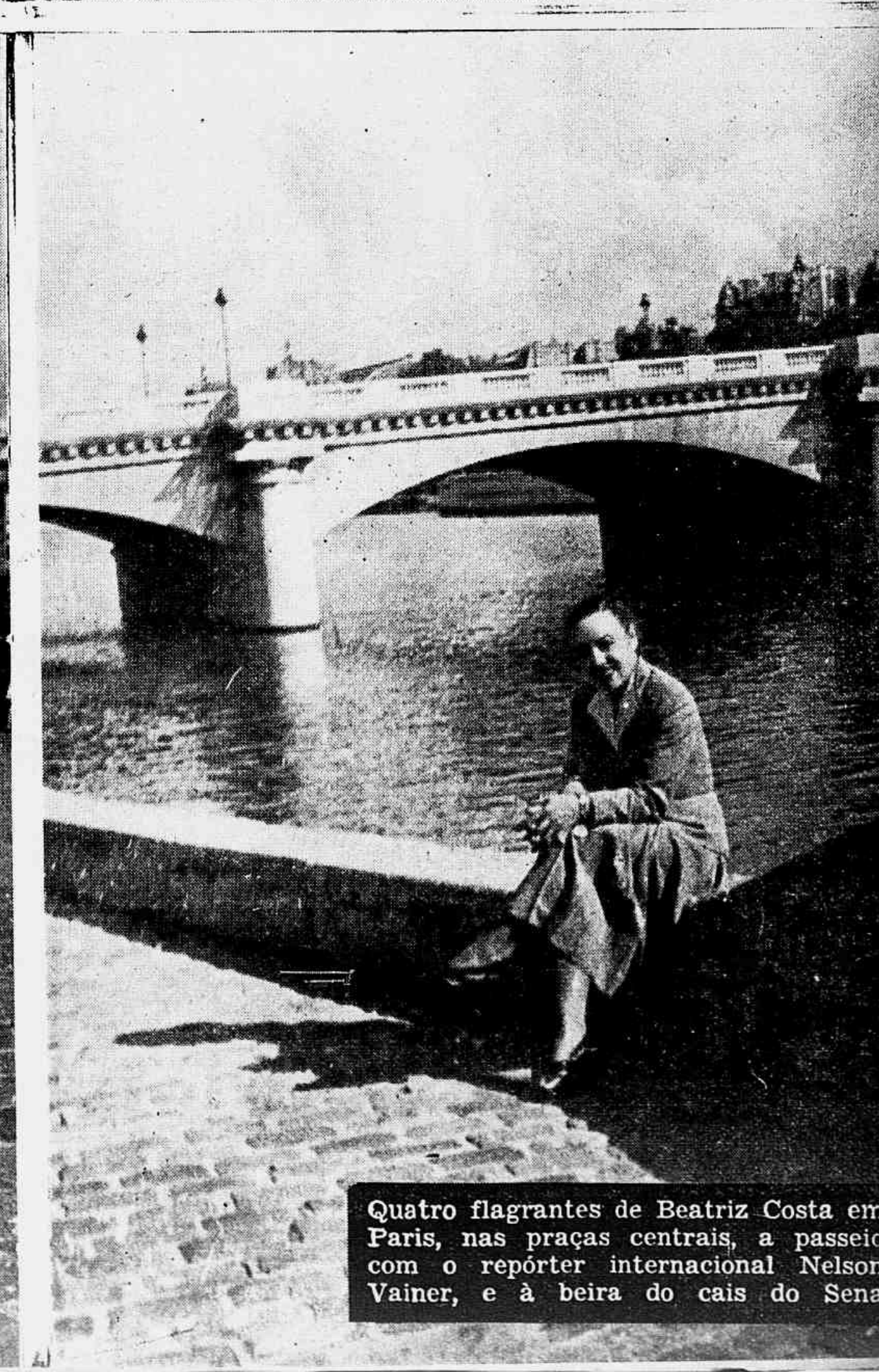
Aos 13 anos de idade, menina, portanto, Beatriz Costa começara a atuar no palco do teatro português e, galgando sempre os degraus da sua carreira, tão alto subiu que se tornou um dos maiores ídolos do público luso-brasileiro nestes últimos tempos, realizando, assim, o seu primeiro sonho. E, justamente quando se achava no apogeu da sua carreira, deliberou realizar o segundo sonho, casando-se com o sr. Edmundo Gregorian e retirando-se definitivamente do teatro.

Desde que se casou, Beatriz Costa viaja pelo mundo. Hoje, encontrei-a inesperadamente, remexendo e abrindo velhos alfarrábios na margem esquerda do Sena. Recebeu-me com aquele sorriso que durante anos encantava o público e apertou fortemente a minha mão. "Cheguei há dias de Londres e já estou aqui para matar saudades do Quartier Latin", disse enquanto o seu esposo se preparava para abraçar-nos, pois somos velhos amigos da Paulicéia.

O MUNDO MARAVILHOSO DE BEATRIZ COSTA

Beatriz Costa conta-nos, em seguida, o que viu no mundo maravilhoso que se descortinava diante dos seus olhos durante as suas longas viagens. Desde que se casou, vai para dois anos, Beatriz e seu marido já visita-

(continua na página 58)



Quatro flagrantes de Beatriz Costa em Paris, nas praças centrais, a passeio com o repórter internacional Nelson Vainer, e à beira do cais do Sena.



— Chegou o "São" Vapor!

Meses a fio, nenhuma mensagem, nenhum sinal de vida, nenhum elemento de ligação quebra a terrível solidão dos brasileiros destemerosos que vivem no emaranhado sem-fim dos igarapés amazônicos. E a solidão é tão desesperante que os leva a divinizar as barcas e os minúsculos "gaiolas" que, de quando em quando, se aventuram à navegação cheia de inesperados, da bacia amazônica.

Por isto, quando surge à vista o navio aventureiro, ecôa pelos atalhos da floresta a saudação mística: — Chegôou o "São" Vapor!

É que esse "São" Vapor — impulsionado e lubrificado com produtos petrolíferos — lhes leva lembranças e utilidades: cartas de longínquos parentes, víveres, medicamentos, munição e o famoso querosene Jacaré. A Standard Oil saúda os marujos dessas embarcações divinizadas e os homens heroicos a quem vão dar conforto e auxílio.



Na Amazonia, ou onde mais que for Brasil — para as máquinas de seu trabalho ou para o seu carro, caminhão ou ônibus, o roteiro certo, em combustíveis e lubrificantes, é o Oval Esso.

★
Trabalhando com Esso, Brasil afóra.

★ **STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL** ★

A expectativa é imensa. Travou-se uma verdadeira "guerra de nervos" que deixa todas as mulheres do mundo presas aos telegramas de Paris. Nem mesmo o voto feminino, nem mesmo a bomba atômica, nem mesmo a situação de Berlim, nem mesmo a campanha eleitoral de Wallace, conseguiram deixar o mundo feminino em tamanho "suspense". O que interessa saber no momento, o que deixa todas as mulheres numa imensa tensão, é o comprimento das saias! Sim, senhores, o comprimento das saias! Mas não julguem os homens que se trate de um assunto fútil "como todos os assuntos femininos"... Nada disso! O assunto agora é sério demais e merece toda a agitação que se formou em sua volta. Cinco ou dez centímetros que subam as saias, marcarão a vitória de uma grande classe; a classe da mulher que trabalha; da mulher que deve sair cedo de casa e que não dispõe de tempo para fazer "grandes toilettes", da mulher que tem hora marcada, não com o cabeleireiro, mas com o escritório, a repartição, o local enfim onde exerce as suas atividades; daquela que é forçada a tomar a primeira condução que apareça e viajar de qualquer maneira, sem conforto algum; amassada, pisada e amarrotada; quer esteja sentada ou de pé. Já não terá ela necessidade de, ao sentar-se no bonde ou no ônibus (quando consegue sentar-se), levantar a saia ou prendê-la sob as pernas a fim de evitar que sejam pisadas, já não as arrastando pelos ônibus sujos e imundos e não ouvirão pilhérias daqueles que não compreendem o seu sacrifício e estoicismo. Deixará de existir uma nova moda especialmente para as que "têm tempo e têm carro", como disse certa vez famoso figurinista de Paris. Já poderão as mulheres da classe média, as que trabalham, ou que dependem de uma pequena mesada do marido, ostentar modelos rigorosamente em dia com a moda, sem que tenham que se submeter aos vexames a que até agora se vinham submetendo, sem que tenham ainda de fazer despesas tão grandes, pois, diminuindo o comprimento e a roda das saias, sem dúvida, também diminuirá a metragem necessária para cada vestido. Outro ponto importante, é que os vestidos da próxima estação já serão menos "sofisticados" se bem que conservem toda a sua graça e feminilidade, prestando-se, assim, para serem usados na rua sem despertar demasiadamente a atenção e sem dar à mulher aquele desagradável aspecto de quem se vestiu não para o trabalho, mas para um "cock-tail". Enfim, subindo um pouco mais as saias, a mulher poderá continuar realçando a sua feminilidade e a sua graça tão anunciadas pelo "new look" e, ao mesmo tempo, nada perder da necessária agilidade e da facilidade de locomoção, coisas a que é forçada pelas atividades que exerce fora de casa — O. B.

★

Esta é Cid Charisse, encantadora estrelinha morena da Metro Goldwyn Mayer



NOS BASTIDORES FEMININOS



ALIMENTOS VERSUS REMÉDIO

De uma crônica médica: "...nos Estados Unidos, onde a população se alimenta bem, a pouca frequência das farmácias chama a atenção do visitante: a venda de medicamentos não é suficiente para mantê-las e são necessárias outras seções como de chá, café e revistas. No Rio de Janeiro observamos drogarias e farmácias luxuosas, abarrotadas de pessoas mal nutridas; nos mercadinhos e feiras livres há quem leve para casa gêneros desprezados por feirantes... A fome é o caldo de cultura propício aos desequilíbrios sociais..."

Este é um ponto básico da nossa vida social: basear a saúde mais na terapêutica que na profilaxia e nos elementos naturais da sua conservação. Nunca é tarde uma reação neste assunto; é preciso, por exemplo, que as mães acreditem mais nas vitaminas naturais dos alimentos, que na sua ingestão por pilulas; em se tratando então de vitaminas, a moda corrente é entregar-se de olhos fechados ao consumo sistemático de drágeas vitaminadas, supondo que estejamos por esta forma integralmente nutridos para uma estação. Agir de acordo com este pensamento será o mesmo que passarmos a tomar tão somente injeções de cálcio, ao em vez de leite, e colheradas de extrato hepático em lugar de fígado fresco.

Não digo que daqui a cem anos não estejamos realizando uma alimentação completamente diferente, mais simplificada que a atual, mas, por enquanto, nosso estômago não está ainda adaptado para o regime essencial de pilulas.

A terapêutica é um sistema de recuperação e estará para a saúde do corpo como a psicoterapia para a saúde do espírito; utilizá-la é admitir que a psiquê ou o corpo foram lesados em seu funcionamento. Cabe, no entanto, ao indivíduo, manter um estado de higiene do seu corpo, alimentando-o segundo as suas necessidades. E' bem verdade que a situação atual de miséria econômica que atravessamos não nos capacita para bem cumprir preceitos salutar, mas eu me dirijo, na presente crônica, não àqueles que não têm o que comer mas aos que podem dispor de altas quantias em fortificantes variados, adquiridos de acordo com o último anúncio de rádio; é preciso que, na hora das refeições, figurem nas mesas mais frutas e legumes, que vidros de remédio.

Esta advertência e seus argumentos são especialmente endereçados às mães, porque a elas cabe o verdadeiro arbítrio no regime alimentar da família.

Houve um tempo, e os romances do século passado e do princípio do atual contam bem isto, em que as mesas cariocas eram muito bem guarnecidas e a nossa cozinha fartamente elogiada; não creio que atualmente os nossos romancistas contem as delícias do nosso cardápio de hoje; nas festas, onde melhor se pode apreciar, no seu conjunto, as excelências de uma cozinha, o que vê são os diminutos salgadinhos e os microscópicos doces, símbolo legítimo de uma época de penúria.

Que as mães brasileiras reajam um pouco contra a sistemática importação de hábitos desvirtuados de alimentação; importar o absurdo e ignorar hábitos alienígenas saudáveis não é a mais razoável das atitudes.

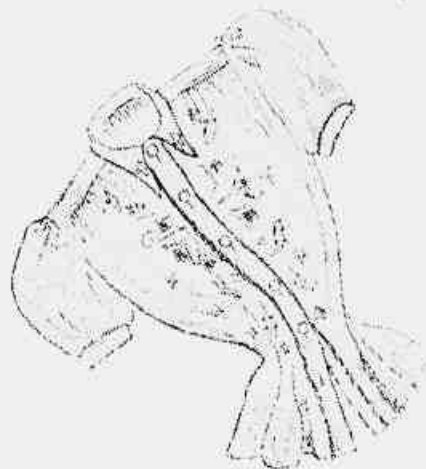
Zóia de Lact



Um vestido de noite em "organd" e veludo, tem sobre os ombros e formando gola, esta pala bordada

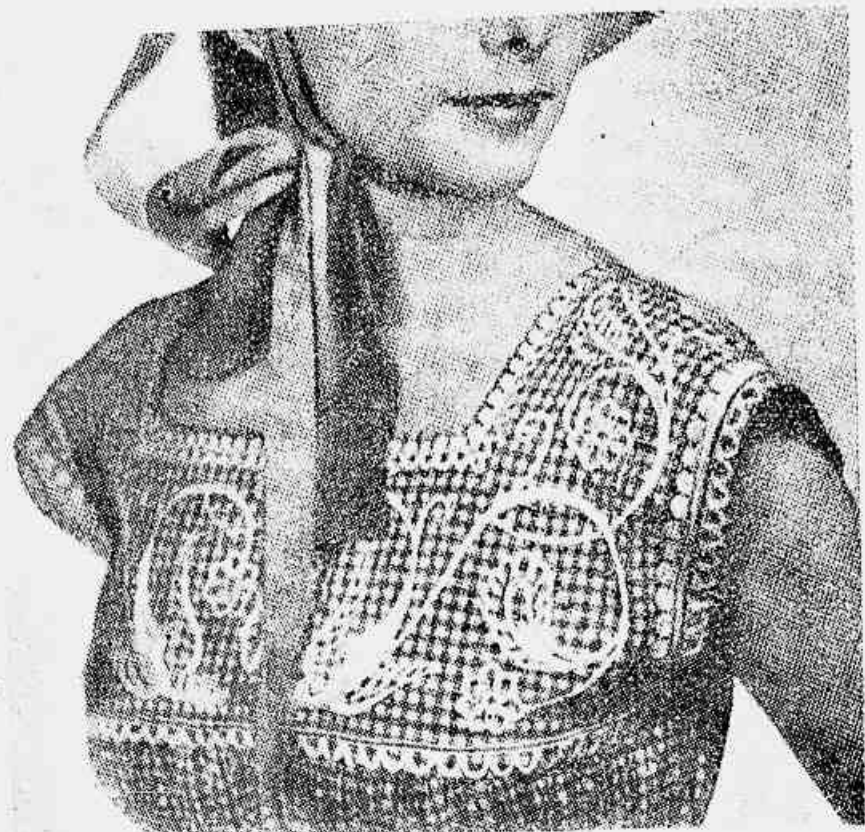


Em cima — Elegantíssimo sapato aberto em duas cores, para completar a sua "toilette" de verão. A direita — Penteadado para a noite, enfeitado com estré-las. Brincos e colar também de estré-las

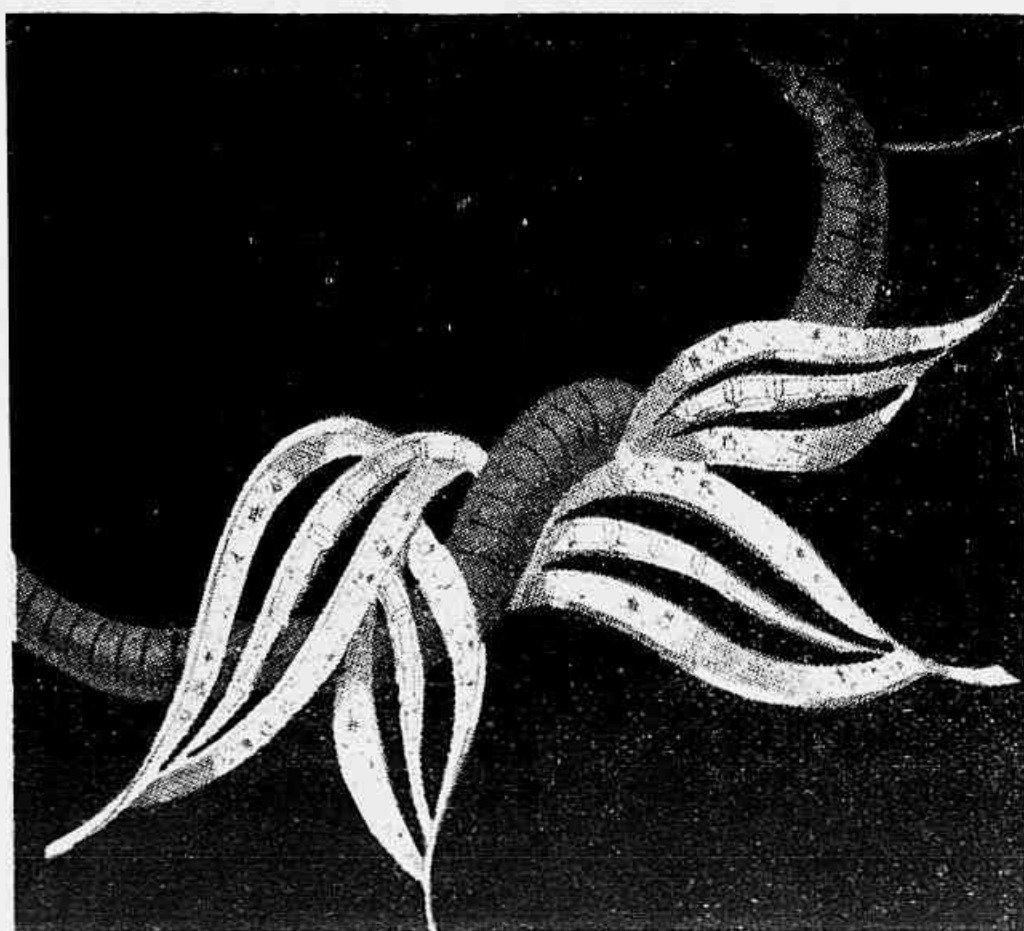


Uma linda blusa em "organdi" branco com aplicações em cetim "lingerie"

DETALHES E NOVIDADES



O bordado estará em grande moda neste verão. Aqui um vestido de algodão quadriculado, com pala bordada em branco



Um tço de veludo negro com colar de pedras caído no centro. Ideal para uma noite de festa

★

Originalíssimo este colar de ouro com platina e brilhantes. Pode-se ser feito também em fantasia



para a
TARDE

ELEGANTÍSSIMO modelo de Hennès, para a tarde, é um modelo crepe cinza com estampados em cor de cereja. Casaco ajustado na cintura. Saia em forma. Completa este elegante conjunto uma blusa de seda branca estilo **chemisier**. A seguir, **tailleur** de Nina Ricci em crêpe de seda cinza, casaco muito original com reversos, saia **godet**. Finalmente, um **ensemble** de Charles Montaigne, composto de saia justa, casaco três-quartos bem amplo nas costas.

Grandes

MODELOS



Os modelos apresentados nestas páginas, representam o que de mais moderno e sensacional se criou ultimamente no grande centro de elegância feminina que é Paris. Comparecem aqui os maiores nomes da costura francesa, tais como Jean Dessès, Bruyère, Maggy Rouff e Jacques Heim com modelos que por certo agradarão às nossas leitoras.



Na página ao lado, à esquerda: Jean Dessès, modelo em **faille** preto, com renda guipure sobre **tulle** preto. À direita: De Bruyère modelo em cetim branco bordado a ouro. Nesta página, à esquerda; de Maggy Rouff é este elegantíssimo modelo em cetim preto. No corpo e na barra da saia **tulle** negro, completam o modelo. Finalmente, de Jacques Heim, modelo em tafetá estampado. Babado e luvas em renda preta.

PARIS



PARA a tarde e para a noite, apresentamos nesta página dois novos modelos que Paris nos apresenta. O primeiro

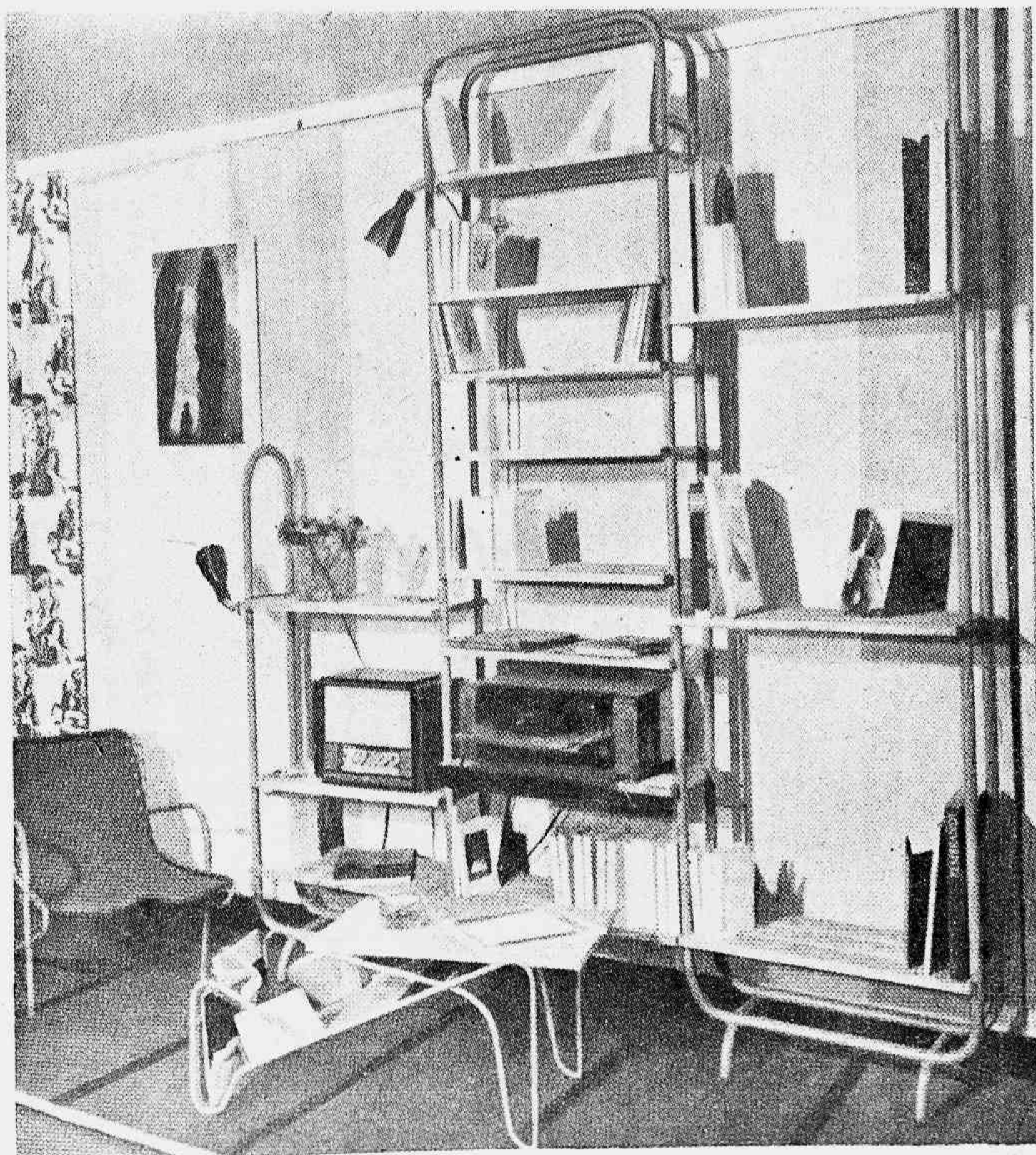
é uma criação de Bruyère, modelo em lã verde, saia ampla, cintura fina abotoando do lado esquerdo. O segundo é uma

elegantíssima sugestão de Marcel Rochas, para noite. Interessante combinação de toletá lisc e toletá listrado.



INTERIORES

○ escritório vem merecendo por parte dos arquitetos e decoradores franceses uma atenção maior. Já não se apresentam sob aquele aspecto austero que fazia do escritório um lugar sem luz e poeirento de onde toda a família fugia. Os modernos escritórios são alegres e convidativos, usando-se para os móveis, tapetes e cortinas, cores claras e vivas e obedecendo à uma linha inteiramente nova. Assim são os dois escritórios que aqui apresentamos. Um deles exibe uma curiosa estante de tubos metálicos.



A BOCA ABERTA EM MEDICINA

Eis aí uma das manifestações mais comuns, a indicar, todavia, um "deficit" para a saúde geral, e que se encontra a cada passo.

Desde criança vem o mal, estando a causa situada nas partes profundas do esqueleto do nariz, entre tecidos de uma glândula especial, que é a chamada terceira amígdala.

Como, em geral, há nessas crianças uma natural diminuição das defesas orgânicas, muito comuns são, concomitantemente, as infecções nasais, com sua consequência obrigada, qual seja o catarro sempre a escorrer sobre o lábio, não raro eczemmatizado.

Com o desenvolvimento anormal da terceira amígdala, o fenómeno que ao mesmo tempo se manifesta é o da obstrução nasal, impedindo o livre trânsito do ar respirado, que normalmente se faz exclusivamente por aí, sem precisar abrir a boca. Mas, nesses, não — daí o aspecto característico, com a boca aberta, ou semi-aberta, conforme o grau da obstrução.

Durante o sono, a respiração se torna ruidosa, e até, a intervalos, angustiosa e profunda, como para compensar a exiguidade do ar penetrado, o que pode até levar ao próprio interrompimento do sono.

Há, por outro lado, sempre deformações ósseas do esqueleto da face, tornando-se o rosto alongado, com alguma coisa de ave.

Os maiores efeitos decorrem da infecção que, por deficiência das defesas, na idade infantil, se instala cronicamente.

Quando não intervem a infecção, é comum que, até completar onze anos, tudo isso desapareça sem deixar maior sinal na criança.

Infelizmente, porém, é mais comum que a infecção ataque a terceira amígdala, e nisso se deve pensar quando a criança, pela sua constituição linfática, tem catarro nasal e vive sujeita a resfriados, com a "garganta" inflamada, anêmica e desenvolvendo-se mal. O principal é apurar se há ou não tecido hipertrofiado e doente, invadindo o fundo das vias nasais, isto é, se há infecção das mesmas.

O tratamento, nesses casos, não deve ser retardado demasiado, pois muitas vezes as deformações da estética fácil já se constituíram e podem perdurar para o resto da vida.

A voz fanhosa é muitas vezes consequência da obstrução, e bem assim a protusão da boca.

Mas, ainda sofre o desenvolvimento geral, devido a uma respiração insuficiente. Até afecções pulmonares de marcha crônica podem encontrar nessas condições da respiração defeituosa, por obstrução das fossas nasais posteriores, a sua verdadeira origem. Também a palidez que, em geral, acompanha a infecção da terceira amígdala, na criança, é consequência da má respiração, por causa de uma precária saturação dos tecidos, de oxigênio, evitada, no entanto, quando é franca a entrada do ar respirado, que aqui não se verifica. Os especialistas admitem, mesmo, uma tuberculose de origem nasal, explicada pela deficiência descrita.

★

E' de toda a vantagem o tratamento da terceira amígdala e suas consequências, antes que essa cadeia de males se estabeleça na criança, empecendo-lhe não raro o desenvolvimento, fazendo-as anêmicas, fracas. Há casos compatíveis com um tratamento apenas tônico do organismo, ou seja por uma indicação de clima, ferruginosos, calcio e vitaminas, ou simples banhos de luz. Quando, porém, está em causa uma amígdala que, além de seu grande volume, está infectada e resiste ao tratamento, não há outro recurso senão o operatório, que aliás não oferece nenhum perigo.

O que é preciso reter é que, acudida com oportunidade e em tempo, a afecção da terceira amígdala não dá ensejo a males permanentes, como o da face característica, com voz fanhosa e boca aberta, e enseja também a males especialmente graves, como a difteria, cuja porta pode ser aberta simplesmente por ela, infectada, doente.

Dr. SABOIA RIBEIRO

WEEK-END NA COZINHA

"Só para senhoras", é a festa que você pretende organizar, quer se trate de comemorar o final dos estudos, ou a viagem de uma amiga, ou ainda a chegada de uma outra, ou, quem sabe, uma "despedida" da vida de solteira, enfim, numerosos podem ser os pretextos para que você reúna em sua casa as suas amigas prediletas, dando a essa festinha um caráter delicioso. Naturalmente, são todas moças sadias e como tal, todas terão um apreciável apetite. Será preciso preparar um "menu" apetitoso e ao mesmo tempo simples e que não dependa de cousas de última hora. Tudo já deverá estar pronto quando as suas amigas chegarem. Sugerimos para o "menu" um prato quente, que poderá ser de camarões, duas saladas, uma de legumes e outra de abacaxi e maçãs, o pão poderá ser apresentado em forma de sanduíches com manteiga, e a sobremesa poderá ser um pudim com cousas diferentes que se possa adicionar-lhe, como compota de ameixas, doce de pêssego, geléia de morango etc. Para ajudá-la ainda mais, eis o "menu" detalhado:

SALADAS EM PIRAMIDES

Ingredientes: 1 galinha assada; maçãs; abacaxi fresco ou em lata; romãs; castanhas; nozes, cenouras, beterrabas, trufas, molho de maionese.

Preparação: — Toma-se a galinha, retiram-se a pele e os ossos e corta-se a carne em pedacinhos quadrados assim como as maçãs, as cenouras cozidas, as castanhas e as nozes. Mistura-se tudo muito bem. A' parte, corta-se o abacaxi em fatias finas e forra-se com elas a superfície interna de uma travessa, colocando-se sobre cada uma, pequenas porções da mistura acima, formando uma pirâmide. Com o suco das beterrabas, dá-se um tom rosa ao molho de maionese e faz-se com ele um cordão ao redor do abacaxi. Guarnece-se a salada com lâminas de trufas e bagos de romã.

SALADA DE LEGUMES

Ingredientes: Vagens, couve-flor, cenouras, nabos, ovos, azeitonas, limão, azeite.

Preparação: — Tratam-se os legumes e levam-se a cozinhar separadamente com um pouco de sal e açúcar a fim de que conservem a cor. Logo que ficaram tenros, deixa-se esfriar. Em seguida cortam-se as cenouras em cruz e arrumam-se na travessa com os outros legumes, enfeitando com alface picadinha e azeitonas sem caroços. Regar com o molho de azeite e sumo de limão.

CAMARÕES EM CAPOTE

Ingredientes: — 100 grs. de manteiga, 12 camarões grandes (ou quantos forem necessários), 6 ovos, 1 colher das de sopa, de azeite, farinha de trigo e sal.

Preparação: — Lavam-se os camarões e cozinham-se com as cascas. Em seguida escorrem-se, descascam-se e deixam-se repousar na manteiga derretida. A' parte, batem-se as claras em neve. Depois juntam-se-lhes as gemas e torna-se a bater. Adiciona-se-lhes um pouco de farinha de trigo em quantidade suficiente para formar uma pasta da consistência de suspiro. Acrescentam-se-lhes o azeite e um pouquinho de sal, mistura-se tudo e põem-se os camarões dentro, envolvendo-os bem na massa. Um de cada vez é frito na banha bem quente.

CREME DELICIOSO

Ingredientes: — 350 grs. de açúcar, 300 grs. de farinha de trigo, 100 grs. de manteiga, 1 garrafa de leite, 7 gemas, 1 ovo, 1 colher. das de chá, de essência de amêndoas.

Preparação: — Separam-se duzentas grs. do açúcar, põem-se numa caçarola, junta-se, à farinha, as gemas, o ovo e mistura-se tudo muito bem. Em seguida, adiciona-se o leite, mexendo-se continuamente com uma colher de pau. Leva-se ao fogo e acrescentam-se aos poucos o açúcar restante e a essência, continuando a mexer até engrossar. Junta-se a manteiga e retira-se do fogo, levando-se em seguida à geladeira.

para
gente
nova



Nestas páginas oferecemos às nossas leitoras mais jovens alguns modelos próprios para a sua idade e adequados às mais diversas ocasiões. São modelos dos mais variados feitios, e poderão ser executados nos mais diversos tecidos



Ao alto, à esquerda: Modelo "habille" em seda "maravilha". Banda drapeada sobre os quadris. Corpete muito justo, decote amplo. Ainda ao alto: Modelo em cambraia bordada, para a noite. Lacos de veludo atrás. À direita: Uma sala de banho azul e blusa de cambraia azul forte. Cinto e sandálias douradas.



BILHETES PARA DALVA — MARY LY — NATALIA LIBIA

Mary Ly — Tijuca — Rio — Está correto seu modo de pensar, e por ele deve pautar sua conduta. Acredite que os homens não se prendem por concessões, e sim, muito mais frequentemente, por negativas. Se esse rapaz, o Mário, levar adiante a promessa de brigar com você, será sinal de que não a estimava realmente. A intimidade só deve surgir após um período de confiança absoluta e um namoro quase nada significa, não passa de fase inicial, de observação. Se você demonstra fraqueza de início, como saberá impô-lo, mais tarde? Acredite que o verdadeiro amor só existe quando acompanhado de respeito. Faça-se, portanto, respeitar. E não dê ouvidos a conversas de amigos dele, nem de quaisquer outras pessoas. Entenda-se sempre diretamente com ele, e nunca por meio de intermediários. Mesmo que se dê uma rutura momentânea, isso redundará, mais tarde, em seu próprio benefício, porque se ele gostar realmente de você, voltará com maior amor e maior respeito, a seu devido tempo. Bravos, Mary Ly. Você é uma menina e tanto.

NATALIA LIBIA — Onde estiver — Sua carta é um estímulo para que continue a dirigir-me aos consulentes com toda a franqueza e sinceridade. É uma grande alegria, saber que posso ajudar, mesmo de longe, algumas pessoas a resolver ou a melhor suportar suas dificuldades. Um abraço amigo, desejando que tudo esteja indo melhor, agora.

DALVA — Belo Horizonte — Sua carta me comoveu profundamente pela história realmente dramática e intensamente humana nela contida. Não creio, porém, que dela se deva chegar à idéia de fracasso e de irrealização que você parece ter. Ao contrário, penso que as impossibilidades materiais que a separaram do seu amor, sem no entanto conseguirem extingui-lo, são justamente a fonte de uma realização superior — a única verdadeiramente possível, aliás — a realização no plano espiritual.

Imagine, Dalva, que você tivesse casado com Eduardo, e que o casamento lhe tivesse trazido lenta e miúdas, mas inexoráveis, decepções; que a vida de todos os dias tivesse haurido, até secá-la por completo, aquela fonte de romantismo brotada no âmago da sua mocidade. Você sabe que isso é possível. Você sabe o quanto a vida quotidiana está cheia de pequenas misérias, de doencinhas, de queixas, de cansaços, de infidelidades que machucam...

Disso tudo você se livrou, Dalva, não realizando seu amor no plano material — um plano sempre instável, precário, movediço, insatisfatório. Não se satisfazendo, você se satisfaz melhor, porque guardou pela vida afora, intacta, aquela flor primaveril que hoje seria fruto maduro ou podre, caso o destino os tivesse unido.

Não tenha remorso, nem vergonha, nem pena dessa flor, Dalva. Ela é muito bela, e a vida não nos pode dar mais do que isso. Guarde no segredo de seu coração o perfume dessa flor, como um fantasma necessário, um doce fantasma que a acompanhará para o além. Do outro lado, sim, quando estivermos despojados das misérias da nossa pobre carne, uma realização total será possível. Caminhe para lá serenamente, porque os que se amaram profundamente na terra não poderão ser separados em lugar algum.

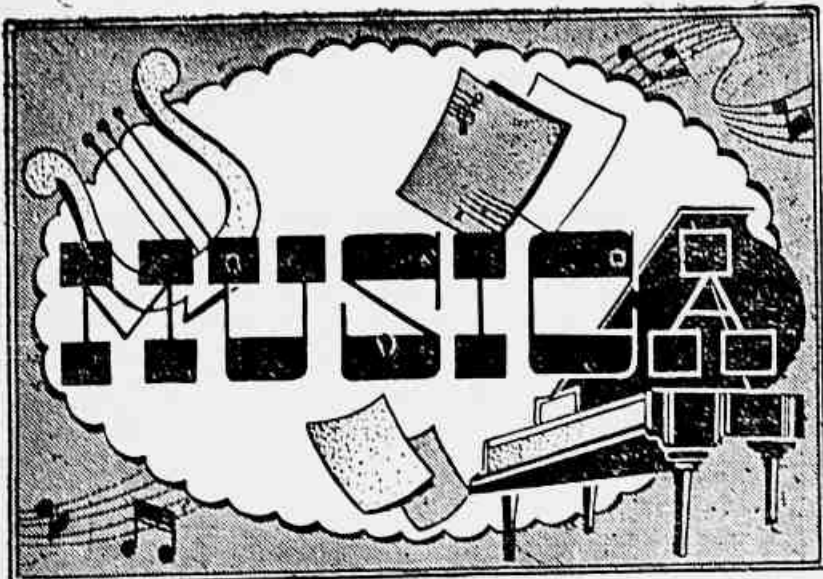
CONFIDENTE



AO ALTO — Para uma tarde no Jockey, eis um modelo em: cinza, com saia em "plissé soleil", bolero com gola alta. EM BAIXO — Conjunto em "piqué" branco com botões de madeira. Chapéu de linho listrado. Notar o original dos punhos. Saia ampla



Para as tardes de verão apresentamos este modelo em algodão quadriculado. Babado franzido na saia, decote quadrado, com cintura justa



ELEAZAR DE CARVALHO

O "Amor Brujo" e o "Brujo" de Falla
★ Schonberg e o público ★ Na Escola
Nacional de Música

Depois de mais uma prolongada estadia nos Estados Unidos, o maestro Eleazar de Carvalho voltou ao Brasil, para reger a Orquestra Sinfônica Brasileira. O programa de seu primeiro concerto despertou grande interesse. Em primeira audição na América do sul, ouviu-se a Sinfonia de Câmara, de Arnold Schonberg, além do Amor Brujo, de Manuel de Falla, da Alvorada, de Carlos Gomes, e da Ouverture 1812, de Tchaikowski. A "réentrée" de Eleazar de Carvalho realizou-se, assim, de forma auspiciosa. Com uma sábia mistura de obras de cunho modernismo com outras, tradicionais, bem conhecidas e grandemente apreciadas por certo público, ele conseguiu agradar a todos e a ovacão que recebeu, no final, deve ter-lhe compensado, amplamente, os esforços dispendidos no "tour de force". Seguro e enérgico, Eleazar de Carvalho conseguiu desenvolver aquelas qualidades que lhe reservavam o futuro de grande regente — já em parte realizado — quando estreava, ainda cheio de defeitos, mas prometendo muito. A essa evolução, conquanto favorecida pela orientação de um mestre notável como Koussevitzki, não esteve alheia certamente, a sua indispensável força de vontade, o estudo, a capacidade de dominar as suas impaciências de meio brilhante, para ganhar, pouco a pouco, a firmeza serena, que nada rouba, antes acrescenta muito, pois favorece uma expressão mais perfeita, ao temperamento arrebatado. As obras apresentadas destacaram-se em planos orquestrais bem nítidos, com precisão rítmica e perfeita coordenação. Talento amadurecido, Eleazar de Carvalho educou a sua sensibilidade, aprendendo a captar, em cada página, o elemento essencial do estilo, o tom inconfundível que distingue os compositores. E, assim, tivemos, primeiro, agitação e a angústia de Schonberg, depois o sentimentalismo de Carlos Gomes, a força dramática, a tensão do Amor Brujo e o espetacular tumulto da Ouverture 1812.

SCHONBERG E O PÚBLICO

Sente-se, na torturada e tortuosa sinfonia de Schonberg, a opulência da técnica, disposta em complexa arquitetura musical. Respira-se, ali, uma atmosfera rarefeita. A música, o poder de comunicação, a exaltação, a efusão que a música provoca, quando preenche a sua função social, desaparece. São ramos que se torcem e agonizam, em arranjos dramáticos. A inteligência, alerta governa a construção do músico. Certamente, ficará reservado para Schonberg um lugar nos tratados, pois suas experiências musicais oferecem material para interessantes análises. Mas esvaziado o conteúdo humano, pela renúncia deliberada à procura de uma forma mais comunicativa, restará o drama inacessível, de um individualismo que se ergue arrogante.

Atitude típica, que bem identifica a posição do músico, é a sua reação à vaza que acobrou a estreita dessa sinfonia de câmara... "de horrores".

(continua na página 58)



GLORIA LINTE — Reservamos cumprimentos especiais para Gloria Linte, jovem pianista que acaba de obter a medalha de ouro, correspondente ao ano de 1947, em concurso realizado a 1 de setembro, na Escola Nacional de Música. Trata-se de aluna do Prof. F. F. F. F.

Essa vitória permite-nos profetizar um futuro de grande sucesso para a artista que com tanta felicidade uniu sua carreira.



As sedas estampadas, os "pois", os bordados, serão vistos nos modelos para as próximas estações. As saias, um pouco mais curtas (30 e 35 cms. do chão), continuam rodadas, não tanto, talvez, e muitas com pregas e "godets" para trás. Aqui, alguns modelos selecionados dos mais recentes figurinos de Paris.



A ESQUERDA — Modelo em linho estampado azul com letras brancas formando a palavra "Paris". Saia em forma com nervuras. EM BAIXO — A direita: L'oe Lucien Lelong este modelo em seda cinza com grandes pastilhas brancas. Drapado amplo sobre os quadris; mangas de original talhe. A esquerda: modelo em seda estampada. Saia ampla e "basque" formando pregas.





A última palavra em modelos para a primavera e verão serão, sem dúvida, os confeccionados em linho, linon, cambraia ou mesmo em tecidos de xadrez, com bordados ou flores pintadas. O modelo acima é um exemplo que nos chega da França. É em linho branco com flores bordadas em tons vivos.

MODELOS



NA LUTA CONTRA A MORTE



Em 1921, morria em Copacabana, um jovem advogado; Gastão Neto dos Reis era o seu nome, e como promotor público de Petrópolis se revelara uma bela e vigorosa inteligência, talhada para o "métier" e capaz de honrar como poucos de sua geração, a nossa magistratura. Descera da cidade serrana já muito mal; e aqui, feitos em Mangueiras os exames de laboratório, constatou-se que tinha havido um sério engano de diagnóstico e, portanto, de tratamento. Foi esse engano que levou à morte, quem

ainda tinha tanto a dar à vida e dela tanto podia esperar.

Velando o corpo do esposo, no desespero da viuvez que selava bruscamente dez anos de felicidade, d. Lais Neto dos Reis compreendeu, pela primeira vez, a importância do problema da enfermagem no Brasil. Compreendeu que ela não era a única a ter a vida destruída em plena mocidade, por não existir, mesmo nas cidades grandes, um aparelhamento de defesa sanitária, uma tropa de choque na luta contra a doença e contra a morte.

— "Então — ela o diz com tocante simplicidade — jurei diante do caixão ainda aberto, que dedicaria todas as minhas energias a tratar dos doentes. Fazia-o em memória daquele que perdera. Era, além disso, uma forma de agradecer a felicidade que ele me havia dado.

Histórias assim, com esse sentido austero de sacrifício e de renúncia, soam estranhamente neste nosso mundo de egoísmos pequeninos e de enorme confusão. Nem parecem verdade da vida real. Mas, aconteceu; e d. Lais me contou seu romance sem saber que eu era repórter. Vai ficar zangadíssima com a indiscreção. Paciência!

P.s. minhas amigas, velo desse amor transcendentalizado pela morte, toda a história de trabalho e de vitórias da diretora da Escola Ana Nery. Mal recuperada do choque, ela pensando em ingressar num hospital como assistente das irmãs de caridade, quando o destino lhe propiciou oportunidade melhor: a "Fundação Rockefeller" estudava a criação de uma escola de enfermagem no Rio e aliciava as pioneiras. Lais foi das primeiras a apresentar-se na turma de quinze heroínas. Era mesmo heroísmo enfrentar os preconceitos de uma sociedade que preferia morrer à mingua de cuidados, a conceder à enfermeira os seus legítimos títulos de valor social e de dignidade humana.

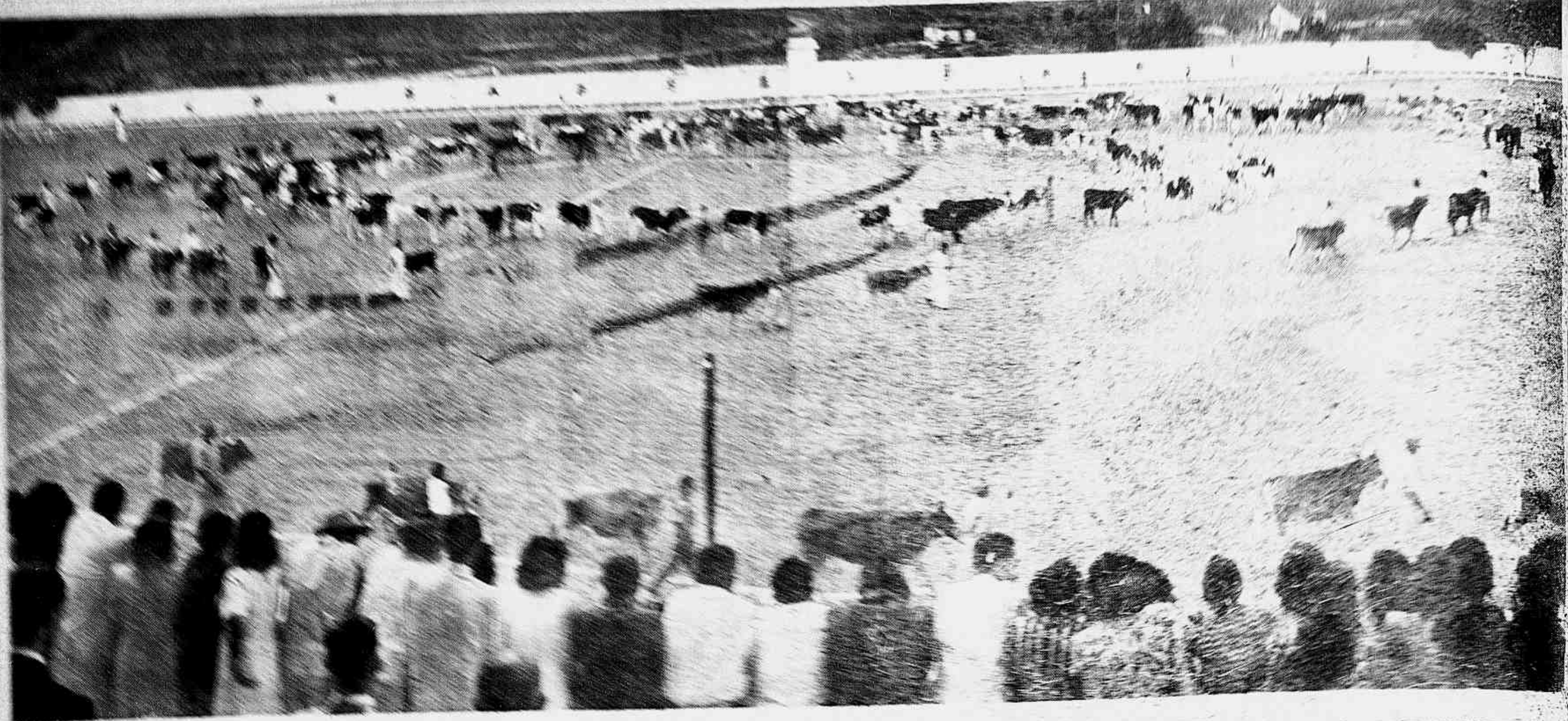
Formou-se em 1923 e foi estagiar nos Estados Unidos, especializando-se em administração hospitalar, pediatria, obstetrícia e moléstias contagiosas. Quando voltou ao Brasil, Carlos Chagas era diretor de Saúde Pública e estava reestruturando "de fônd en comble" o nosso aparelhamento de defesa sanitária; a jovem enfermeira foi imediatamente destacada para um posto de responsabilidade, como chefe do setor de Botafogo, de onde passou para o de Engenho de Dentro. Depois de ter participado da organização das aulas de Saúde Pública, foi nomeada enfermeira-chefe do primeiro centro de saúde criado no Rio, em Inhauma. Encontrou-a nesse cargo o surto de febre amarela de 1928 e toda a sua eficiência, toda a sua generosa capacidade de dedicação se deram à luta titânica contra a epidemia.

Em 1928 desejou conhecer os métodos europeus de enfermagem; e ela em Paris, percorrendo hospitais, anotando progressos e deficiências, visitando clínicas, observando os métodos da escola de Melle. Chaptal que, na época, era a última palavra em técnica e organização. Na Bélgica, na Alemanha, na Itália, em todos os países que visitou, os hospitais venciam todas as atrações da paisagem e da vida social e monopolizavam o melhor de sua atenção.

De volta ao Brasil, reorganizou no Hospital São Sebastião a técnica de enfermagem no setor das moléstias contagiosas; depois estruturou os serviços estaduais de enfermagem em São Paulo, onde a Revolução de julho a encontrou criando hospitais de emergência e cursos de socorristas; depois, ela fundando a Escola de Enfermeiras Carlos Chagas, em Belo Horizonte, em 1933.

Tinha, pois, todos os títulos e todos os direitos ao posto, quando o governo lhe confiou a direção da Escola Ana Nery em 1938. Lá está até hoje. E quem conhece a escola; quem vê aquele bando de mocinhas no estudo e no trabalho; quem encontra as suas alvas toucas nas enfermarias de outros hospitais; quem mede o caminho percorrido — da humildade do trabalho mercenário e quase braçal à dignidade intelectual dos estudos universitários — não pode deixar de admirar d. Lais Neto dos Reis. E de querer-lhe bem pelo que ela fez. E pelo bem que vão fazendo por este Brasil os milhares de mulheres que, em memória de um morto muito querido, ela chamou para a luta contra a morte.

Sarah Marques.



Grande grupo de gente dos vários setores da população de Carangola, reunida no grande do Estado para a 4ª edição da exposição agropecuária e industrial da região.

IV Exposição Agro-Pecuária e Industrial de Carangola

Nesta edição, realizada em Carangola, o Estado de Minas Gerais, sob a direção do governador Carlos Lacerda, apresenta a 4ª edição da exposição agropecuária e industrial da região. A exposição, que se realiza anualmente, tem como objetivo principal a divulgação dos produtos e serviços produzidos na região, bem como a promoção do comércio e da indústria local. A exposição é organizada pelo governo do Estado, em parceria com o governo municipal de Carangola. A exposição é aberta ao público em geral, e a entrada é gratuita. A exposição é realizada em um espaço amplo e aberto, com várias alas e setores, onde são expostos os produtos e serviços produzidos na região. A exposição é uma importante oportunidade para a divulgação dos produtos e serviços produzidos na região, bem como para a promoção do comércio e da indústria local.

Texto e fotos de ADALBERTO MENDES

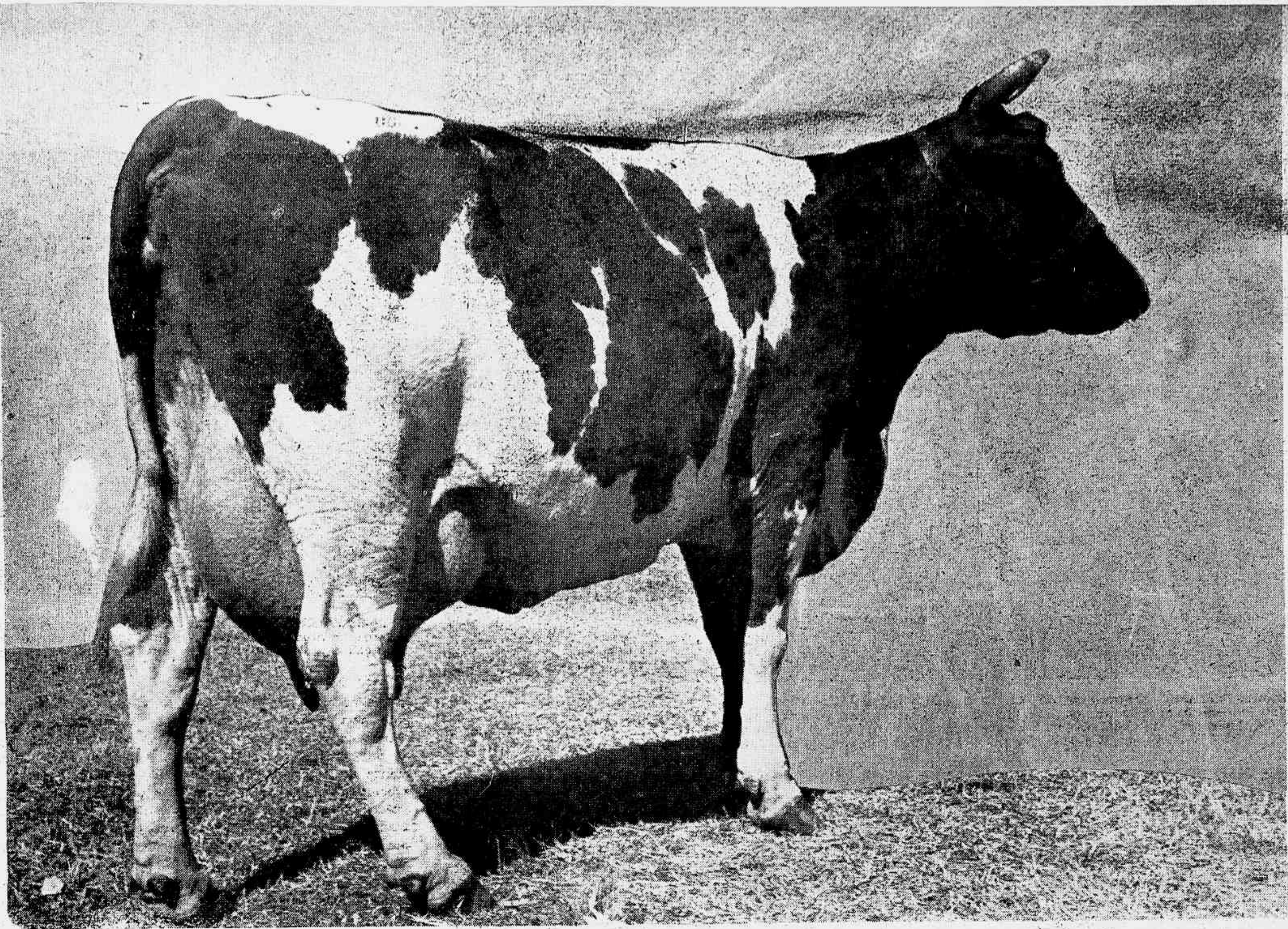
João Gonçalves Porto e José Rodrigues de Almeida, no governador Carlos Lacerda, são os nomes mais destacados da exposição agropecuária e industrial da região. A exposição, que se realiza anualmente, tem como objetivo principal a divulgação dos produtos e serviços produzidos na região, bem como a promoção do comércio e da indústria local. A exposição é organizada pelo governo do Estado, em parceria com o governo municipal de Carangola. A exposição é aberta ao público em geral, e a entrada é gratuita. A exposição é realizada em um espaço amplo e aberto, com várias alas e setores, onde são expostos os produtos e serviços produzidos na região. A exposição é uma importante oportunidade para a divulgação dos produtos e serviços produzidos na região, bem como para a promoção do comércio e da indústria local.



Em 1970, a exposição agropecuária e industrial de Carangola, sob a direção do governador Carlos Lacerda, apresenta a 4ª edição da exposição agropecuária e industrial da região. A exposição, que se realiza anualmente, tem como objetivo principal a divulgação dos produtos e serviços produzidos na região, bem como a promoção do comércio e da indústria local. A exposição é organizada pelo governo do Estado, em parceria com o governo municipal de Carangola. A exposição é aberta ao público em geral, e a entrada é gratuita. A exposição é realizada em um espaço amplo e aberto, com várias alas e setores, onde são expostos os produtos e serviços produzidos na região. A exposição é uma importante oportunidade para a divulgação dos produtos e serviços produzidos na região, bem como para a promoção do comércio e da indústria local.

Em 1970, a exposição agropecuária e industrial de Carangola, sob a direção do governador Carlos Lacerda, apresenta a 4ª edição da exposição agropecuária e industrial da região. A exposição, que se realiza anualmente, tem como objetivo principal a divulgação dos produtos e serviços produzidos na região, bem como a promoção do comércio e da indústria local. A exposição é organizada pelo governo do Estado, em parceria com o governo municipal de Carangola. A exposição é aberta ao público em geral, e a entrada é gratuita. A exposição é realizada em um espaço amplo e aberto, com várias alas e setores, onde são expostos os produtos e serviços produzidos na região. A exposição é uma importante oportunidade para a divulgação dos produtos e serviços produzidos na região, bem como para a promoção do comércio e da indústria local.





O esplêndido animal que vemos acima é a vaca "Serra-Veneza", campeã de produção de leite da IV Exposição de Carangola, pertencente à Fazenda da Serra, de propriedade do sr. Sebastião Rocha (município de Tombos). "Serra-Veneza" produziu o total de 98.800 klgs. em três dias, com três ordenhas diárias, dando em média 32.933 klgs. por dia. Esta estupenda vitória da criação carangolense foi o ponto alto da IV Exposição, demonstrando o acerto com que se vêm conduzindo os pecuaristas locais na seleção das espécies leiteiras. A grande campeã é da raça Holandesa Vermelha e Branca.

local se agruparam em redor do Governo do Estado, — veremos como se coroou do mais legítimo de todos os louros a IV. Exposição e como ainda mais se engrandeceu Carangola, essa terra feliz, ordeira, laboriosa, atenta permanentemente aos ditames do progresso — amável e risonha terra tão querida de todos.

★

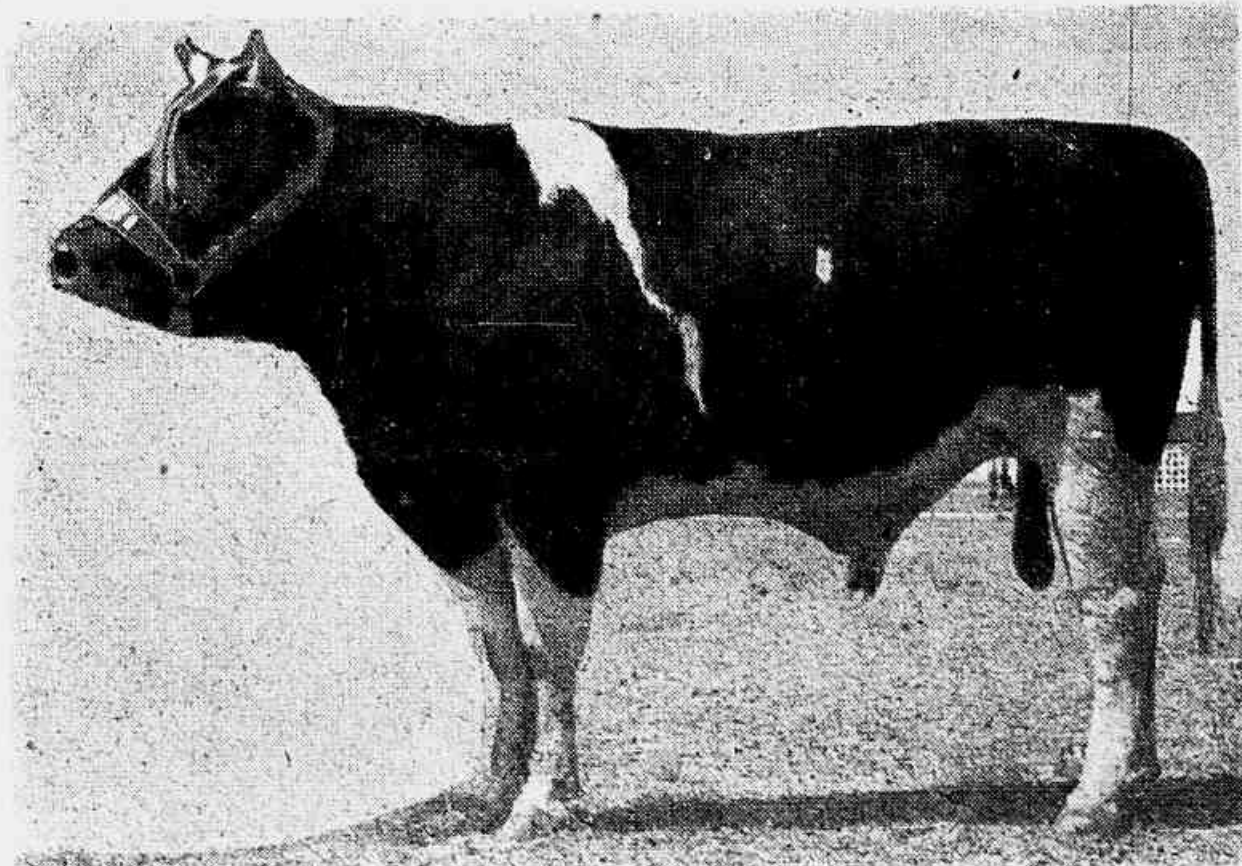
Do ponto de vista técnico, a IV Exposição de Carangola alcançou êxito sem precedentes. Os produtos nascidos e criados na região apareceram em maior número, ostentando melhor qualidade e deixando prever para muito breve seu completo predomínio nos campos locais. Mas o concurso de vacas leiteiras seria para a IV Exposição o



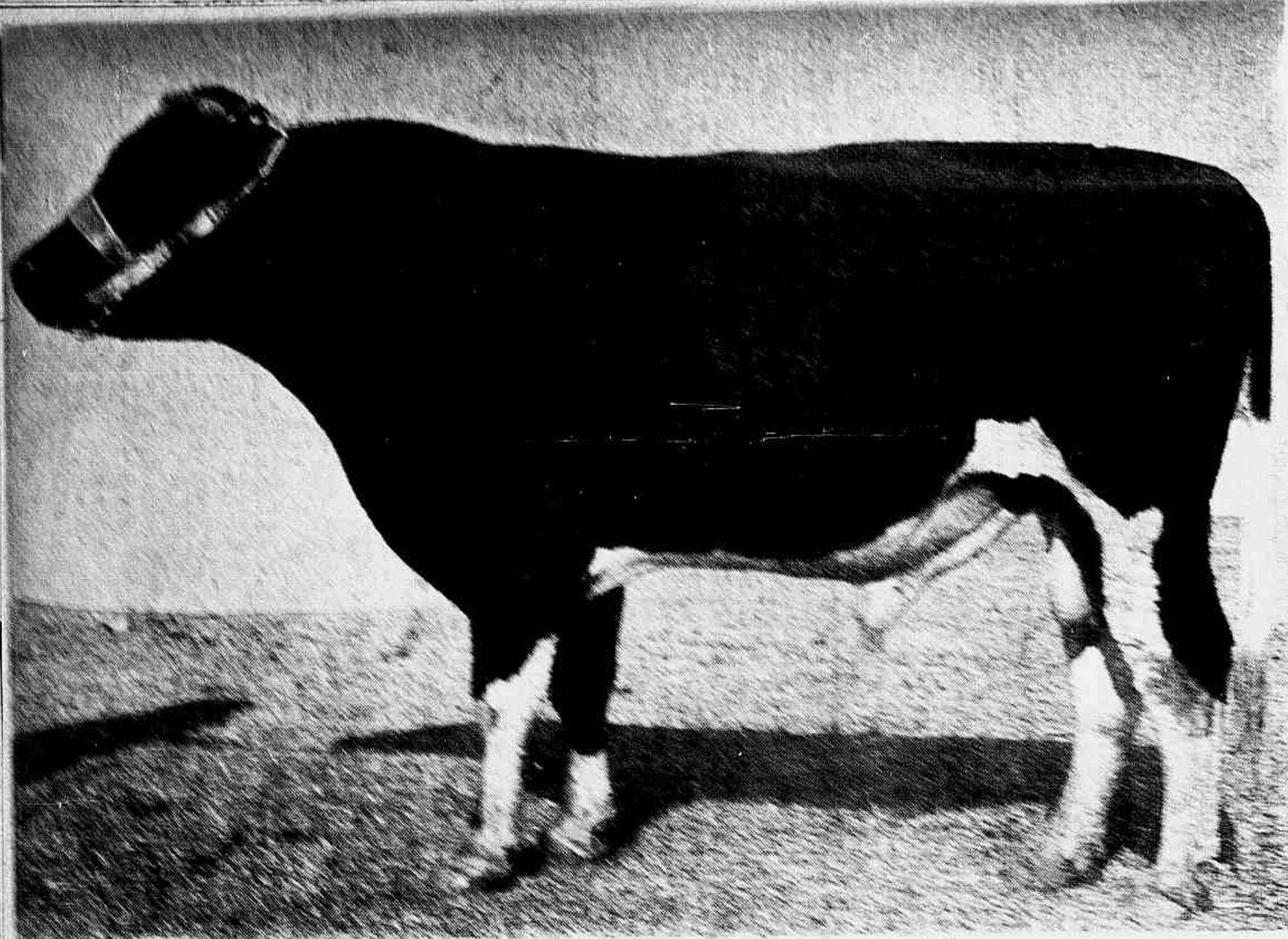
A sra. Yolanda Marques Esteves batizando a "champagne" a vaca "Serra-Veneza", campeã leiteira da IV Exposição. No segundo plano está o feliz proprietário do valeroso animal, sr. Sebastião Rocha, sorridente com o grande triunfo alcançado



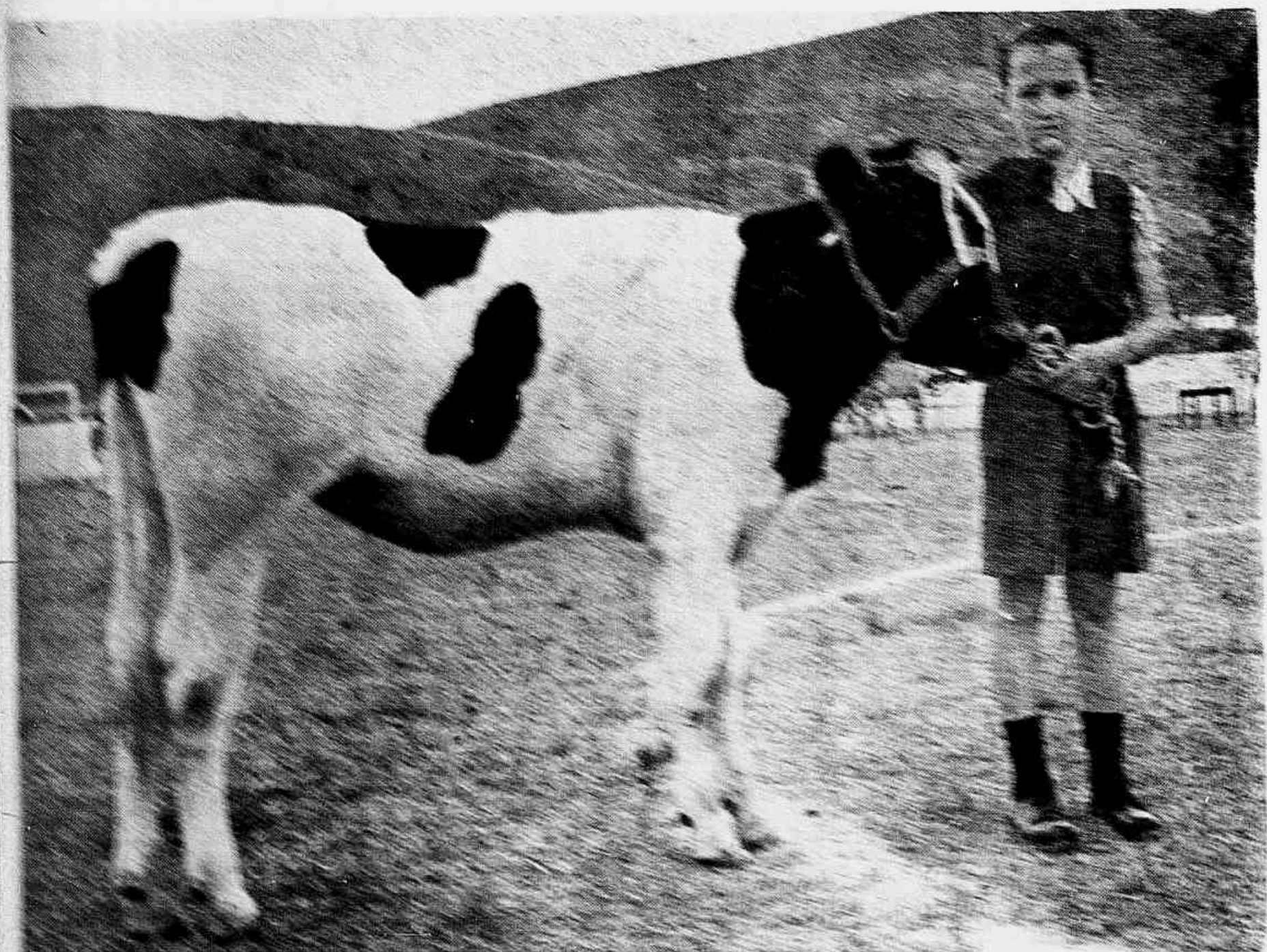
Este magnífico conjunto composto pelos animais: Serra-Rubi, Opalina, Sereia, Alba e Conga, conquistou quatro grandes classificações na IV Exposição: melhor grupo-família da raça Holandesa Vermelha e Branca, melhor conjunto da mesma raça, melhor conjunto das raças leiteiras e melhor grupo de família das raças leiteiras da Exposição. Pertence à Fazenda da Serra, do sr. Sebastião Rocha, município de Tombos.



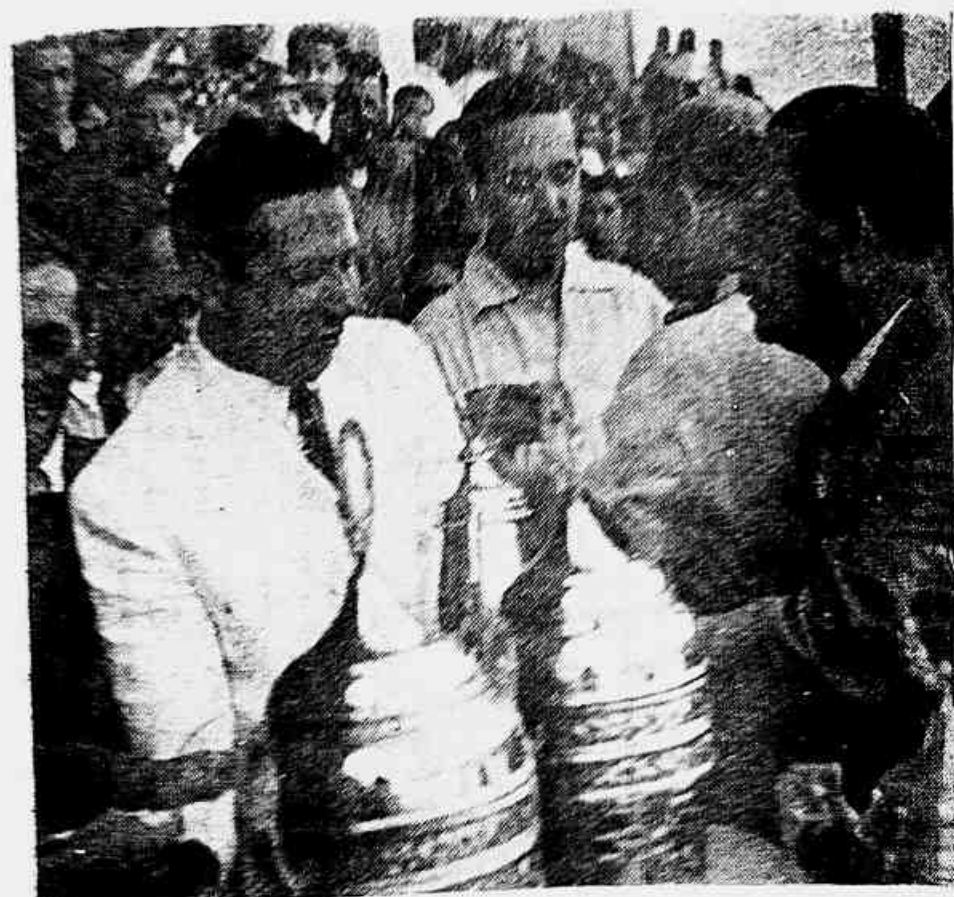
"Serra-Rubi", campeão-senior da raça holandesa Vermelha e Branca. Puro por cruzamento Tat. O.D. JOP-1 BRPL. Pai, "Miltonia-Campeão; mãe, "Serra-Pureza", produtora de 6 013.500 klgs. de leite em 303 dias



"Mittens-Macaroni" campeão-sênior de vacas Holandesas Pretas e Brancas na IV Exposição Nacional em 1934-35. Vencedor do 1º prêmio de 100 mil cruzeiros na categoria de vacas de leite. Foi comprado por 100 mil cruzeiros na 1ª Exposição Nacional em 1934-35. Foi comprado por 100 mil cruzeiros na 1ª Exposição Nacional em 1934-35. Foi comprado por 100 mil cruzeiros na 1ª Exposição Nacional em 1934-35.



"Garden-Paris" 1ª vaca na IV Exposição Nacional em 1934-35. Foi comprada por 100 mil cruzeiros na 1ª Exposição Nacional em 1934-35. Foi comprada por 100 mil cruzeiros na 1ª Exposição Nacional em 1934-35. Foi comprada por 100 mil cruzeiros na 1ª Exposição Nacional em 1934-35.



O deputado Xenofante Mercadante entrega ao sr. Jonas Esteves Marques (à esquerda) um dos muitos prêmios alcançados pelos animais da Granja Regina de sua propriedade, na IV Exposição.

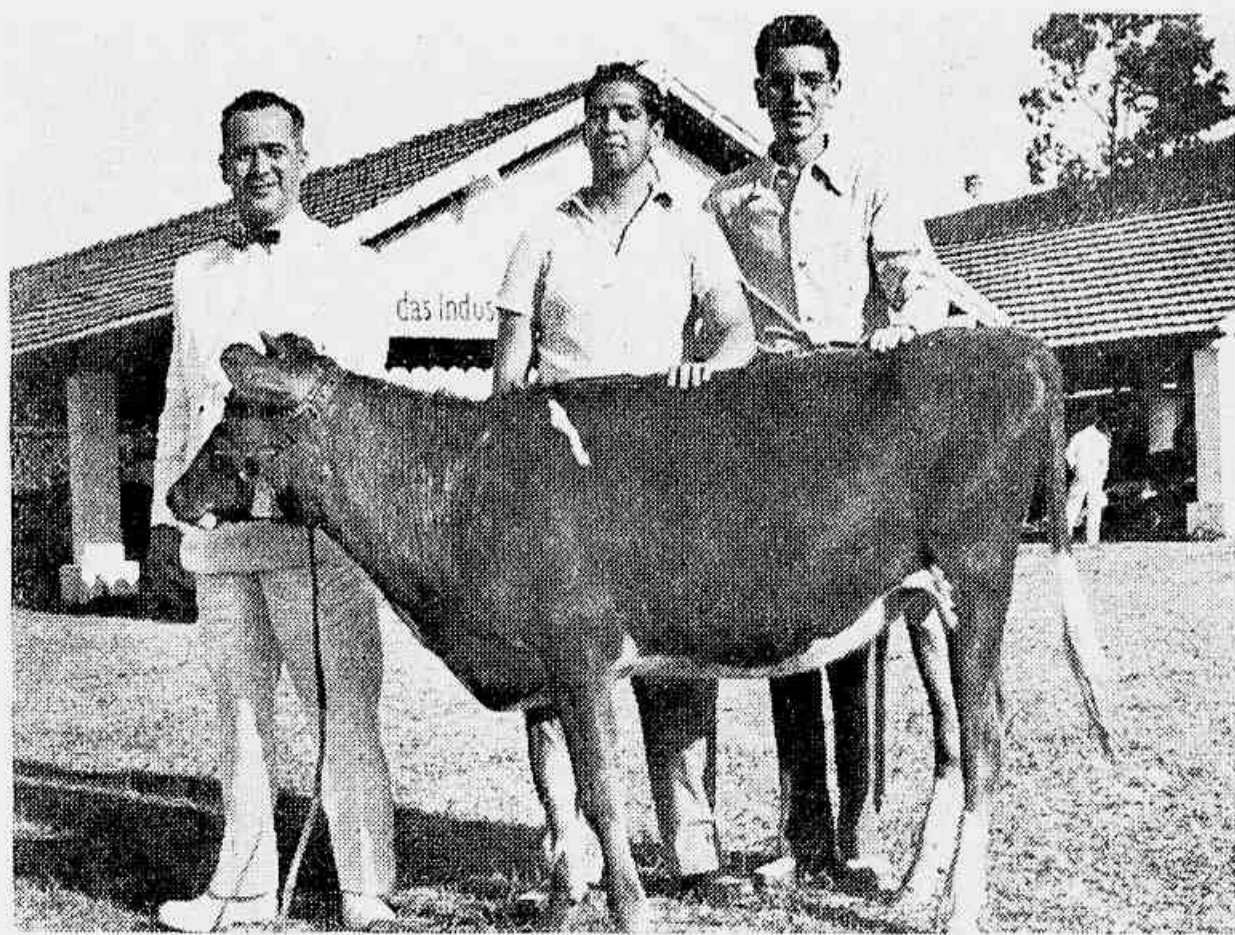
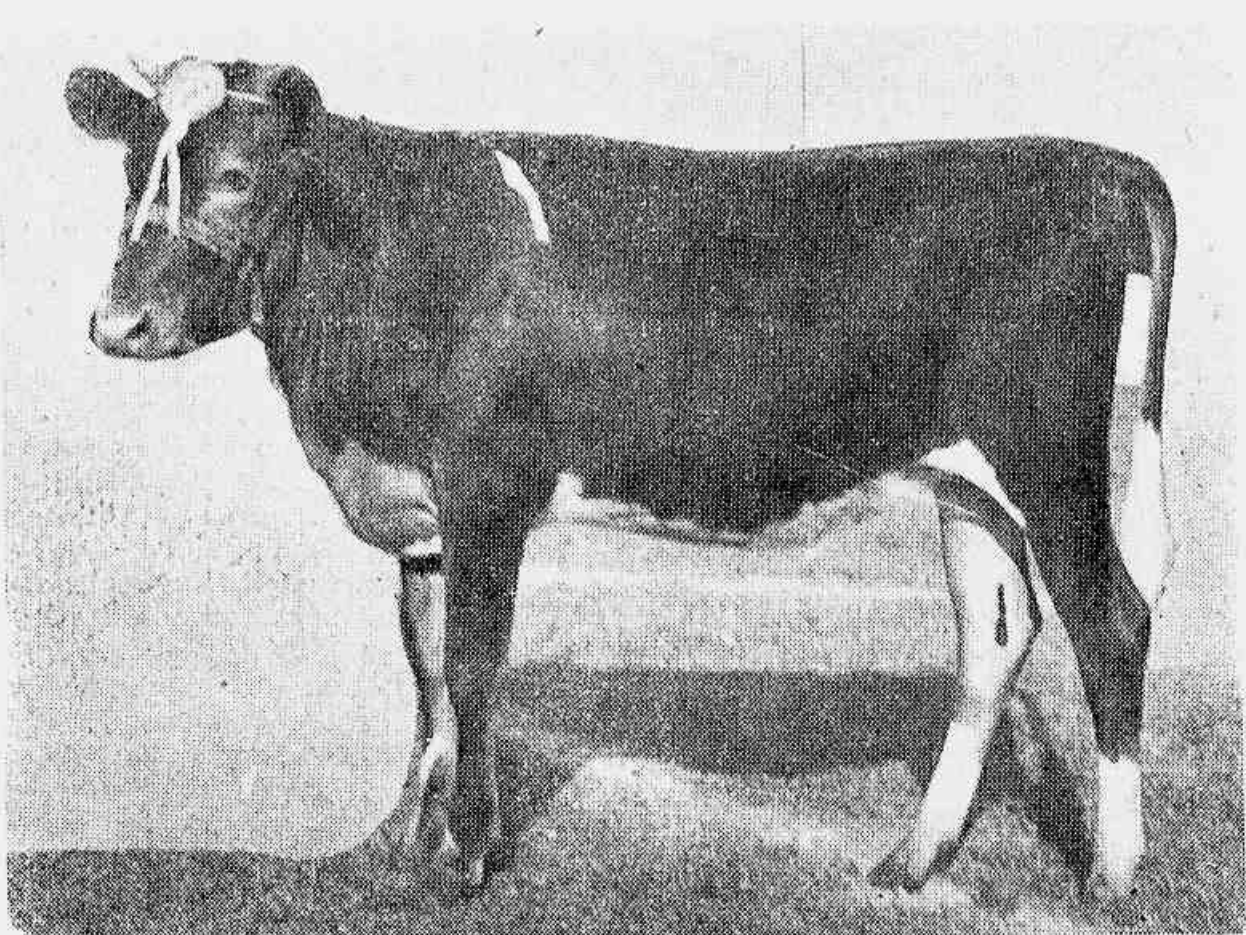
indicador mais seguro do grau de aperfeiçoamento atingido pela pecuária do município. A excelente performance da vaca "Berta-Venezuela", produzindo 98.800 litros de leite em três dias de ordenha, mostra a definitiva mudança no lugar que já agora lhe cabe sempre entre os melhores da criação mineira. Essa fama de inimitável prêmio, obtida natural repercussão, fazendo convergir as atenções para a IV Exposição, que nele teve a sua passagem de maior expressão desde 1914, quando foi premiada a primeira mostra. A pecuária carangolense marcha, portanto, a passo acelerado para superiores destinos. Apenas é de lamentar que somente um reduzido grupo de criadores da região se dedica ao tão proposto de aperfeiçoar seus rebanhos, quando a maioria se deixa vencer pelas seduzidas da compra e venda em vez de dedicar-se à seleção das espécies melhores em tão proveitoso desenvolvimento: pouco nessa área uma boa dose de trabalho. Ora, sem esses elementos por muito tempo, segundo o exemplo dos que constantemente poram pela amparação técnica e econômica da pecuária local. E para tanto não lhes ausentem as qualidades de trabalho e auto-confiança, características dos homens de Carangol.

A sociedade dependente do governador Wilson Soares Carangol foi a mais numerosa e eficiente. As manifestações de apoio e simpatia ao desenvolvimento das atividades locais, como uma demonstração popular de apoio ao seu projeto, são dignas e estimulantes e de reconhecimento aos seus criadores de homens valentes. Quer em integração à cidade, quer na organização da Exposição, ou na construção do Clube Carangolense, receberam as e inúmeras provas de apoio das carangolenses, demonstrando assim que muito além das fronteiras locais. E de prover assim, que para Carangol, receber essas provas, esse estímulo, com o chefe de Governo municipal, Ben e mais um a grande município e a sua povo.

Outra festa que recebeu Carangol, de grande importância, foi a do governador do Estado, Sr. Carlos Lindenberg, acompanhado pelo secretário de Agricultura, Sr. Napoleão Fontenele da Silva. No momento em que se realizava a festa, o governador chegou a se deslocar ao mercado local carangolense, onde encontrou com a mais importante. Inúmeras visitas, inclusive também receberam o governador e o secretário de Agricultura da região e com seu entusiasmo e que a social da IV Exposição movimentaram em todas as partes e a presença de um dos se que não faltou uma

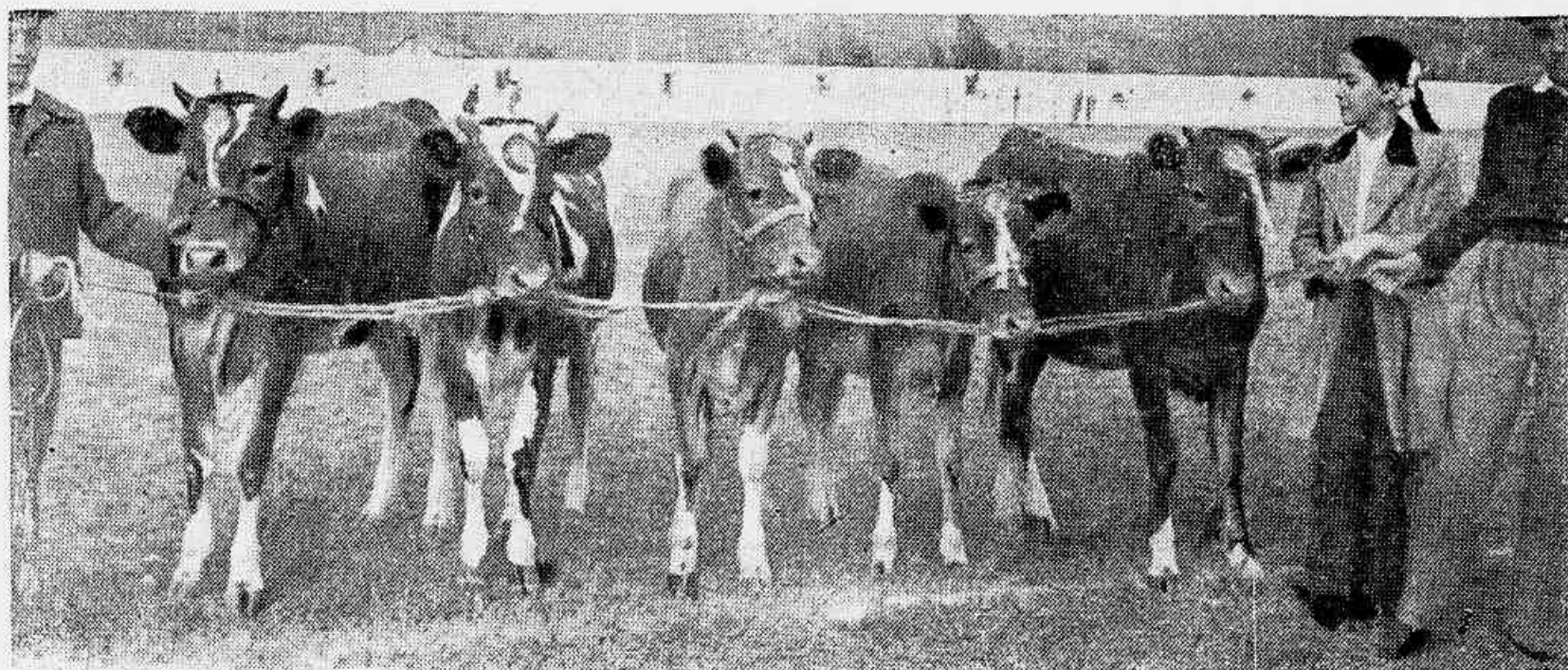


2ª Exposição Nacional em 1934-35. Foi comprada por 100 mil cruzeiros na 1ª Exposição Nacional em 1934-35. Foi comprada por 100 mil cruzeiros na 1ª Exposição Nacional em 1934-35. Foi comprada por 100 mil cruzeiros na 1ª Exposição Nacional em 1934-35.

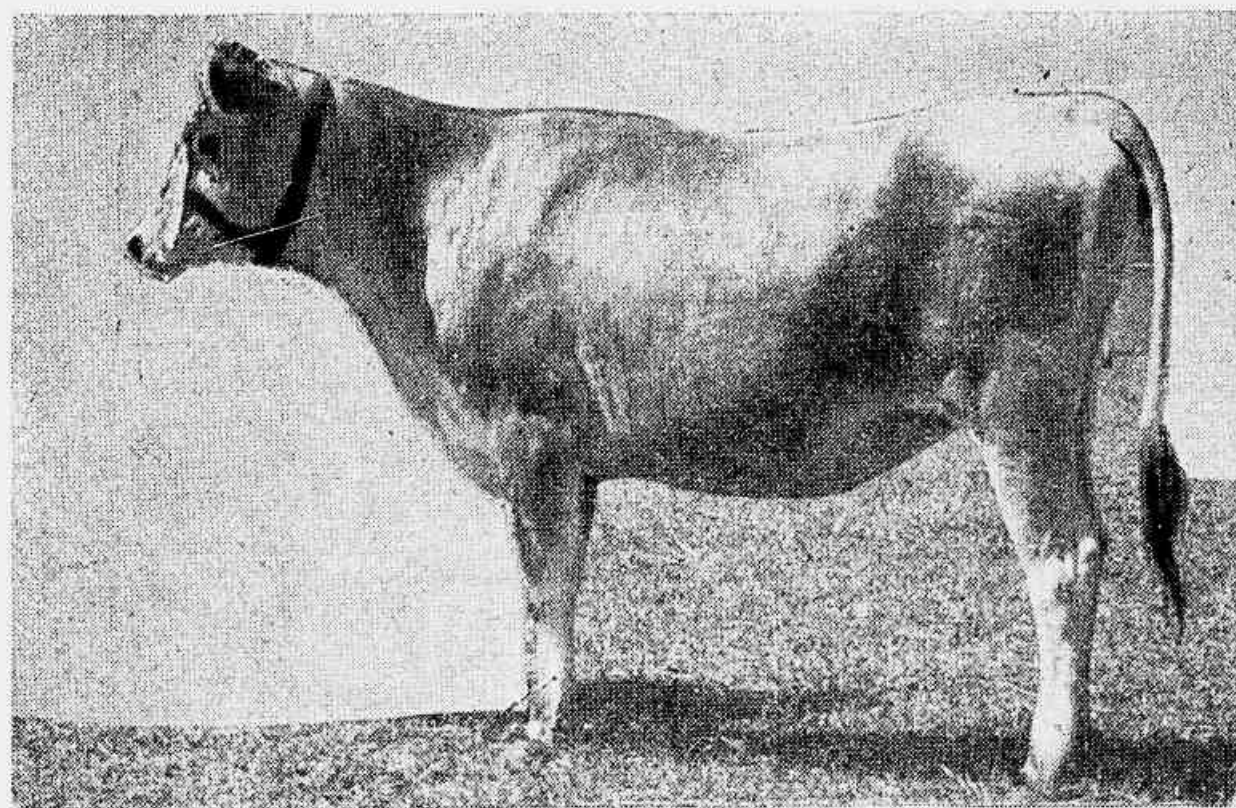


A ESQUERDA — "Alvorada-Biarritz", 1.º prêmio e melhor novilha da raça Guernsey na IV Exposição. Pura por cruzamento. Nascida em 15-8-47. Tat. O. D. KRQ-5. Registrada na A.B.C.G.G. Pai: Manhu Baco. Mãe: Pensilvana Franca. Registrada na A.B.C.G.G. JZK-1. Pertence à Fazenda Alvorada, do sr. José Larivoir Esteves, Carangola. A DIREITA — O industrial Armando Larivoir Esteves, desta capital, e os estudantes Maurício Marques Esteves e Reynaldo Marques Berutto, posam, no recinto da IV Exposição de Carangola, junto ao magnífico exemplar Guernsey, "Alvorada-Biarritz"

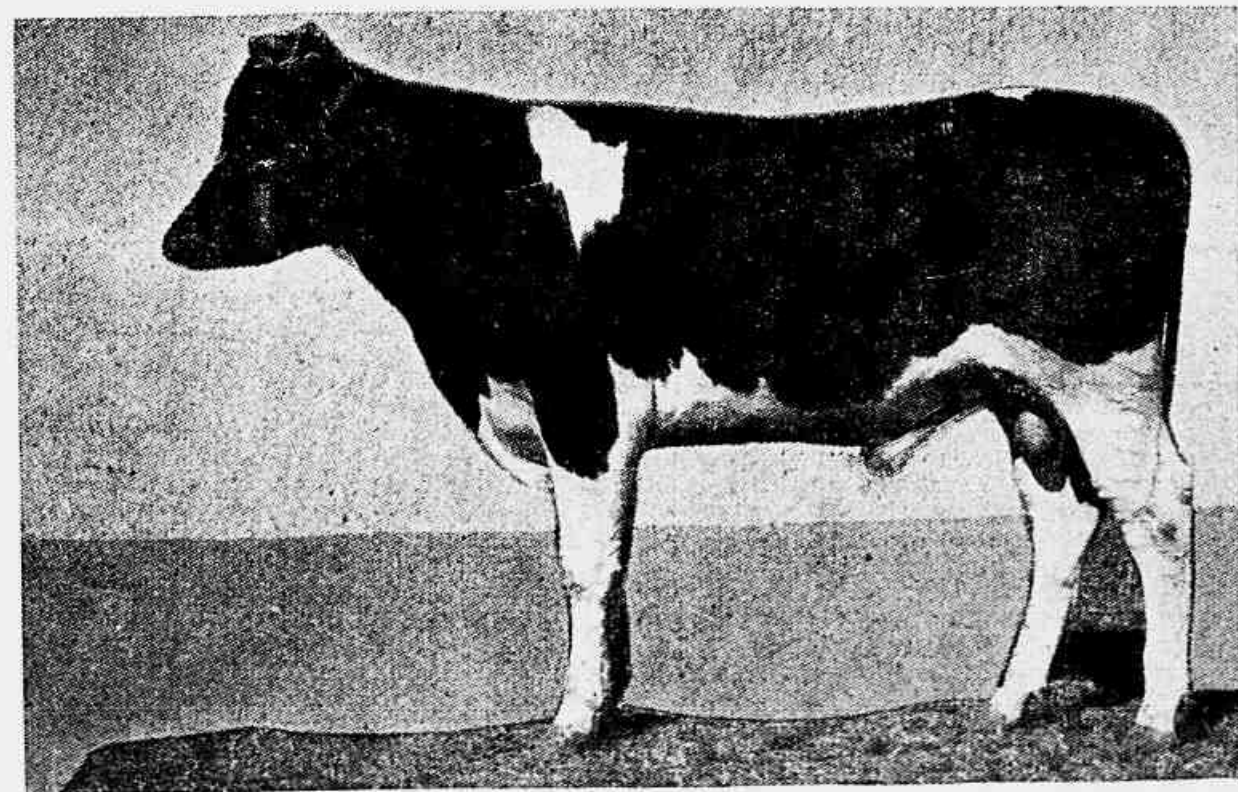
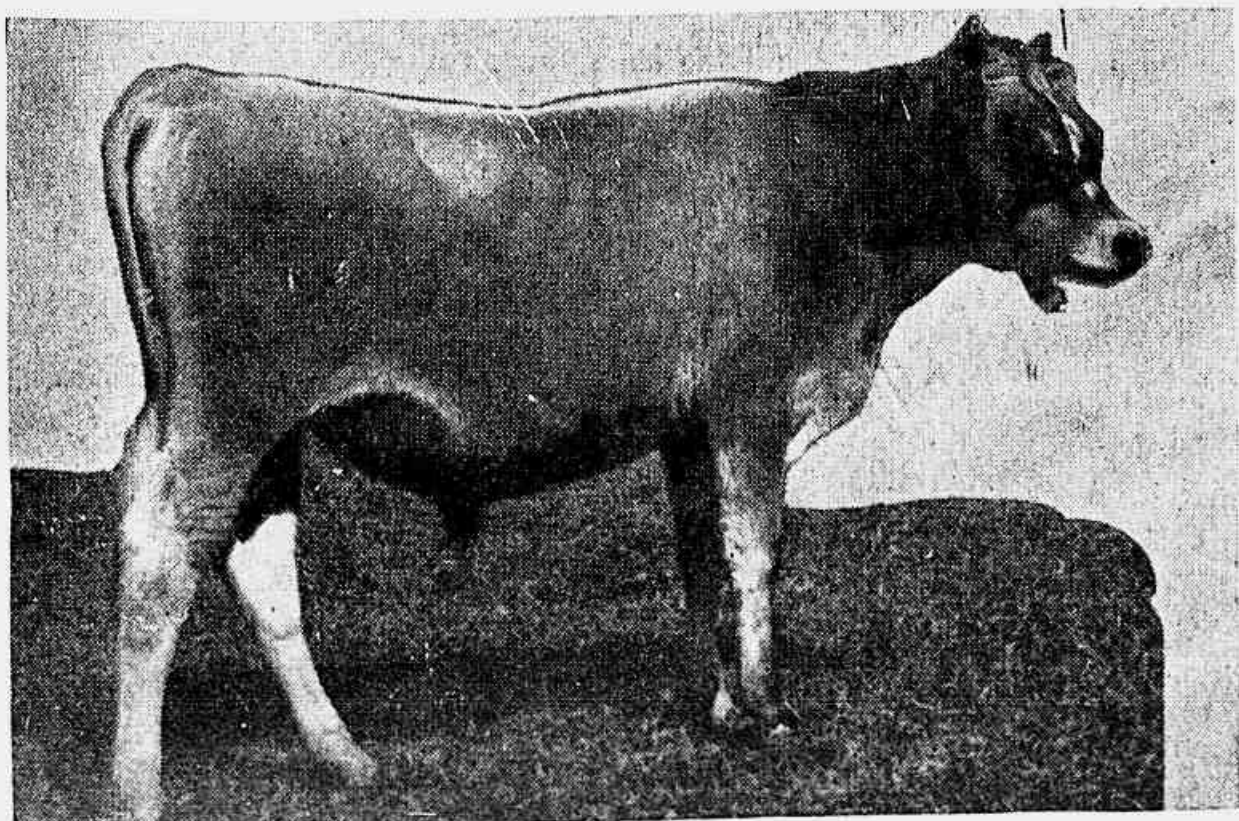
parte recreativa organizada a capricho. E não foram apenas os pavilhões onde se exibiam os exemplares de fina linhagem, os frutos da terra benfazeja e os produtos de uma indústria em plena ascensão, que os visitantes tiveram para admirar ao convívio com a terra e os filhos de Carangola. Ali, a renovação fisionômica da urbe, já agora melhor cuidada pelos seus novos dirigentes, empenhados num programa administrativo de larga envergadura; aqui, o encanto envolvente do trato e aquela alegria comunicativa que faz transcorrerem as exposições carangolenses dentro de um clima de animação permanente — constituiram, sem dúvida, outros tantos motivos de admiração e louvor. O desenrolar da IV Exposição de Carangola foi, enfim, mais uma etapa vitoriosamente cumprida na vida social, econômica e política do município.



A DIREITA — Grupo-família campeão da raça Jersey na IV Exposição. Pertence à Fazenda Alvorada, do sr. José Larivoir Esteves, Carangola



A ESQUERDA — O sr. João Bello de Oliveira Filho (de branco), proprietário da Fazenda Paraíso, recebendo um dos prêmios conferidos aos seus animais Jersey na IV Exposição. A DIREITA — "Paraíso-Cubana II", campeã da raça Jersey na IV Exposição. Pura por cruzamento. Nascida em 22-4-46. Tat. O. D. ZCP-4. Pai: "Folhão de Jacarêpagua". Mãe: "Cubana". Pertence à Fazenda Paraíso, do sr. João Bello de Oliveira Filho, Carangola



"Paraíso-Bororó", 1.º prêmio da raça Jersey na IV Exposição. Puro por cruzamento. Nascido em 2-5-47. Tat. O. D. ZCQ-1. Pai: "Folhão de Jacarêpagua". Mãe: "Balina". "Paraíso-Bororó", 1.º prêmio da raça Jersey na IV Exposição. Puro por cruzamento.

"Santa Rita-Mickey", campeão-junior da IV Exposição de Carangola. Puro por cruzamento. Pertence ao plantel da Fazenda Monte Verde, do sr. Altivo Luiz da Silva Thomé, situada no município de Carangola

I. B

(Continuação da pág. 22)

★

Quando volto à varanda, a tarde já vai no fim. Ainda há um pouco de sol sobre a praia, mas sente-se que o crepúsculo próximo já começa a sangrar levemente na reta do horizonte. Pessoas passam pelo "truatá" da orla da praia, algumas de braço dado. Outras se postam diante do edifício onde moro, em atitude aparentemente natural. Sei, no entanto, que me observam atentamente, como ferozes mastins de olhos postos numa caça certa. Mas já não os temo. Não temo, mesmo, o homem do necrotério que lá se sentou, no banco de frente, com o album azul sobre as pernas, o rosto velado por um chapéu de abas caídas. Ensaio para ele um sorriso desafiador, mas ele não me parece ver, imutável na sua posição que deve ser incômoda. A campainha, atrás de mim ou ao meu lado, volta a estridular com força. Não, não atenderei — sei o que querem de mim. O telefone insiste, cada vez mais forte, e no andar de cima alguém bota a cabeça para fora e me grita: "E" para o senhor. Que a moça se matou. O enderêço do senhor. Vão jogar o corpo no mar". Não respondendo. Fixo os olhos no oceano, além do numeroso grupo de pessoas que se postou de frente ao edifício, a me fazer gestos que não compreendo. Os olhos me doem, e através deles, como de duas veias latejantes, vejo Maria passar, mansa e estirada, sobre a superfície quieta do mar. Grito para as pessoas, na rua: "Vejam! Vejam! Atrás!" Ninguém parece me entender. Abro às pressas a porta do apartamento, escorrogo pelos quatro lances da escada, atravesso a rua correndo

(Continuação da pág. 19)

[illegible]

BILHETES DO MEIO DO MUNDO

Por D. G. COIMBRA

COPENHAGUE (6-9-48) — Já estamos aqui desde ontem à tarde. O mundo está mesmo ficando pequeno. Por volta das duas horas da tarde passamos pela Alemanha e vimos Hamburgo com inúmeros quarteirões completamente arrasados pelos bombardeiros aliados. Eram quase 17 horas quando saltamos do nosso avião. Já havíamos ficado acostumados com ele de tal modo que sentimos saudade ao deixá-lo. Tal qual como quando se deixa um bom navio. As refeições e bebidas as mais deliciosas e abundantes eram-nos servidas com tal frequência que parecia que passávamos o tempo todo a comer e beber. A última refeição, às 15 horas, consistiu de um filé "mignon", salada, aspargos, batata frita, "petit-pois", "consomé", pão e manteiga, queijo suíço e um doce finíssimo de Lisboa, uma queijadinha da confeitaria Vitória, acompanhando isso vinho tinto francês e "Lacrima Cristi" e Vinho do Porto. Eu que sou de pouco comer e geralmente não presto atenção ao "menu", não posso deixar de me lembrar dessas coisas gostosas.

Ao descermos do avião o conferente não quis abrir ou examinar as nossas malas e quando lhe chamei atenção para a caixa de charutos e quarenta maços de cigarros, ele sorriu e disse-me que era pouco e que iria ainda comprar mais na Dinamarca! Um jovem delicado entregou-nos duas folhas de coupons de racionamento onde, além de comidas, há coupons de cigarros, sabonetes e chocolates. Estamos num excelente hotel que a S.A.S. gentilmente nos arranhou. Ao chegarmos no aeroporto recebemos logo uma amável carta do chefe de "Relações com o Público", dando-nos várias informações úteis e avisando-nos o endereço do hotel. Este hotel é inteiramente novo, todo de madeira, um andar só, com quase cem quartos, lindamente mobilados, com água quente e fria, um bom restaurante servido como em quase todos os outros daqui por moças amáveis que falam inglês. A língua aqui, a dinamarquesa, é um pouco forte para mim, mas com inglês, alemão, mimica, boa vontade e sorrisos, vamos nos entendendo bem.

Hoje à noite tomamos o bonde número seis pelo lado contrário e fomos até o outro fim da linha. Levamos quase duas horas andando de bonde, mas foi divertido. A culpa foi minha. O que aconteceu foi, mais ou menos, o que seria no Rio, uma viagem a Tijuca quando se quisesse ir a Copacabana ou em São Paulo, ir parar na Lapa quando o nosso destino fosse Vila Mariana. Os outros passageiros nos explicaram amavelmente que o bonde número seis tinha ido pelo lado contrário e que Ostrepor era muito longe... Naquele bonde ninguém sabia inglês ou alemão e tive que ir adivinhando o que nos estavam explicando... foi gozado!

Hoje nos cais do mercado de peixe fomos almoçar num famoso restaurante especializado. A casa tinha somente umas vinte mesas e um garçon. Tudo muito "chic" e como tudo aqui é limpiíssimo. Coitados dos nossos "comandos" se dessem um passeio pela Dinamarca! Cada prato é feito de encomenda. O nosso demorou uma hora parecendo até que o cozinheiro tivesse ido na beira do cais apanhar os peixes. Quando o garçon colocou a travessa sobre a mesa, que maravilha! Filés de "sole" à milanesa, cham-pignons, lagosta, pirão de batata, camarões, macarrão "au grantin", aspargos e um delicioso peixe branco (também filé), enfim, um prato tão bem apresentado, tão apetitoso, tão bem feito, que comemos todo e mal havia lugar para uns doces muito finos, com creme, uma especialidade da casa. Nenhum rei, nem do petróleo ou do aço poderia comer melhor do que comemos hoje no almôço. Custou-nos tudo cento e vinte cruzeiros, mas valeu a pena. Havíamos ido com intenção de almoçar, apenas, "peixe com batatas", mas o homem nos serviu um régio banquetel! Às vezes é muito bom não se entender a língua do país.

Copenhague está repleta de lugares pitorescos, pois é cortada por numerosos canais que avançam pela cidade, fazendo de certos trechos da metrópole uma autêntica Veneza. Há grandes "magasinetes" por aqui. Alguns, como o Du Nord, ocupam um quarteirão todo e ainda sobram pelas ruas do lado, com escadas rodantes, elevadores etc. Tudo muito bem arranjado, com armações moderníssimas, luz fluorescente, boas mercadorias e grande variedade. O que notei foi pouca quantidade de mercadorias estrangeiras. Quase tudo fabricado aqui mesmo. As mercadorias são de boa qualidade, preços acessíveis, como por exemplo: camisas, cem cruzeiros; meias de lã, trinta e cinco cruzeiros; sapatos, duzentos e cinquenta cruzeiros.

O gosto cá da terra é sóbrio de mais, pois ainda há colarinhos em pé, de pontas viradas. As minhas gravatas americanas estão completamente sôzinhas aqui. Quando o pessoal vai falar comigo, olha para a gravata e começa descascando inglês. É uma vantagem, pois eu não tenho cara de norte-americano, mas a gravata tem. Isso evita o gajo perder tempo me experimentando em outras línguas mais complicadas para ele. Visitamos, hoje, uma agência do correio num subúrbio distante, grande, bonita, bem limpa, tudo direitinho nos seus lugares. Nas caixas das esquinas notamos o horário das coletas. São nove por dia e três somente aos domingos. Os carteiros andam com um elegante palitô vermelho e muitos trabalham de bicicleta. A bicicleta aqui é muitíssimo usada, tanto que há calçada para os pedestres, um caminho somente para os ciclistas e depois a rua para os automóveis. Milhares e milhares transitam por toda a cidade, moças, velhos, crianças, aleijados, são, todo mundo anda de bicicleta. Hoje vimos um homem com uma perna só andando num modelo especial de bicicleta e outro que não podia sentar-se andando em pé em outra bicicleta especial, com espaldar. Não levam placas ou números e não pagam licença. Há milhares de lugares para guardá-las e enchem as ruas como os autos no Rio. À tarde, quando se fecham as lojas, por volta das 17 horas, é um tal de passar ciclistas pelas ruas como nunca vi! As mães colocam uma cesta atrás e ali levam seus bebês. As avenidas largas são numerosas, assim como praças e lindas praças e isso, mais os canais, aumentam consideravelmente a área da cidade. Devido às bicicletas e ótimo serviço urbano de trens elétricos, o número de autos é pequeno, talvez para uns vinte mil passageiros. A grande maioria é de carros europeus, tipo pequeno. Somente vimos um grande e lindo auto quando um príncipe e princesa do Palácio Real saltaram para tomar chá no Hotel D'Angleterre, hoje à tarde.



O centro de Copenhague, onde quisemos ficar hospedados mas não foi possível porque os hotéis estão cheios. Ficamos a dez minutos de bonde do centro, correspondendo a passagem a Crs 1,20



NÃO! mandei pintar com

OPEX



- Se quer que o seu automóvel fique brilhando como no dia em que saiu da fábrica, mande repinta-lo com OPEX — a lacca de secagem rápida. OPEX dá um acabamento perfeito e protege seu carro contra o tempo. Visite uma boa oficina de pintura para maiores detalhes — e faça a sua seleção entre as 41 cores modernas que OPEX lhe oferece.



Para os que preferem repintar o seu carro com esmalte sintético a Sherwin Williams recomenda — KEM-TRANSPORT.

TINTAS E VERNIZES
SHERWIN WILLIAMS
DO BRASIL SA

São Paulo - Rua Barão de Itatinga, 124 - Revendedores em todo o País

56.515

os Fells havia cerca de dezessete anos. Margaret, que era mãe de oito filhos, pertencia à Sociedade de Amigos. Franqueara as portas da sua ampla residência às reuniões dos quacres. Intercedera por eles quando presos, e em duas ou três ocasiões ela própria havia sido encarcerada por causa dos seus correligionários. Nobre de origem, atraente, culta e riquíssima, ter-lhe-ia sido fácil conquistar posição elevada na sociedade e ser recebida na corte real. Mas sacrificou tudo isso pela ignominiosa companhia de George Fox e seu andrajoso bando de pios vagabundos.

Quando casou com Fox tinha cinquenta e cinco anos de idade, era ainda bela. Fox contava então quarenta e seis anos. O rei da Inglaterra mimoseou os dois com uma sentença de prisão, à guisa de presente de núpcias.

Sua união foi, talvez, uma das mais curiosas da história. Em grande parte, não passou de um casamento epistolar. Quando não estavam presos, andavam excessivamente ocupados em difundir o evangelho da paz, para despendar algum tempo na companhia do outro. Durante os vinte e dois anos de sua vida de casados desfrutaram, ao todo, menos de cinco anos de convivência.

No entanto, havia entre ambos uma afeição terna e profunda. O primeiro pensamento de cada um, como se observa de sua abundante correspondência, era sempre o bem-estar do outro. Um dia Fox recebeu da mulher uma quantia em dinheiro com que comprar para si um casamento. Gastou prontamente o dinheiro numa fazenda carmesim para um manto que, a seu ver, o "Amado Coração precisava mais que eu um sobretudo". Nas cartas, sempre tratava Margaret de *Amado Coração*.

Repetidas vezes, quando parecia ter esgotado as suas forças, Margaret lhe rogava que viesse a Swarthmore para ter o repouso de que muito necessitava. Mas não lhe seria dado repousar enquanto houvesse pessoas por "convencer" e injustiças que reparar. Certa ocasião, quando ele já estava bastante avançado em anos, ouviu dizer que "numa cidade a oito milhas de distância... havia uma sessão de juizes para tratar do ajuste de criados". Não tendo conseguido um cavalo, "corri para lá" — na linguagem do *Diário* — "tão depressa como pude. Quando cheguei à casa onde estavam... exortei os juizes a não oprimir os empregados nos seus salários". E — tal era o equilíbrio da sua balança de justiça — exortei os criados a cumprir suas obrigações e servir com honestidade".

Assim viajava de cidade em cidade e de país em país, na sua incessante peregrinação de paz. Ouvindo falar (em 1670) dos padecimentos dos quacres na América, partiu para o novo mundo num frágil navio denominado *Industry*. Os marinheiros e passageiros eram obrigados a dar à bomba dia e noite para impedir o barco de ir ao fundo.

Além dos perigos do vento e da água, havia o perigo dos saltadores do mar. Durante vários dias o navio foi perseguido por piratas da Barbária. Mas o *Industry* logrou escapar-se numa tempestade — "o Senhor me mostrou que tinha colocado sua vida e poder entre nós e o navio que nos dava caça" — e, depois de sessenta dias

de uma viagem "guiada pelo céu", o profeta quacre chegou a Barbária, nas Antilhas Britânicas.

Fox sofreu severo ataque de febre reumática no decorrer da viagem, e mesmo depois de desembarcar na América. Entretanto, ele não dava atenção a coisa tão insignificante como o padecimento físico. Sempre continuava a trabalhar até cair literalmente no chão. Assim que desceu do navio, pôs em ordem a sede dos quacres nas Antilhas, divulgou uma declaração de independência dos escravos negros — declaração que poderia ter evitado a Guerra Civil de 1861, se o mundo desse ouvidos a George Fox em 1671 — e depois continuou a viagem ao continente americano.

Sua presença era muito necessária nas colônias americanas. No zelo de garantir a segurança do novo país para os puritanos, os Pilgrim Fathers tinham-no tornado extremamente inseguro para os quacres. Na "sangrenta cidade de Boston", quatro chefes quacres — William Robinson, Marmaluke Stevenson, William Leddra e Mary Dyer — tinham sido enforcados pelo único crime de pôr os pés em Massachusetts contra a vontade do governador Endicott. Na mesma cidade, homens e mulheres eram lançados à prisão por seu "atrevimento" em oferecer uma tigela de leite a um quacre. Em Dover, três mulheres quacres foram condenadas a serem amarradas à traseira de uma carroça e arrastadas pela neve através de nove cidades da Nova Inglaterra. Os constables dessas cidades receberam ordem de "tomar essas vagabundas quacres e... açoitá-las nas costas, não excedendo a dez vergastadas em cada uma delas em cada cidade, e assim fazê-las passar de um a outro até que saiam dos limites da nossa Jurisdição". Essa ordem foi assinada pelo Honorabilíssimo Richard Walden e executada pelo Reverendo Mr. Raynor.

Quando Fox chegou à América, pouco pôde fazer para abrandar os corações dos puritanos, mas fez muito para fortalecer os corações dos quacres. Acima de tudo, persuadiu-os da conveniência de manter uma atitude destemerosa diante dos fortes e proceder com benignidade diante dos fracos. Em toda a história dos quacres, nunca se ouviu dizer que tivessem cedido a outras pessoas. Mas, por outro lado, jamais compeliu outras pessoas a ceder a eles. Releva atentar no fato que, durante os setenta e cinco anos de domínio quacre na Pensilvânia — a "Idade de Ouro" da tranquilidade colonial, — nem um único indígena foi lesado por um quacre, e nem um único quacre foi chacinado pelos indígenas.

VI

Quando Fox voltou da América, tomou um breve descanso e logo recomeçou a sua eterna peregrinação em busca da justiça. Foi à Holanda e à Alemanha, recebendo tranquilamente os insultos e "convencendo", lutando sem cessar pelo triunfo de sua dupla missão — o estabelecimento da tolerância religiosa e da paz universal.

Metade da batalha foi ganha em 1687, precisamente quatro anos antes de sua morte, quando o rei James II lançou a Proclamação de Indulgência, em que concedia liberdade de pensamento e liberdade de palavra em assuntos de religião. Quanto

ONDE CAFIASPIRINA CHEGOU A DÔR PAROU



CAFIASPIRINA

ALIVIA E REANIMA

NÃO SOBRARA NADA!

Os Magos da Culinária

• Pudera! Tão saborosos... E aqui está o segredo de alimentos deliciosos, apetitosos e de fácil digestão:

AMIGO DE MELO
MAIZENA
DURVEA
MARCAS REGISTRADAS

Verifique o acampamento índio em cada pacote

A "MAIZENA DURVEA" 49- 4 6
Caixa Postal, 6-B - São Paulo
Peça enviar-me, GRATIS, o livro "OS MAGOS DA CULINÁRIA"

NOME _____
RUA _____
CIDADE _____ ESTADO _____

RUGOL

O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

Senhoras!
Se a
Natureza Falha
MENAGOL
REGULA!



MEDALHA PARA CARMEN!

Arl Barroso reclama, para Carmen Miranda, a concessão de um prêmio intitulado "Embaixatriz Artística do Brasil", a ser concedido pela municipalidade. Justificando sua proposta, o ilustre edil salienta o quanto a "estrela" tem feito pela difusão da nossa música popular em terras estrangeiras, a ponto de tornar o Brasil mais conhecido no próprio continente americano. Tal projeto, cuja finalidade é distinguir uma cantora que, a custa do próprio valor, triunfou nos principais centros artísticos do mundo, merece aprovação unânime de quantos têm assento na Câmara Legislativa do Distrito Federal. Ele vem coroar os esforços de modesta artista que tudo tem feito para elevar o nome da terra que lhe proporcionou os primeiros passos na carreira que abraçou.

Carmen Miranda através de sua participação no rádio, no teatro e no cinema norte americano, prestou maiores serviços ao Brasil, do que muitos diplomatas de carreira. Conceder-lhe o prêmio "Embaixatriz Artística do Brasil", é premiar os esforços dispendidos na batalha pela implantação da música do morro noutras plagas. O triunfo da "Pequena Notável" não deixa de ser uma extraordinária vitória da música popular brasileira. E' que onde Carmen estiver, estarão as nossas melodias, que ela sabe interpretar como ninguém. A' Carmen, portanto, o prêmio "Embaixatriz Artística do Brasil". Quem o pede, é uma das mais representativas figuras de nosso meio musical. E' o autor da mundialmente famosa "Aquarela do Brasil", companheiro da "Pequena Notável" na gloriosa jornada artística. E' o leitor que, além de cuidar dos problemas ligados à vida da cidade, também faz samba e conhece o quanto de sacrifício se tornou preciso para que a música do morro triunfasse na Broadway.

A. Migueis

ENQUANTO HOUVER AMOR (Valsa)

De Ciro Monteiro e Dias da Cruz.

Enquanto houver amor em mim
Somente se Deus não quiser
Jamais em minha vida
Serei de outra mulher
A vida por um beijo teu
E' pouco, grande bem!
Meu sonho multicolor
Nasceu, floriu, por nosso amor
Se o mar em reticências diz
O quanto sabe ser feliz
Beijando a branca areia
Sob o sol que nasceu
Por que guardar segredo
Teu beijo me envenena
Enquanto houver amor em mim
Serei teu, todo teu...

AS IF I DIDN'T HAVE ENOUGH ON MY MIND

De C. Henderson H. James e L. Newman.

As if I didn't have enough on my [mind]
I had to meet you
As if I didn't have enough on my [mind]

You'll feel from the blue
I couldn't sleep at night
And then you came in sight
So, now my cares are multiplied by [two]

As if I didn't have enough on my [mind]

I had to meet you
Why did it happen?
Adorable you.

À outra metade da batalha, a pugna por uma Sociedade de Amigos pacífica e sem ódio, Fox estava convencido de que também essa terminaria por ser ganha.

Mas não em vida dele, pois o seu vigor se exauria. Num dia de inverno, em 1691, pregou um sermão pacifista na reunião da Igreja da Graça, em Londres. Ao voltar a casa, sentiu um frio que parecia "penetrar-lhe no coração". Deitou-se na cama, tranquilo e satisfeito. "Em poucos dias fui de estar bom".

Conversou com os amigos a respeito da sua obra. O que quer que acontecesse a ele, deviam prosseguir. "Espalhai entre os vossos irmãos, por toda parte, a religião da vida... Ensinai-lhes que só existe no mundo todo um único templo — o coração do homem. E' aqui, e não no firmamento ou numa casa de campanário, que encontrareis a santa morada de Deus... Deus habita o coração humano, todos os corações humanos. Pois, na divina balança da misericórdia, todos os homens são iguais".

Sua voz calou-se. "E' unicamente na silenciosa adoração", ensinara ele à sua Sociedade de Amigos, "que podemos ouvir a voz meiga da verdade". Então, quando todos pensavam que tinha adormecido, tornou a falar. "Há um oceano de trevas — e, mais além, um oceano de luz". As palavras seguintes foram pronunciadas em voz tão baixa que mal puderam ser ouvidas. "Por fim estou esclarecido, completamente esclarecido".

E os presentes compreenderam que seu chefe tinha "passado das trevas para a luz".

(Do livro "Vidas de grandes capitães da fé".)

Você já sabe qual a sua... (Continuação da pág. 34)

a guerra e suas conclusões sobre as neuroses de guerra foram aplicadas com êxito por outros países.

O teste criado por ele, a que já aludimos, ou seja, o miocinético, dedica-se a medir a tensão psico-motriz dos indivíduos; foi primitivamente idealizado para aviadores a fim de selecioná-los; mas os resultados foram tão completos que o professor Mira resolveu ampliá-lo, para que pudesse ser aplicado em qualquer pessoa; esta prova mede também a inteligência e a personalidade e pode ainda informar ao técnico que saiba utilizá-la, sobre os prognósticos de doenças mentais; como se vê, torna-se deveras interessante a sua contribuição no terreno da higiene mental profilática.

Ultimamente o dr. Mira Y Lopes tem dedicado as suas atividades no sentido de criar institutos de orientação profissional da América Latina e para isso tem sido convidado por vários países como Argentina, Uruguai e Brasil. Personalidade vibrante e sempre jovem, integra-se rapidamente no ambiente e sua análise do homem brasileiro, dos seus problemas e das soluções possíveis tem sido apresentada com rara felicidade através de conferências e estudos.

O professor Mira Y Lopes, apesar de ser um teórico consegue também, o que é raro, realizar suas idéias no terreno prático; na sua opinião, o psicólogo moderno não deve se enclausurar dentro de um gabinete e ditar as condições para os seus consulentes, mas vir um pouco para fora e ver a vida, a fim de que possa melhor entender as dificuldades humanas, e resolvê-las sem transcendentalismos. Sua última palavra sobre a orientação vital e psicoterapia é algo de utópico, porque a vê como uma possibilidade para todos, por meio de seguros sociais, e não apenas, em clínicas fechadas e selecionadas, tais como as dos psicanalistas.

E', pois, o professor Mira Y Lopes uma personalidade cativante, sempre interessado pela pessoa humana e seus problemas, colocando as pessoas rapidamente num perfeito à vontade e sintetizando

em si mesmo, o que ele chama de empatia, e que todo psicoterapeuta deve possuir, ou seja, capacidade de se identificar com os pensamentos alheios. Mas ouçamos um pouco o que diz o supervisor do ISOP:

— Professor — indagamos — qual a finalidade principal do Instituto?

— Estabelecer um consórcio entre o trabalho e o trabalhador por meio do estudo das características do primeiro e das aptidões do segundo.

— Qual tem sido a repercussão encontrada no meio cultural e do trabalho?

— Ambos têm revelado bastante interesse; a prova disto os vários pedidos de exames parciais e globais que temos satisfeito; um banco da Bahia nos pediu que selecionássemos candidatos; uma funcionária foi até lá especialmente para a aplicação de provas, que foram aqui organizadas; estamos também fazendo um trabalho de seleção de pessoal de construção civil para o clube de engenharia, de tecelões para a companhia Petropotiana e ainda mais de todo o corpo discente do Instituto Rabelo. Fizemos ainda o estudo e seleção de imigrantes na Ilha das Flores e atendemos diariamente a um grande número de casos individuais que nos procuram e aos quais damos diagnóstico e muitas vezes orientação e tratamento psicoterápico. Para um ano de existência o ISOP tem trabalhado muito, como se vê.

OUTRAS ATIVIDADES DO ISOP

Mantemos, ainda, — fala o professor — um serviço de pesquisa que irá beneficiar futuramente o trabalho de seleção profissional, tais como a fisiologia do trabalho e o estudo da fadigabilidade, que é um dos capítulos mais vastos e importantes da psicologia moderna. Há um tipo de pesquisa que estamos realizando no SENAI e que é bem interessante — a do estímulo perturbando a aprendizagem.

Depois de ouvirmos a lição do professor, resolvemos trocar por miúdos o assunto seguinte: tomou-se de duas turmas de alunos, homogêneas e equivalentes; a uma deixou-se que aprendesse nas condições rotineiras; mas a outra sofre, a cada instante, durante a aprendizagem, interrupções imprevistas e extemporâneas como: puxões dos braços por trás, chamados e ruídos irritantes, tudo de forma a colocar o indivíduo numa situação de expectativa permanente para o que der e vier, sem, no entanto, desviar a atenção principal do trabalho que está realizando. Podemos figurar perfeitamente a situação como um indivíduo cacete a nos importunar, sendo que, a única diferença é que este importuno é um técnico em psicologia, vindo especialmente da Europa para esta pesquisa.

No fim de algum tempo examina-se o aproveitamento das duas turmas; verificou-se até agora, que a turma que aprendeu em doce sossego, aprendeu mais depressa no princípio, mas se deixou levar pela automatização; ao passo que a turma que não teve paz de espírito, demonstrou mais na fase inicial de aprendizagem, mas, em compensação, fixou melhor o conhecimento e reage bem (o que é importante) a todas as situações do trabalho, previstas e imprevistas.

Esta prova está sendo realizada simultaneamente aqui e em Paris pelo professor Ombredane, psicólogo que já esteve entre nós; ninguém deu ainda a última palavra no assunto, mas seu objetivo é dos mais importantes para a indústria, bem como para vários setores da atividade humana, porque visa combater o automatismo, que é o responsável direto por vários acidentes de trabalho. Será resolvido o problema que Carlitos apresentou em "Tempos Modernos" sobre os males da industrialização excessiva?

VANTAGENS DA ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

Muitos pais já compreendem hoje em dia que os filhos não devem seguir esta ou aquela profissão, somente porque é a do seu genitor ou a da família. As leis da hereditariedade nos dizem que os filhos não são iguais aos pais e que na formação de um novo ser intervêm vários fatores, de antecedentes, combinando-se por leis de probabilidade; não há razão, pois, de a profissão ser forçosamente hereditária; cumpre então estabelecer por um estudo, qual seja a verdadeira vocação. Os jovens são levados a adotarem

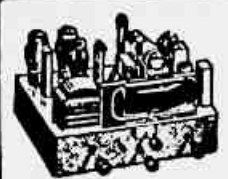


O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas de nicotina acumuladas nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedras nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas.

NICOTAN

CREME DENTAL ESPECIAL PARA FUMANTES

Mitigal



APRENDA RÁDIO

por correspondência, pelo método ultra moderno da maior escola do Brasil. Ensino prático em 25 semanas. RÁPIDO — EFICIENTE — ECONÔMICO. V. S. RECEBERÁ GRÁTIS: Jogo de ferramentas — Instrumento de medição Tester — Manual de reparações rápidas — Manual de circuitos — Manual de válvulas. Mande hoje mesmo o coupon abaixo devidamente preenchido.

INSTITUTO MONITOR LTDA.
RUA AURORA, 1021
São Paulo

Solicito o folheto grátis: "Como ganhar dinheiro no Rádio".

Nome

Rua

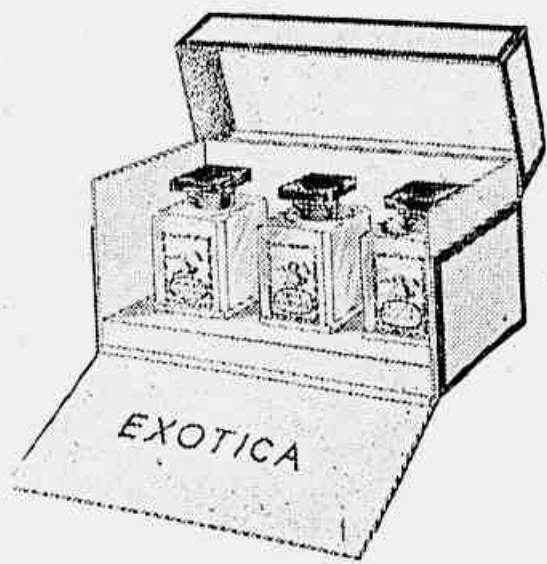
N.º

Cidade

Estado

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

PERFUMES EXÓTICA



Para qualquer parte do Brasil ser-lhe-á remetido, pelo Correio, este lindo estôjo com 3 vidros de finos e exóticos perfumes diferentes

**Pelo Reembolso Postal
Cr\$55,00**

Sem qualquer outra despesa

Faça seu pedido à

Perfumaria Exótica

Rua Campos da Paz, 165-RIO
Fone: 48-8137

JOALHERIA ATLAS

Preços especiais de 1.º aniversário. Oferecemos um mundo de relógios suíços, folheados e cromados, artigo finíssimo para senhoras e homens elegantes. Relógios folheados, cromados, de bolso e de pulso, legítimos suíços, de 15 rubis, a 475, 395, 350, 300, 295 e 290 cruzeiros.

**DESPERTADORES
SUÍÇOS A
CR\$ 70,00**

Vendas pelo Reembolso Postal com mais Cr\$ 10,00 para a remessa



Rua da Carioca, 43 - Rio

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feita quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O creme de alface "Brilhante" permite a pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O vício, o brilho de uma pele viva e saudável volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alvir & Freitas S. A.

a profissão da moda, porque, em todas as épocas, há profissões mais sedutoras; em 1880, por exemplo, na América a aventura do ouro levou toda a mocidade a se tornar pioneira; hoje a aviação atrai o maior número de jovens. Mas o que resta saber, é se realmente eles são dotados de capacidade para as funções que elegem, para que não se criem grandes legiões de desiludidos e fracassados.

Vemos, portanto, que há uma destacada diferença entre os interesses que uma pessoa possa ter por determinado tipo de trabalho e as aptidões que possui, isto é, inteligência e habilidade para exercer a atividade que lhe interessa. Na escolha de uma profissão intervêm múltiplos fatores tais como: interesse, aptidão, personalidade e capacidade física e psíquica. Para que um trabalho seja elegível como ideal para um indivíduo é preciso que reúna o maior número de fatores favoráveis destes requisitos.

Todas estas condições são hoje medidas por provas, elaboradas por psicólogos e o conjunto destas provas chama-se uma escala. As provas, na maioria das vezes, são traduzidas e adaptadas às condições do ambiente. Muito tem avançado a psicologia no sentido de medir as funções psíquicas; a inteligência, por exemplo, é uma das atividades cerebrais mais suscetíveis de medição. As provas prevêem variações de idade e cultura e tanto pode se medir a inteligência de um sábio quanto a de um analfabeto. Inteligência, diz Claparede, um psicólogo francês, é a capacidade de resolver problemas novos; quase todos os testes de inteligência estão baseados neste conceito.

Quanto à personalidade recebeu a original contribuição do teste de Rorschach, um psicólogo que é considerado genial e sobre a sua obra outros estudiosos têm estabelecido até novas teorias: foi ele o criador do teste que tem o seu nome e que é a mais abalizada das provas individuais para se conceituar a personalidade individual; tem sido aplicada em vários países e sobre ela há verdadeiros montões de trabalhos estatísticos. Outra prova de personalidade também aplicada no ISOP é o Thematic teste, ou seja testes de temas, ou histórias, de Murray — um psiquiatra americano.

Há ainda vários questionários, tendentes a revelar interesses e desejos individuais, bem como o relato da própria vida, feito naturalmente no mais sigiloso dos aspectos. Além destas provas psíquicas há outras que medem as atitudes, a fadigabilidade, a força-motriz, o processo de aprendizagem, as aptidões musicais, a orientação no espaço, as aptidões artísticas etc.

Um musicista, por exemplo, que queira saber se a sua aptidão musical destina-se ao virtuosismo ou à criação terá resposta por meio dos testes e da sua interpretação. Todas as provas são aplicadas por técnicos em psicologia, interpretadas por técnicos e recebem a síntese e o diagnóstico do professor Mira Y Lopes, que trabalha coordenadamente com a sua equipe. O caráter eclético da orientação profissional, visto que se utiliza das contribuições de várias escolas e aplica um conjunto de provas elaboradas e adotadas por diversos psicólogos, dá-lhe um aspecto essencialmente prático e eficiente, porque se atem às condições da vida e não se perde em disputas doutrinárias. O teste também é encarado tão somente como um fator auxiliar na apuração dos resultados e não como uma prova categórica.

Além de todos esses exames faz-se a anamnese, ou seja, a história clínica hereditária e social do indivíduo. Exames médicos, somáticos e psiquiátricos fazem parte da rotina da orientação, pois muitas vezes, as condições físicas de um candidato o impossibilitam para a profissão escolhida, ainda que suas aptidões o indiquem para esta mesma profissão.

Percorri o Instituto com a mais ampla liberdade, mas o leitor há de compreender que não posso descrever detalhadamente os testes e muitas das outras provas, que só têm valor, graças ao ineditismo para o examinando; seria, pois, um abuso de confiança, revelar particularidades dos exames, cujo conhecimento só deve caber aos técnicos. Mas uma coisa asseguro: tudo é feito dentro de um espírito rigorosamente científico, de honestidade e sinceridade. É uma reflexão nos leva forçosamente para o porvir: como seria um mundo delineado segundo as leis psicológicas? Sem problemas pes-

soais, sem fracassos, de ódios sublimados e com todas as tendências e talentos aproveitados? Mas isto é um assunto para romance fantástico, por isso, voltemos à nossa reportagem.

MENOS DESASTRES NA CIDADE MARAVILHOSA

Terminamos esta reportagem com uma notícia alviciante para os cariocas: o professor Mira Y Lopes está em entendimentos com o Serviço de Trânsito, a fim de que os choferes profissionais prestem exames psicotécnicos, que determinem quais os realmente habilitados para a profissão, que dispõe tanto da vida humana; só aguardam a chegada de aparelhos de medição. O dr. Mira Y Lopes utilizará as suas experiências feitas em Catalunha e em Londres, a fim de reduzir a um mínimo o número de desastres que assola hoje em dia a nossa capital. Diz o professor que o caso é perfeitamente solúvel; portanto, carioca, tome cuidado com os sinais e com a faixa, enquanto os aparelhos não chegam, porque, depois, isto aqui será um céu aberto para o pedestre...

A vaca é honesta...

(Continuação da pág. 11)

nas custa mais de mil cruzeiros. A média diária de lucro gira em torno de vinte e quatro cruzeiros e não chega para a manutenção dum nível de vida que é grudentamente baixo. Além disso, acrescentam os vendedores ambulantes que são eles os únicos que trabalham de 1.º de janeiro a 31 de dezembro, sem um dia de interrupção.

Não vou examinar a questão. Estou dando os fatos que encontrei num volumoso processo e neles vejo que todos querem ter razão.

Vejo, porém, que a Usina Central do Leite de Belo Horizonte deu, somente num mês deste ano, o lucro de Cr\$ 128.000,00 e que esta usina foi entregue aos poderosos produtores mineiros.

Nisso tudo, entretanto, não vi a palavra do consumidor e se ela esteve presente foi tão a medo, por não ter sido chamado, que não deu na vista.

A VACA É HONESTA...

Na verdade, o povo paga o aumento mas nunca sabe como argumentaram os que conseguiram que esse aumento fosse concedido. Quem vê um dos processos através dos quais as "coisas" se arranjam, ou frequenta as reuniões das alegres comissões de preços, conhece os meandros pelos quais caminham os interessados em que os preços subam. Há casos, em que tais comissões deliberam duas, três, quatro e mais vezes, até que a solução chegue ao ponto ótimo para os exploradores do povo.

Não tem realmente adiantado a grita daqueles que são de fato os maiores interessados — os consumidores. De uma forma ou de outra, o aumento acaba vindo, pois os que o desejam são engenhosos, não são o que poderíamos chamar de "burros" e conhecem as trilhas que vão dar no céu aberto dos grandes lucros. Jamais arreganham eles os dentes. Mostram-nos, sim, porém por via de um sorriso, sedutor sorriso que é um "abre-te, Sesamo" para todas as portas.

No assunto "leite", todos são interessados: o fazendeiro, o intermediário, o governo e o consumidor.

É preciso saber a quem se deve acusar de verdadeiro responsável pelo seu constante e continuado encarecimento.

É preciso lembrar que todos se julgam cobertos de razão, embora nem sempre o sejam, a não ser o consumidor que grita. Dessa acusação porém todos se defendem, pois nelas todos são incluídos, inclusive a vaca.

É, pois, bem justificável que um fazendeiro, dono de muitas vacas e senhor dos segredos dos negócios do leite, tenha vindo a público para defendê-las...

Vi a sua defesa, num memorial assinado por muitos fazendeiros: "Acusa-se o fazendeiro e a vaca de esconderem leite". Isso não é verdade. A vaca é honesta e, se nestes tempos de pastos duros, não produz mais leite, é a isso levada por uma fatalidade fisiológica".

Sim, no negócio do leite, a vaca é honesta. Apenas a vaca...

AS MULHERES LINDAS AFIRMAM:



**RUGOL é formidável
porque com um só creme
LIMPA, CLAREIA E
EMBELEZA A PELE!**

O Creme Rugol aplicado à noite, clareia a pele, deixando-a limpa, fresca e transparente. Usado como creme embelezador, suaviza a cutis e lhe dá um encanto irresistível. É excelente, também, como base para a maquiagem. Rugol é muito indicado para os casos de pele imperfeita, porque elimina cravos, rugas, espinhas e manchas. Comece a usar hoje o Creme Rugol, que dá à cutis maravilhosa brancura... diáfano esplendor de primavera...



Quase todas as imperfeições da cutis nascem nas camadas sub-cutâneas, onde é necessário estimular e nutrir a pele

Aplique Rugol todas as noites, com massagens de 3 a 5 minutos



**CREME
RUGOL**

Mantem em segredo sua idade, porque
LIMPA, CLAREIA E EMBELEZA A PELE

Publicidade para a
Revista da Semana
em São Paulo

Tratar com
**JARBAS DE FREITAS
GALVÃO**

Rua Brigadeiro Tobias, 613
2.º andar — Sala 217
Fone: 6-6718

Paulo Gracindo volta ao teatro

(Continuação da pág. 15)

panhia de Sandro Polônio inaugurará essa nova fase de suas atividades com uma peça verdadeiramente emotiva, original e, por vezes, bem humorada, que se chama "Sonata a quatro mãos" (Gli Addii), do autor italiano Guido Cantini. Filmada com grande sucesso na Itália e traduzida para vários idiomas, a interessante peça de Guido Cantini tem como "leit motiv" musical a famosa página de Beethoven intitulada "Les Adieux".

"Sonata a quatro mãos" é um romance de amor singularíssimo, vivido por um compositor célebre e uma musicista frustrada, analisando também, de modo sugestivo, os problemas da adolescência e as primeiras relações amorosas, ainda indecisas e contraditórias, de uma menina-e-moça. Em segundo lugar, será dada a grande peça inglesa "O amor de um estranho", de Frank Vosper e Agatha Christie, filmada há dez anos pela United Artists, com Basil Rathbone e Ann Harding. Não está fora de cogitação, igualmente, uma apresentação, no curso dessa temporada de comédia, da peça "Ele", de Alfred Savoir, que foi o maior sucesso dos Festivais Dramáticos de Quitandinha — e, possivelmente com o aproveitamento de Rodolfo Mayer e de outros dos intérpretes centrais dessa peça, em Petrópolis. Sejam alterados, ou não, esses planos, em decisões subsequentes, o fato é que nada disso tirará o especial relêvo que terá a volta de Paulo Gracindo ao teatro, depois de tão longa ausência, ao lado de valores como Olga Navarro, Maria Della Costa, Itália Fausta e outros.

Senhora Gregorian versus Beatriz...

(Continua na pág. 34)

ram mais de uma dúzia de países, demoraram-se longamente no velho Egito, na Itália e na Grécia. "E' um mundo cheio de maravilhas, este que eu vi — diz Beatriz Costa — mas de todas as cidades, a que se gravou para sempre na minha memória e no meu coração foi Veneza. Jamais esquecerei as suas pequeninas "calles" que percorremos à noite, ouvindo apenas o eco dos nossos passos e o canto em surdina de um gondoleiro".

— E depois? — indagamos.

— Depois, o grande conservatório de mistérios do mundo, que é o Oriente, depois a Inglaterra, a Grécia

Música

(Continuação da pág. 46)

como disse um crítico. Schonberg mandou afixar um aviso, na sala onde foi novamente executada a obra, declarando que ao público compete ouvir em silêncio... Isolando-se, conscientemente, músicos como Schonberg, depois, sofrem com a incompreensão. Mas, como surpreender-se com ela, se ele foi o primeiro a provocá-la, isolando-se numa linguagem inacessível e transformando sua música em complexo instrumento, abolida qualquer preocupação que não seja de exprimir-se "livremente"?... Indiferente aos que o ouvirão, ao público, como surpreender-se com a indiferença deste?

ALVORADA

Parcos aplausos, bastante constrangidos soaram, terminada a Sinfonia de Câmara. E a orquestra mergulhou na expansão melódica da Alvorada, de Carlos Gomes. Não é possível negar que o Tônico de Campinas, o nosso matutino inspirado, dispunha de uma arte bastante limitada, marcada pelo sentimentalismo. A orquestra imitando pássaros é mais uma inocente brincadeira do que uma expressão musical da alvorada. Não é possível negar que uma certa vulgaridade engrossa os traços da paisagem descrita, que o colorido é berrante. Mas, toda e inteira, a Alvorada tem a força humana de uma peça que, ainda ingênua, é marcada por sincero entusiasmo.

DE FALLA

Dispensaria, de bom grado, o bailado que acompanhou o Amor Brujo, de De Falla. Dava uma impressão de improvisação apressada. Embora adornado com a graça de Mariquita Flores, não chegou a impôr-se, artisticamente. Veltchek, excelente coreógrafo, não devia lançar-se numa tal aventura. Onde a agilidade lhe falta, ele a compensa com mimica expressiva, gestos largos, mas não chega a satisfazer. Mariquita Flores, quando irradiando simpatia, não impressiona, como bailarina. Manoel Monteiro, fraquíssimo, Ajara inexpressiva. Por que o bailado, então? Ele nada acrescenta, nas condições em que foi apresentado, à bela música de De Falla.

Porém, há a solista a mencionar, ainda, antes de apreciar a página sinfônica do compositor espanhol. Que estranha voz! Inexistente num registro, trejeitante no outro. Ora mal se ouvia, ora soava cavernosa. Não chegou a dar-nos uma interpretação da música a sra. Marieta Lopes de Souza. Para uma solista, ouvimos de menos, para um ruído estranho que perturbava a audição da orquestra, ouvimos demais!...

Mas, falemos de De Falla. Que extraordinária estilização ele nos dá, jogando com elementos típicos, populares! Que contensão, que colorido nítido e veemente, que projeta a visão de uma Espanha, o povo e a paixão, numa mistura de lendas, superstições e emoções humaníssimas. A linha firme da composição se inflama, em expressão poética, melodias se expandem, em longos haustos musicais. O que Schonberg, não conseguiu, com seu requinte, o ponto onde Carlos Gomes não chegou, com suas toscas expressões. De Falla atinge, numa página em que o povo atravessa a música, alargando-se na estilização os elementos extraídos da vida espanhola. "Amor Brujo", "Brujo" De Falla, Feiticeiro...

MÚSICA para VOCE





DISCOS CLÁSSICOS
ÓPERAS COMPLETAS

VITROLAS PORTÁTEIS E TOCA DISCOS PARA TODOS OS PREÇOS

DISCOS POPULARES
SAMBAS
RUMBAS
CONGAS
E OUTROS RÍTMOS

ALBUMS

RUA DO PASSEIO, 48/56

MESBLA

VISITEM NOSSA SECÇÃO DE DISCOS

AGULHAS BONOT

e agora Paris, Paris que sempre exerceu uma tremenda influência sobre a minha pessoa.

— E que foi que mais a impressionou durante a sua viagem pelo mundo?

— Stratford-On-Avon, aonde fui, com mais 250.000 pessoas do mundo inteiro, especialmente para assistir ao festival de Shakespeare. Espetáculo inesquecível, como aliás, todos os espetáculos que vi na Inglaterra, terra de teatro por excelência. Imagine que só no centro de Londres existem 47 teatros funcionando! E todos eles repletos. Só isso basta para uma grande atração, pois, se tivesse que morar na Europa, escolheria Londres para residência definitiva, por esse motivo.

— E que nos diz do teatro francês?

— No mesmo nível que o cinema. Estacionou. Em nada difere do que já foi antes da guerra. Deveras lamentável: as mesmas peças, as mesmas "toilettes" suntuosas, muita pluma, muita lantejoularia, muita mulher nua e uma absoluta ausência de espírito e de graça.

Devemos levar em consideração as consequências da guerra e ocupação que arruinaram a França, não acha?

— Sim, é verdade que a França muito sofreu, e os demais países? A Grécia, por exemplo, que ainda nem sequer saiu da guerra, continuando a sangrar a passandopor privações incriveis, possui, no entanto, um teatro de nível tão avançado que muitos países, a França inclusive, devem ir aprender com ela. Vi, em Alexandria do Egito, pela Troupe do Teatro Real da Grécia, a peça "Persas", de Esquilo, representada num palco erguido entre quatro palmeiras de um jardim imenso e iluminado apenas pela luz da lua. Foi algo que só pode ser visto apenas uma vez na vida.

— E o teatro italiano? — interrompemos.

— Magnífico! O melhor Teatro de Revista vi na terra de Eleanora Duse. Belíssimos artistas, riquíssimas montagens e corpos de baile maravilhosos. Outro país que muito sofreu com a guerra. Mas uma coisa nada tem com a outra...

JAMAIS VOLTAREI AO TEATRO!

— E já que estamos com as mãos na massa — perguntamos — pode dizer-nos se pretende voltar ao teatro?

— Jamais! Não trabalharei mais no teatro e foi isso o que afirmei à imprensa brasileira, logo depois do meu casamento.

— E diz isso tão suavemente depois de ter conquistado os louros que poucas atrizes conseguiram nestes últimos tempos?

— Não tenho queixa alguma contra o teatro. Ele me deu tudo o que pode dar a uma artista, inclusive a felicidade de o poder deixar exatamente no apogeu da minha carreira. Não quis envelhecer no teatro, por que não há nada mais triste do que ver passar os anos no palco, entre triunfos, fracassos, aplausos e lágrimas. Hoje sou uma assistente, uma espectadora, como trabalhava outrora.

— E quando vê um grande artista interpretar o papel que já foi seu, e quando ouve os frenéticos aplausos da multidão, não sente saudades do teatro? Não gostaria de estar no lugar daqueles que arrancam esses aplausos?

— Oh, não creia. O que sinto, realmente, é muita pena dos pobres artistas que se sacrificam para divertirem o público. Mas talvez faça cinema. Recebi várias propostas tentadoras para fazer um filme português em Hollywood. Por enquanto, faço um curso de... cozinha. Sim, quero aprender a cozinhar bem, para saber. A propósito, você vai almoçar conosco amanhã e terá a oportunidade de comer uns bolos que vou preparar. E vai ver como já sei fazer alguma coisa...

"AU REVOIR, PARIS!"

Telefonamos para Kathleen Grey, marcando um encontro no Quartier Latin. E' que já estamos com as malas prontas para embarcar para Londres, e não queremos perder a oportunidade de tirar algumas fotos do longo passeio que vamos fazer em companhia da notável ex-atriz.

Kathleen Grey comparece, enfim, e iniciamos a "maratona". Beatriz Costa examina atentamente todos os monumentos, deseja ver tudo, nos mínimos detalhes. Ela pretende ficar aqui muito tempo, portanto, cumprimenta Paris, nós, que partimos, lhe digamos até a vista, senão Adeus!

Decorridas algumas horas, findo o nosso passeio, ao despedirmos-nos, formulamos a última pergunta:

— E que nos diz do vestido comprido?

— A sala comprida não me atrapalha em nada. Como boa Saiola que sou, já estava habituada com ela. Eu tenho a impressão de que foi na minha terra, na Charneca do Milharado que os Jaques Faths, Lantini, Christian Dior, Piquet e outros criadores da moda, foram buscar inspiração... Com a diferença que lá, na minha terra, as salas compridas são simples e não cheias de "tró-ló-lós..." — finalizou com um jovial sorriso a ex-atriz lusitana.






ACIDO URICO

REUMATISMO

ARTRITISMO

GOTA

LYTOPHAN



MOLDURA QUE DIGNIFICA

Para obter conforto e distinção não é necessário encher a casa de móveis. Basta os indispensáveis, estofados de maneira original e habilmente combinados com os tapetes e as cortinas, de acordo com o ambiente, por um bom decorador, como neste exemplo: — forração de passadeira aveludada azul, cortinas de toile de Jony sobre gorgorão bege; grupo estofado, com almofadas soltas, em tecido rústico, de algodão.

MOBILIÁRIOS E DECORAÇÕES

Grande sortimento de passadeiras e tapetes ORIENTAIS (legítimos), ingleses, franceses, portugueses (Arraiolos) e nacionais em todos os tamanhos

NOVIDADES E MÓVEIS AVULSOS PARA PRESENTES



Fundada em 1912

65 — RUA DA CARIOCA, 67 — RIO

CURIOSIDADES Continental



O **AMAZONAS** percorre 5.800 quilômetros de sua nascente à foz, sendo o terceiro rio em extensão de todo o mundo e o que carrega em si o maior volume de águas. No Brasil são fumados diariamente 350 quilômetros de cigarros Continental. Para cobrir a extensão percorrida pelo Amazonas bastaria ligar os cigarros Continental fumados em 16 dias apenas em todo o Brasil

A ENORME preferência que se nota em todo o Brasil pelos cigarros Continental é o mais eloquente atestado de sua superior qualidade. Prefira também CONTINENTAL.

CADA CIGARRO SOUZA CRUZ É SEMPRE
O MELHOR EM SUA CLASSE



COMPANHIA DE CIGARROS *Souza Cruz*